

CLÁSSICOS DA GALIZA



Folhas Novas

Coleção “Clássicos da Galiza”

Volume 4

FOLHAS NOVAS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

www.aglp.net

© Edições da Galiza, 2011

Rosselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

polifona@polifona.com

www.polifona.com

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Hígino Martins Esteves

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-5-2

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

Folhas Novas

Rosalia de Castro

ÍNDICE

A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DAS <i>FOLHAS NOVAS</i>	9
DUAS PALAVRAS DA AUTORA	11
NOTA BIOGRÁFICA	17
<i>FOLHAS NOVAS:</i>	23
— LIVRO I <i>VAGUIDADES</i>	25
— LIVRO I <i>DO ÍNTIMO</i>	45
— LIVRO III <i>VÁRIA</i>	91
— LIVRO IV <i>DA TERRA</i>	167
— LIVRO V <i>AS VIÚDAS DOS VIVOS</i> <i>E AS VIÚDAS DOS MORTOS</i>	207
NOTAS FINAIS	263

A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO DAS *FOLHAS NOVAS*

Editar os textos galegos de Rosalia de um jeito linguisticamente digno é condição prévia a qualquer pretensão de normalidade na cultura galega. Ela, a única figura universal das letras modernas galegas, ao publicar os *Cantares Galegos*, abrigava o propósito de fazer acordar as energias do povo desta terra.

Editados os *Cantares* segundo o Acordo Ortográfico do ano '90, fica o repto decerto maior de fazê-lo com as *Folhas Novas*. É um livro mais difícil por várias razões: o tom escuro, o heterogéneo dos assuntos, mas sobretudo por estar mais distante da lira popular e das suas andadeiras linguísticas, que dão a segurança de sintagmas tradicionais para paliar as eivas que os séculos inseriram no idioma.

Nos *Cantares* pouco custou emendar as escassas fendas que a mesma Rosalia percebia na sua fala local. Quase tudo foi uma questão de léxico. Mas ao se pôr a fazer poesia na língua do país, nas *Folhas*, sem ajuda da tradição lírica popular, viu-se obrigada a recorrer à técnica versificatória aprendida na escola castelhana, na que polira a língua familiar, a castelhana da Galiza, em que os setores de bons recursos económicos viviam a mor parte da sua vida. Para dizê-lo mais breve, a língua das *Folhas* foi interferida pela ortoépia castelhana. A língua sofre sinéreses impossíveis em casos em que o português pede hiatos.

Os escrúpulos nesta ocasião foram maiores, mas o caso não admite delongas. Lembro o horror de professores de outras gerações ao insinuar a possibilidade de normalizar um texto sagrado, sentida como nefanda transgressão. Ora, se alguém quiser qualificar tal atividade como tradução, terá a liberdade de fazê-lo, e nós já temos a de tentá-lo com toda a alegria e também com o mais lídimo e verdadeiro dos amores a Rosalia.

DUAS PALAVRAS DA AUTORA

Guardados estavam, bem posso dizer que para sempre, estes versos, e justamente condenados pela sua própria índole ao eterno olvido, quando, não sem verdadeira pena, velhos compromissos me obrigaram a juntá-los depressa e correndo, ordená-los e dá-los à estampa. Não era isto, na verdade, o que eu queria, mas não houve outro remédio; tive de conformar-me com o duro das circunstâncias que assim o fizeram. “Vão embora – disse-lhes então – estes pobres engendros da minha tristura; vá entre os vivos o que já é pela sua própria natureza cousa de uma morta bem mortal!” E foram-se sem que eu saiba para quê, nem me faça falha sabê-lo.

Mais de dez anos passaram – tempo quase que fabuloso a julgar pela pressa com que hoje se vive – desde que a maior parte destes versos foram escritos, sem que as contrariedades da minha vida desassossegada, e uma saúde de cote débil, me permitissem apousar neles os meus cansados olhos e o meu fatigado espírito. Ao lê-los de novo, vi bem claro quão incompleto e pobre era este meu trabalho poético, quanto lhe faltava para ser algo que valha, e não mais um livro, sem outro mérito que a perene melancolia que o envolve, e que alguns terão, não sem razão, como fatigosa e monótona. Mas as cousas têm de ser como as fazem as circunstâncias e se eu não pude nunca fugir às minhas tristezas, menos meus versos. Escritos no deserto de Castela, pensados e sentidos nas solidões da natureza e do meu coração, filhos cativos das horas de enfermidade e de ausências, refletem quiçá com demasiada sinceridade, o estado do meu espírito umas vezes, outras a minha natural disposição (que não embalde sou mulher) a sentir como próprias as penas alheias. Ai!, a tristeza, musa dos nossos tempos, conhece-me bem, e de muitos anos atrás mira-me como sua, é outra como eu, não me deixa um momento, nem inda quando quero falar de tantas cousas que andam hoje no ar e no nosso coração. Tola de mim! “No ar” disse? No meu coração, inda mais [que] fora dele. Ainda que, na verdade, que lhe passará a uma pessoa que não seja como se passasse em todas as demais? Em mim

e em todos!, na minha alma e nas alheias!... Mas dir-se-á por isso que me tenho por uma inspirada ou que penso ter feito o que se diz um livro transcendental? Não, nem eu o quis, nem me creio com forças para tanto. No ar andam de avondo as cousas graves, é certo; fácil é conhecê-las e mesmo falar delas; mas sou mulher e às mulheres apenas se à própria feminina fraqueza lhe é permitido adivinhá-las, senti-las passar. Nós somos harpas de só duas cordas, a imaginação e o sentimento; no eterno favo que trabalhamos lá no íntimo, só se dá mel, mais ou menos doce, de mais ou menos puro cheiro, mas mel sempre e nada mais que mel. Que se os problemas que têm ocupado os maiores entendimentos têm algo que ver connosco, é entanto que os compartilhem e levam a uma com nós outras os trabalhos da vida; não podem ocultar-nos de todo as suas tristezas e os seus desfalecimentos! É deles ver as chagas e sondá-las e buscar-lhes procuro, é nosso ajudar-lhes a suportá-las, mais com feitos ignorados que com palavras e rumores. O pensamento da mulher é ligeiro, como as borboletas gostamos de voar de rosa em rosa, sobre as cousas também ligeiras: não é feito para nós o duro trabalho da meditação. Quando a ele nos entregamos, impregnamo-lo, sem sabê-lo sequer, de inata debilidade, e se nos é fácil enganar os espíritos frívolos ou pouco costumados, não sucede o mesmo com os homens de estudo e reflexão, que logo conhecem que sob a clara corrente da forma não se topa mais que o limo insubstancial das vulgaridades. E nos domínios da especulação, como nos da arte, nada mais inútil e cruel do que o vulgar. Dele fujo sempre com todas as minhas forças, e por não cair em tão grande pecado nunca tentei passar os limites da simples poesia, que acha às vezes numa expressão feliz, numa ideia afortunada, aquela cousa sem nome que vai direita como flecha, traspassa as nossas carnes, faz-nos estremecer, e ressoa na alma dolorida como outro ai! que responde ao longo gemido que de cote levantam em nós as dores da terra.

Depois do já dito, terei que adir que este meu livro não é em certa maneira filho da mesma inspiração que deu de si os *Cantares Galegos*? Parece-me que não. Causa este último dos meus dias de esperança e juventude, bem se vê que tem algo da frescura própria da vida que co-

meça. Mas meu livro de hoje, escrito como quem diz em meio de todos os desterrados, não pode ter inda que quisesse o encanto que sói prestar-lhes a inocência das primeiras impressões: que o sol da vida, o mesmo que o que alumia o mundo que habitamos, não luz nos seus alvares da mesma sorte que quando vai pôr-se tristemente, envolto entre as nuvens do postremo outono.

Por outra parte, Galiza era nos Cantares objeto, a alma inteira, enquanto que neste meu livro de hoje, às vezes, tão só a ocasião, inda que sempre o fundo do quadro: que, se não pode senão com a morte despir-se o espírito das envolturas da carne, menos pode o poeta prescindir do meio em que vive e da natureza que o rodeia; ser alheio a seu tempo e deixar de reproduzir, mesmo sem pensá-lo, a eterna e laiada queixa que hoje exalam todos os lábios. Por isso ignoro o que haja no meu livro dos próprios pesares, ou dos alheios, inda que bem posso tê-los todos por meus, pois os costumados à desgraça chegam a contar por suas as que afligem os demais. Tanto é assim, que neste meu novo livro, preferi, às composições que puderam dizer-se pessoais, aquelas outras que, com mais ou menos acerto, expressam as tribulações dos que, uns trás outros e de diversos modos, vi durante longo tempo sofrer ao meu redor. E sofreu tanto nesta querida terra galega! Livros inteiros poderiam escrever-se falando do eterno infortúnio que aflige os nossos aldeãos e marinheiros, única verdadeira gente de trabalho no nosso país. Vi e senti as suas penas como se fossem minhas, mas o que me comoveu sempre, e portanto não podia deixar de ter eco na minha poesia, foram as inumeráveis coitas das nossas mulheres, criaturas amantes para os seus e os estranhos, cheias de sentimento, tão esforçadas de corpo como brandas de coração e também tão desditadas que se diriam nadas somente para reger quantas fadigas possam afligir a parte mais frouxa e singela da humanidade. No campo compartilhando metade por metade com seus homens as rudes tarefas, na casa suportando valorosamente a ânsia da maternidade, os trabalhos domésticos e as aridezes da pobreza. Sós o mais do tempo, tendo que trabalhar de sol a sol, sem ajuda para mal manter-se, para manter os

seus filhos, e quiçá o pai valetudinário, parecem condenadas a não acharem nunca repouso senão na tumba.

A emigração e o Rei arrebatam-lhes de contínuo o amante, o irmão, o homem, sustento da família de cote numerosa, e assim, abandonadas, chorando o seu desamparo, passam a amarga vida entre as incertezas da esperança, a negrura da solidão e as angústias duma perene miséria. E o mais desconsolador para elas é que os seus homens vão-se indo todos, uns porque lhos levam e outros porque o exemplo, as necessidades, às vezes uma cobiça, em-que desculpável, cega, fazem-nos fugir do lar querido, daquela a que amaram, da esposa já mãe e dos numerosos filhos, tão pequeninhos que inda não acertam a adivinhar, os desditados, a orfandade a que os condenam.

Quando nas suas confianças estas pobres mártires se atrevem a dizer-nos os seus segredos, a chorar os seus amores sempre vivos, a doer-se das suas penas, descobre-se nelas tal delicadeza de sentimentos, tão grandes tesouros de ternura (que a inteireza do seu carácter não é bastante a minguar), uma abnegação tão grande, que sem querer, sentimo-nos inferiores àquelas obscuras e valorosas heroínas que vivem e morrem levando a cabo feitos maravilhosos por sempre ignorados, mas cheios de milagres de amor e de abismos de perdão. Histórias dignas de serem cantadas por melhores poetas do que eu sou, e cujas santas harmonias deveriam ser expressadas com só uma nota e numa só corda, na corda do sublime, e na nota da dor. Inda que sem forças para tanto, tentei algo disso, sobretudo no livro titulado *As viúvas dos vivos e as viúvas dos mortos*, mas eu mesma conheço que não acertei a dizer as cousas que era mister. As minhas forças são cativas; quere-as maiores quem haja de cantar-nos, com toda a sua verdade e poesia, tão singela como dolorosa epopeia.

Crerão alguns que porque, como digo, tentei falar das cousas que se podem chamar humildes é por que me explico na nossa língua. Não é por isso. As multidões dos nossos campos tardarão a ler estes versos, escritos por causa delas, però só em certo modo para elas. O que quis foi falar mais uma vez das cousas da nossa terra, na nossa língua, e pagar

em certo modo o apreço e o carinho que os Cantares Galegos despertaram nalguns entusiastas. Um livro de trezentas páginas escrito no doce dialeto do país era naquele tempo cousa nova, e passava pelo mesmo todo atrevimento. Aceitaram-no e, o que é mais, aceitaram-no contentes e eu compreendi que desde esse momento ficava obrigada a que não fosse o primeiro e o último. Não era cousa de chamar as gentes à guerra e desertar da bandeira que eu mesma tinha levantado.

Lá vão pois as *Folhas Novas*, que melhor se diriam velhas porque o são; e últimas, porque paga já a dívida em que me parecia estar com a minha terra, difícil é que volva a escrever mais versos na língua materna. Lá vão, em busca, não de triunfos, senão de perdões, não de louvores, mas de olvidos, não das predileções doutros tempos, mas da benignidade que diz dos maus livros “Deixá-los passar!” Eis o que eu desejo, que os deixem passar, como outro rumor, como um perfume agreste que nos traz consigo algo daquela poesia que nascendo nas vastas soli-dões, nas sempre verdes campias da nossa terra, e nas praias sempre belas dos nossos mares, vêm diretamente buscar o natural agarimo nos corações que sofrem e amam esta querida terra da Galiza.

Santiago, 30 de março de 1880.

NOTA BIOGRÁFICA

~ Rosalia de Castro

(1837-1885)

É impossível exagerar a importância histórica da fundadora da literatura moderna galega. Rosalia – diz Carvalho Calero – «assinala o primeiro marco inamovível da história da literatura galega contemporânea».

Filha ilegítima, mas de família de não mediócras posses, a sua primeira infância decorre na Galiza rural e a sua mocidade na agitada Compostela que entre o levantamento de 1846 e o banquete de Conjo mergulha no projeto isabelino de estado nacional espanhol.

Por volta de 1853 é acolhida em casa da mãe em Santiago de Compostela. Aí começará a frequentar os círculos da mocidade universitária compostelana (*Liceo de la Juventud*), participando das atividades literárias e teatrais da segunda geração provincialista. Retenhamos apenas dois nomes: Eduardo Pondal e Aureliano Aguirre.

Em 1856 vai para Madrid, onde publica o seu primeiro livro, *La Flor* (1857), uma coleção de versos em sóbria mas cuidada edição de autor que a assinalam como promessa no ambiente madrileno.

Nesse ambiente conhecerá as principais figuras do liberalismo político e jornalístico galego e, especialmente, Manuel Murguía, estilista e erudito no início feliz da sua carreira. Do relacionamento e paixão de ambos no círculo galego-madrileno surgirão ao mesmo tempo a sua primeira filha, a História nacional e a Literatura galega.

A interação de ambos, ele a arquitetar a história e os simbolismos da Galiza, ela a exemplificar a possibilidade duma literatura culta e nacional em língua galega, vai dar como fruto os *Cantares Gallegos* (1863) – obra profundamente simbólica e aberta, num diálogo múltiplo com a língua, a nação e os sonhos emergentes do grupo reformista que em 1868 derrubará Isabel II e a sua corrupta, por palavras de Valle-Inclán, «Corte de los Milagros» para encetar um ciclo que terminará com o efémero sonho da República federal (1871-1874).



Se a recepção dos *Cantares*, obra sonhadora e esperançada, é a imediata consagração de Rosalia e da língua galega como possibilidade literária, a involução social e política que acarretará a Restauração canovista (1875-1923) na sua primeira fase provocará o apagamento de todas as vozes da geração anterior e da sua literatura. Rosalia, em plena maturidade criativa, verá condenada ao ostracismo a fabulosa *Folhas Novas* (1880) e os seus romances em castelhano, tão precursores do Esperpento.

Crítica, ousada, erudita, bem a par da literatura europeia, verá apagar-se não apenas a sua estrela e expectativas de escritora profissional, quanto também a trajetória pública e profissional do seu homem e colegas. Os fracassos vitais e matrimoniais, a morte do filho mais novo em acidente doméstico e uma saúde enfraquecida irão espelhar-se no fulcral poemário *En las orillas del Sar* (1884), que fecha em círculo a sua obra.

Atacada pela imprensa e a Igreja compostelana, envolvida nas polémicas literário-políticas do momento, acossada pelos seminaristas por causa duns artigos em defesa da mulher galega e a liberdade sexual, morre de cancro em 1885 em Padrão, na que hoje é Casa Museu.

Foi enterrada em Adina e passados alguns anos, em 1891, já encetado o processo de mitificação da sua figura, os seus restos foram trasladados para São Domingos de Bonaval, hoje Panteão dos Galegos Ilustres, onde também jaz Castelão.

FOLLAS NOVAS

VERSOS EN GALLEGO

DE

ROSALÍA CASTRO DE MURGUÍA

PRECEDIDOS DE UN PRÓLOGO

POR

EMILIO CASTELAR



DE VENTA

MADRID

La Ilustración Gallega y Asturiana
Leon, 12, principal

HABANA

La Propaganda Literaria
O'Reilly, núm. 54

1880

≈ FOLHAS NOVAS ≈

LIVRO 1
VAGUIDADES

1

Daquelas que cantam as pombas e as flores
todos dizem terem alma de mulher;
pois eu que n'as canto, Virgem da *Paloma*¹,
ai!, de que a terei?

2

Bem sei que não há nada
novo embaixo do céu;
que antes outros pensaram
as cousas que ora eu penso.

5 E bem, para que escrevo?
E bem, porque assim semos²,
reló's³ que repetimos
eternamente o mesmo.

¹ A respeito desta devoção, veja-se notal final.

² *Semos*, forma popular por *somos*, é inevitável pela rima.

³ Síncope de *relógios*.

Tal como as nuvens
que impele o vento,
e agora assombram, e agora alegram
os espaços imensos do céu,
5 tais as ideias
 loucas que eu tenho,
 as imagens de múltiplas formas,
de estranhas feitura, de lumes incertos,
 agora assombram,
10 agora aclaram
 o fundo sem fundo do meu pensamento.

Diredes⁴ destes versos, e é verdade,
 que têm⁵ estranha insólita harmonia,
 que neles as ideias brilham pálidas
 qual errantes moxicas⁶
 5 que estalam por instantes,
 que desaparecem 'ginha⁷,
 que se assemelham à parruma⁸ incerta
 que volteja no fundo das cortinhas,
 e ao sussurro monótono dos pinhos⁹
 10 da beiramar bravia.
 Eu direi-vos tão só que os meus cantares
 assim saem confusos da alma minha,
 como sai das profundas carvalheira
 ao começar do dia,
 15 rumor que não se sabe
 se é rebuldar das brisas,
 se são beijos das flores,
 se agrestes, misteriosas harmonias
 que neste mundo triste
 20 o caminho do céu buscam perdidas.

⁴ Forma arcaica e dialetal de *direis*, mantida pela medida e a aliteração.

⁵ *Têm* aqui é monossilábico.

⁶ "Faíscas que saltam do lume; algures, morrão do pavio". Palavra pré-romana.

⁷ Aférese de *aginha*, *asinha* "pronto".

⁸ "Névoa; chuva miúda".

⁹ "Pinheiros".

Folhas novas! Riso dá-me
esse nome que levais,
qual se a uma moura bem moura
branca lhe ouvisse chamar.

5 Não *Folhas novas*, ramalho
de tojos e silvas sois,
hirtas como as minhas penas,
feras como a minha dor.

10 Sem perfume nem frescura,
bravas magoais e feris...
Se na gândara brotais,
como não sereis assim!

6

Que passa ao redor de mim?
 Que me passa que eu não sei?
 Tenho medo duma cousa
 que vive e que não se vê.
 5 Tenho horror à desgraça traidora
 que vem,
 e que nunca se sabe onde vem.

7

Dizem uns *minha terra!*
 e os outros *meu carinho!*,
 e este minhas lembranças!
 e aquele os meus amigos!
 5 Todos suspiram, todos,
 por algum bem perdido.
 Eu só não digo nada,
 eu só nunca suspiro,
 que o meu corpo de terra
 10 e o meu cansado espírito,
 adonde quer que eu vá,
 vão comigo.

Alá¹⁰ pola alta noite,
 à luz da triste e moribunda lâmpada
 ou entre a negra escuridão medonha,
 o velho vê fantasmas.

5 Uns são árvores murchas e sem folhas,
 outros, fontes sem águas,
 montes que a neve eternamente cobre,
 ermos que nunca acabam.

10 E ao clarear do dia,
 quando a última estrela, aqueles passam,
 e outros vêm mais tristes e sanhudos,
 pois a verdade amarga
 escrita tra'm nos apagados olhos
 e nas vidalhas¹¹ calvas.

15 Nom digais nunca aos moços que perdestes
 a risonha esperança,
 do que a viver começa sempre amiga;
 só 'nimiga mortal de quem acaba!...

¹⁰ Forma arcaica de *lá*, que dura na Galiza e aqui necessária pela medida.

¹¹ Fontes da cabeça. Pela medida *vidalhas* substitui a palavra original, exógena.

Paz, paz desejada,
pra mim, onde está?
Quiçá n'hei de tê-la...
n'a tive jamais!

5

Sossego, descanso,
onde hei de topar?
Nos mal's que me matam,
na dor que me dão.

10

Paz, paz, és mentira!
Pra mim não a há!

Uma vez eu tive um cravo
 cravado no coração,
 e eu não me acordo já se era esse cravo
 de ouro, de ferro ou de amor.
 5 Tão só sei que me fez um mal tão fundo,
 que tanto me atormentou,
 que eu dia e noite sem cessar chorava
 qual chorou Madalena na Paixão.
 “Senhor, que tudo podeis,”
 10 – pedi-lhe uma vez a Deôs¹² –
 “dai-me valor para arrancar dum golpe
 cravo de tal condição.”
 E deu-mo Deus, e arranquei-o,
 mas... quem pensara?... Depois
 15 já não senti mais tormentos
 nem soube eu o que era dor;
 soube só que não sei que me faltava
 lá onde o cravo faltou,
 e sei-ca, sei-ca tive saudades
 20 daquela pena... Deus bom!
 Este barro mortal que envolve o espírito
 quem o entenderá, Senhor!?

¹² *Deôs* é o arcaico *Deos*, com deslocamento do tom. É inevitável pela rima.

Quando um é mui ditoso, mui ditoso,
 incompreensív'l arcano!,
 quase que – n' é mentira em-que¹³ o pareça –
 lhe a um pesa de o ser tanto.

5 Que no fundo bem fundo das entranhas
 há um deserto páramo
 que não se enche com risos nem contentos,
 senão com frutos da aflição amargos!

10 Peró quando um tem penas
 – e em verdade é coitado –
 oco não topa no ferido peito,
 porque a dor... enche tanto!

15 Tão avondo¹⁴ a desgraça é nos seus dons
 que os verte, Deus lho pague!, aos regaçados¹⁵;
 até que o que os recebe,
 ai!, rebenta de farto.

¹³ A respeito de *em-que*, veja-se nota final 28, 10.

¹⁴ *Avondo* "em abundância" é advérbio que aqui abeira a condição de adjetivo.

¹⁵ "Os que estão dispostos a apanhar no regaço".

Hoje ou ‘manhã, quem pode dizer quando?,
 però quiçá mui logo,
 virão-me despertar e, em vez de um vivo,
 atoparão um morto.

5 E no redor de mim levantar-se-ão
 gemidos dolorosos,
 laios¹⁶ de angústia, choros dos meus filhos,
 dos meus filhinhos órfãos.

10 E eu sem calor, sem movimento, fria,
 muda, insensiva a todo,
 tal estarei qual me deixar a morte
 ao gear-me co seu sopro.

E para sempre, adeus quanto eu queria!
 Que terrív'l abandono!
 15 Entre quantos sarcasmos
 há, há de haver, e... houve¹⁷,
 não vi nenhum que abata mais os vivos
 que o do humilde quedar dum corpo morto.

¹⁶ Lamentos.

¹⁷ Por causa da rima é necessário deixar o dialetal *houvo*.

Já nem rancor, nem desprezo,
já nem temor de mudanças;
só uma sede,... uma sede
dum não sei quê que me mata.
5 Rios da vida, onde estais?
Ares!, que os ares me faltam.

– Que vês nesse fundo escuro?
Que vês que tremes e calas?
– Não vejo! Miro qual mira
10 um cego a luz do sol clara.
E vou cair ali onde
nunca o que cai se levanta.

Aquel rumor de cântegas e risos,
ir, vir, alvoroçar;
aquele falar de cousas que passaram
e outras que passarão;
5 aquela, enfim, vitalidade inquieta
juvenil tanto mal
me fez que lhes eu disse:
“Ir-vos e não volvais.”

Um a um desfilaram silenciosos
10 por aqui e por lá,
tal como quando as contas dum rosário
se espalham pelo chão.
E o rumor dos seus passos, mentres se iam,
de tal modo até mim veio ressoar,
15 que não mais tristemente
ressonará quiçá
no fundo dos sepulcros
o último adeus que um vivo aos mortos dá.

E ao fim só eu quedei, porém tão só
20 que hoje, da mosca o inquieto revoar,
do ratinho o roer terço e constante,
e do lume o *chis-chás*,
quando da verde pola
o fresco suco devorando vai,
25 parece que me falam, que os entendo,
que companhia me fã¹⁸;
e este meu coração lhes diz tremendo:
“Por Deus!... não vos partais!”

¹⁸ Forma contracta de *fazem*, inevitável pela rima.

30 Que doce, mas que triste
também a solidão!

15

A um batido, outro batido,
a uma dor, uma outra dor;
trás um olvido, outro olvido;
trás um amor, outro amor.

5 E ao fim de fadiga tanta
e de tão diversa sorte,
a velhez que nos espanta
ou o repousar da morte.

16

Quando era tempo de inverno
pensava eu onde estarias;
quando era tempo de sol,
pensava eu onde andarias.
5 Agora... somente penso,
meu bem, se me olvidarias!

Mas vê que é meu coração
uma rosa de cem folhas,
e é cada folha uma pena
que vive apegada noutra.
5 Quitas uma, quitas duas,
penas me quedam de sobra;
hoje dez, ‘manhã quarenta,
desfolha que te desfolha...

10 O coração me arrancaras
dês que as arrancares todas!

Co seu surdo e constante murmurinho
atrai-me o ondeio desse mar bravio,
como atraí das sereias o cantar.
– Neste meu leito misterioso e frio
5 – diz-me –, vem brandamente descansar.

El namorado está de mim... o denho,
e eu namorada dele.
Pois sairemos co empenho,
que se el me chama sem parar, eu tenho
10 uns anseios mortais de apousar nele.

Ando buscando meles e frescura
 para os meus lábios secos,
 e eu não sei como topo, nem por onde,
 queimores e amarguejos.

5 Ando buscando *almibres*¹⁹ que *almibarem*
 estes meus agres versos,
 e eu não sei como, nem por onde, sempre
 se lhes atopa um fero²⁰.

10 E o céu e Deus bem sabem
 que culpa aí nom tenho.
 Ai!, sem querê-lo, tem-na
 o lastimado coração enfermo.

¹⁹ Os castelhanismos *almibres* e *almibarar* "calda" e "adoçar com calda" não se podem evitar.

²⁰ *Fero*, aqui substantivado, é "sabor agre ou amargo". Veja-se nota final.

SILÊNCIO!

A mão nervosa e palpitante o seio,
 as névoas nos meus olhos condensadas,
 com um mundo de dúvidas no senso
 e um mundo de tormentos nas entranhas,
 5 sentindo como lutam
 em desigual batalha,
 imortais apetites que atormentam
 e rancores que matam,
 molho no próprio sangue a dura pluma
 10 rompendo a veia inchada,
 e escrevo,... escrevo, para quê? Volvei
 ao mais fundo da alma,
 tempestuosas imagens!
 Ide morar coas mortas lembranças!;
 15 que a mão tremente no papel só 'screva
 palavras!, e palavras!, e palavras!
 Da ideia a forma imaculada e pura
 onde quedou velada?

LIVRO II
DO ÍNTIMO!

ADEUS!

Adeus!, montes e prados, igrejas e campanas,
 adeus!, Sar e Sarela, cobertos de enramada;
 adeus!, Vidão alegre, moinhos e barrancas,
 Conjo, o do claustro triste e as soledades plácidas;
 5 São Lourenço, o escondido, qual um ninho entre as ramas;
 Belvis, para mim sempre o das fundas lembranças;
 o São Domingos, onde quanto eu quis bem descansa,
 vidas da minha vida, anacos²¹ das entranhas;
 e vós também, sombrias paredes solitárias
 10 que me vistes chorare, só e desventurada;
 adeus!, sombras queridas, adeus!, sombras odiadas,
 outra vez os vaivéns da fortuna
 pra longe me arrastam.

Quando volver, se volvo, tudo há ser onde estava;
 15 os mesmos montes negros e as mesmas alvoradas,
 do Sar e do Sarela mirando-se nas águas;
 os mesmos verdes campos, as mesmas torres pardas
 da catedral severa olhando nas distâncias;
 mas os que agora deixo, tal como a fonte mansa
 20 ou no verdor da vida, sem vendavais nem báguas,
 quanto, quando eu tornar, vítimas da mudança,
 terão depressa andado na senda da desgraça!
 e eu... mas eu nada temo no mundo,
 que a morte me tarda!

²¹ Nacos. *Anaco* é a forma etimológica, de um célt. *ANNĀKKO-, indo-europeu **panno-* que recebeu diversos sufixos.

Grilos e ralos, rãs alvarinhas,
sapos e bichos de toda class',
mentres ao longe cantam os carros,
que serenatas tão amorosas
5 nos nossos campos sempre nos dão!

Tão só lembrar-me delas,
não sei o que me faz;
nem sei se é bem,
nem sei se é mal.

Qual as nuvens no espaço sem lindes
errantes voltejam!

Umas são brancas,

outras são negras;

5 umas, pombas sem fel me parecem;

despedem outras

luz de centelha...

Sopram ventos contrários na altura,
e à debandada,

10 vão levando-as sem ordem nem tino,

nem eu sei para onde,

nem sei por que causa.

Vão levando-as, qual levam os anos

os nossos sonhos

15 e a nossa esperança.

Rico ou pobre, algum dia
 com que contento e placidez folgava!
 E agora, pobre ou rico, ao desditado
 tudo, tudo, lhe falta!

- 5 Embalde vêm dias, passam anos,
 inda idades passaram.
 Se há avondosas fontes que se secam,
 também as há que eternamente manam;
 mas as fontes perenes nesta vida
 10 são sempre envenenadas.

Nelas o espirito que ofendido pena
 na linfa enferma do rancor se banha,
 sem que dado lhe seja
 beber do olvido nas saudosas águas.

- 15 Ódio, filho do inferno!,
 pode acabar o amor, tu não acabas;
 memória que recordas as ofensas,
 sim, sim, de ti mal haja!

NA CATEDRAL

Como algum dia, pelos currunchos²²
 do vasto templo,
 velhos e velhas mentres moneiam²³,
 silvam as salves e os *padre-nuestros*,
 5 e os arcebispos nos seus sepulcros,
 reis e rainhas, com grã sossego,
 na paz dos mármore tranquilos dormem,
 mentres no coro cantam os cregos²⁴.
 o órgão cá lança tristes clamores,
 10 os das campanas respondem retro,
 e a santa imagem do Redentor
 parês que sua sangue no *Huerto*.

Senhor Santíssimo, aos teus pés quanto
 também de angústia suado tenho!
 15 Mas se o pecado castigas sempre,
 ao que afligido vai a pedir-cho
 dás-lhe remédio.

O sol ponente pelas vidraças
 da Soledade lança serenos
 20 raios que ferem descoloridos
 da Glória os anjos e o Padre Eterno.
 Santos e apóstolos – vede-os! – parecem
 que os lábios movem, que falam quedo
 os uns cos outros, e alô na altura
 25 do céu a música vai dar começo,

²² *Curruncho* é sinónimo local de *recanto*, *canto* ou *cantinho*.

²³ *Monear* é "cabecear", entre outras aceções. De *mona*.

²⁴ *Crego* é galego dialetal por "clérigo".

pois os gloriosos concertadores
tentam risonhos os instrumentos.

30 Estarão vivos? Serão de pedra
 aqueis semblantes tão verdadeiros,
 aquelas túnicas maravilhosas,
 aqueles olhos de vida cheios?
Vós que os fizestes, de Deus coa ajuda,
de imortal nome, Mestre Mateus,
que aí quedastes humildemente
35 ajoelhado, falai-me *de*so.
Mas co'esses vossos cabelos riços
Santo dos croques, calais...e eu rezo.

40 Aqui a Glória, mas naquel lado,
 naquela arcada, negreja o inferno
 coas almas tristes dos condenados,
 onde as devoram todos os demos.
Dali não posso quitar os olhos
meia assombrada, meia com medo,
que aqueles todos se me figuram
45 os dum delírio, mortais espetros.

 Como me miram esses cadáveres
 e aqueles denhos!
Como me miram, fazendo esgares
desde as colunas onde estão feitos!
50 Será mentira?, será verdade?
 Santos do Céu,
 Saberão eles que sou a mesma
 daqueles tempos?...
 Peró já órfã, mas enlutada,
55 mas insensível qual eles mesmos...

Como me ferem!... Vou-me, sim vou-me,
que tenho medo!
Mas já nos vidros da grande aranha
cai o postremo
60 raio tranquilo que o sol da tarde
pousa sereno;
e em cada prancha da aranha esplêndida
vivos reflexos,
resplandecendo como as estrelas,
65 pintam mil cores no chão chovendo,
fazem que a tola da fantasia,
sonhe milagres, finja portentos.
Mas de repente vêm as sombras...
Tudo é negrura, tudo é mistério,
70 adeus aljóf´res, e maravilhas...
Trás o Pedroso, já se pôs Febo.

Como fantasmas cruzam as naves,
silvando salves e padre-nuestros,
velhos e velhas que a Deus lhe pedem
75 El tão só sabe por que remédios;
que quando o mundo nos deixa, é só
quando buscamos com ânsia o céu.

Aos pés da Virgem da Soledade
– de muitos anos nos conhecemos! –,
80 a oração disse que antes dizia,
fiz a memória dos meus segredos,
para mamãe eu deixei carinhos,
para os meus filhos milhar de beijos,
pelos verdugos do meu espírito
85 rezei... e fui-me, pois tinha medo!

Correi, serenas ondas cristalinas,
 passai em calma e majestosas, como
 as sombras passam dos gloriosos feitos!
 Rodai e sem descanso, como rodam
 5 à eternidade gerações sem número
 que qual eu vos contemplo contemplaram-vos!
 Dai-me vossos perfumes, lindas rosas;
 da sede que me abrasa, claras fontes,
 apagai-me o queimor; nuvens de gaza,
 10 cobri qual véu de delicada renda
 do ardente sol os brilhadores raios.
 E tu, temp'rada e carinhosa brisa,
 dá começo aos concertos misteriosos
 entre os carvalhos da devesa escura
 15 por onde o Sar vai murmurando leve.

O tempo passou rápido; a centelha
 talvez mais lentamente o espaço imenso
 atravessa ao cair, que eles, os anos;
 pra mim correram em batalhas rudes...
 20 Mas correram por fim... e o dia chega!...
 Dá-me os teus bicos²⁵ e os teus braços abre-me
 aqui onde o rio, na espessura fresca...
 A ninguém digas onde estou;... com flores
 das que eu queria a delatora mancha
 25 cobre... e que nunca co meu corpo acertem
 profanas mãos para levar-me longe...
 Quero quedar onde 'nhas²⁶ dores foram!

²⁵ Beijos.

²⁶ Aférese de *minhas*.

Cada noite eu chorando pensava...
 que esta noite tão grande não fora,...
 que durasse... e durasse entretanto
 5 que a noite das penas
 me envolve lutuosa.

Mas a luz insolente do dia,
 constante e traidora,
 cada amanhecida
 10 penetrava radiante de glória
 para o leito no que eu me tendera
 coas minhas congoxas.

Desde então procurei eu as trevas
 mais negras e foscas,
 15 e busquei-as em vão, porque sempre
 trás a noite topava coa aurora...
 Só em mim procurando no obscuro
 e entrando na sombra,
 vi a noite que nunca se acaba
 na minha alma soia²⁷.

²⁷ Sozinha.

TU ONTEM, AMANHÃ EU

Caí tão baixo, tão baixo,
que a luz junto a mim não vai;
perdi de vista as estrelas
e vivo na escuridão.

- 5 Mas, aguarda,... o que te riste
insensível ao meu afã!,
inda estou vivo,... inda posso
subir para me vingar.

- 10 Tirai pedras ao caído,
tirai-lhe em-que seja um cento;
tirai... que quando caiais,
há-vois de fazer o mesmo.

Deixa que nessa copa onde tu bebes
as doçuras da vida,
uma gota de fel, uma tão só,
o meu dorido coração transfira.

5 Compreenderás então
como abrandece a dor as pedras frias,
em-que abrandar não possa
almas de ferro e peitos homicidas.

BONS AMORES

Qual aroma de rosas que sai dentre a ramagem
 numa manhã de maio, há amores suaves
 que nem ao vir se sentem, nem se veem ao entrarem
 pela mimosa porta que o coração lhes abre

5 de seu, qual se abre no agosto
 flor ao orvalho da tarde.

E sem rumor nem queixas, nem choros, nem cantares,
 brandos assim, saudosos, qual alentar dos anjes,
 em nós encarnam puros, correm com nosso sangue
 10 e os ermos reverdecem do espirito ao nel morarem.

Busca estes amores,... busca-os,
 se tens quem chos possa dare;
 que estes são só os que duram
 nesta vida de passagem.

AMORES CATIVOS

Era uma dor e era cólera,
era medo e aversão,
era um amor sem medida,
era um castigo de Deôs!

- 5 Que há uns negros amores de índole peçonhenta
que privam os espíritos, que turvam as consciências,
que mordem se acarinham, que quando miram queimam,
que dão dores de raiva, que mancham e que afrontam.
Mais val morrer de friagem
10 que aquecer nessa fogueira.

- Abri, as frescas rosas;
brilhai, cravos olentes;
do seu jardim as árvores, vesti-vos
coas lindas folhas verdes.
- 5 Parras que um tempo sombra nos prestastes,
a cobrir-vos de pâmpanos provede.
Natureza formosa,
a mesma eternamente,
dize aos mortais, de novo aos loucos dize-lhes
- 10 que eles não mais perecem!

DEBALDE...

Quando me ponham o hábito,
se é que o levo;
quando me metam na caixa,
se é que a tenho;
5 quando o responso me cantem,
se há para pagar aos cregos,
e quando dentro da cova...
Que inda me leve São Pedro
se só pensá-lo não rio
10 co mesmo riso dos denhos!,
que enterrar, hão de enterrar-me,
em-que não lhes deem dinheiro!...

QUEM NOM GEME?

Luz e progresso em toda a parte... mas
 dúvidas no coração,
 e báguas que um não sabe por que correm,
 e dores que um não sabe por que são.

5 *Outro cantar* dizem cansos
 deste estribilho os que chegando vão
 numa nova fornada, e que andam cegos
 buscando o que inda não há.

10 Réprobos!... Sempre o oculto interrogando,
 que, mudo, nada vos diz.
 Buscai a fé, que se perdeu na dúvida,
 e deixai-vos de vagir.

 Mas eles também perdidos
 por uma e outra senda vão e vêm
 15 sem que saibam, coitados!, por onde andam,
 sem paz, sem rumo e sem fé.

 Triste o cantar que cantamos!,
 mas que fazer se outro melhor não há?
 Muita luz deslumbra os olhos,
 20 causa inquietude o muito desejar.
 Quando uma peste arrebatava
 homens trás homens, n'há mais
 que enterrar depressa os mortos,
 baixar a frente, esperar
 25 que passem as correntes apestadas...
 Que passem!... que outras virão.

Ladravam contra mim, que caminhava
 quase que sem alento,
 sem poder co meu fundo pensamento
 e a peçonha mortal que em mim levava.
 5 E a gente que topava,
 olhando-me à mão-tente,
 do meu dó sem igual e afronta horrenda,
 traidora se mofava.
 E isso que nada mais que a adivinhava.
 10 “Se a souberam, Deus vivo!,
 pensei tremendo, contra mim volvera
 a corrente do rio.”

Buscando abrigo dos mais altos muros,
 nos caminhos desertos,
 15 ensanguentando os pés nos seixos duros,
 fui chegando ao lugar dos meus carinhos,
 ‘maginando espantada: “Os meus meninos
 estarão já despertos?
 Ai!, que ao ver-me chegar tão maltratada,
 20 chorosa, sem alento, ensanguentada,
 darão em se afligir,... malpocadinhos²⁸,
 por sua-mãe²⁹ malfadada!”

Pouco a pouco fui indo,
 e por escadas com temor subindo,
 25 co triste coração sobressaltado;
 escutei!... nem as moscas rebuliam:
 No berço inda os meus anjos lá dormiam
 coa Virgem ao seu lado.

²⁸ *Malpocado* “coitado” é adjetivação dialetal do antigo advérbio *mal-pecado*.

²⁹ A hifenização procura notar *sua-mãe* ser bissílabo.

Por que, minha alminha,
por que ora não queres
o que antes querias?

5 Por que, pensamento,
por que ora não vives
de amantes desejos?

Por que, meu espírito,
por que ora te humildas,
quando eras altivo?

10 Por que, coração,
por que ora não falas
falares de amor?

15 Por que já não bates
co doce batido
que acalma os pesares?

Por que, enfim, meu Deus,
a um tempo me faltam
a terra e o céu?

20 Ó tu!, roxa estrela
que dizem comigo
nasceres, puderas

por sempre apagar-te,
já que não pudeste
por sempre alumiar-me!...

O TOQUE DE ALVA

Da Catedral campana
grave, triste e sonora,
quando ao raiar do dia
o toque de alva tocas,
5 no espaço silencioso
soando melancólica,
as tuas badaladas.
não sei que despertares me recordam.

Foram alguns tão puros
10 como o fulgor da aurora;
outros qual a esperança
que o namorado sonha;
e à derradeira inquietos,
meio luz, meio sombras,
15 meio um prazer sem nome,
e metade surpresa aterradora.

Ai!, que os anos correram
e passaram auroras,
e minguaram as ditas,
20 e medraram congoxas.
E quando ora, campana,
o toque de alva tocas,
sinto que se desprendem
dos meus olhos bagulhas³⁰ silenciosas.

25 Que surda e tristemente,
que pavorosa soas

³⁰ Lagriminhas.

no meu esperto ouvido,
mensageira da aurora,
quando ao romper do dia
30 pausadamente tocas!...
Adonde vão aqueles
despertares de ditas e de glória?

Passaram para sempre;
mas tu, grave e sonora,
35 ai!, ao romper do dia
com a voz melancólica
vens de cote a lembrar-nos
cada nascente aurora;
e parece que a morto
40 por eles e por mim a um tempo dobras.

Da Catedral campana,
tão grave e tão sonora,
por que a tocar volveste
a alva candorosa
45 dê's que eu tive de ouvir-te
em bagulhas envolta?
Mas bem pronto... bem pronto, os meus ouvidos
nem te ouvirão na tarde nem na aurora.

Mar!, com as tuas águas sem fundo;
 céu!, coa tua imensidão,
 o fantasma que me aterra
 ajudai-me a soterrar.

5 É mais grande que vós todos,
 e que todos pode mais...
 cum pé posto onde brilham os astros,
 e outro onde a cova me dão.

10 Implacável, burlão e sanhudo,
 diante de mim sempre vai;
 e ameaça perseguir-me
 té a mesma eternida'.

Cava ligeiro, cava,
gigante pensamento,
cava um fundo buraco onde a memória
do passado enterremos.
5 À terra cos defuntos!
Cava, cava ligeiro!
E por lousa dar-lhe-ás o negro olvido,
e o nada lhe darás por cemitério.

Quando penso que te foste,
negra sombra que me assombras,
ao pé dos meus cabeçais
tornas fazendo-me mofa.

5 Quando imagino que és ida,
no mesmo sol te me amostras,
e és essa estrela que brilha,
e és esse vento que zoa.

10 Se cantam, és tu que cantas;
se choram, és tu que choras;
e és o murmúrio do rio,
e és a noite, e és a aurora.

15 Em tudo estás e tu és tudo,
pra mim e em mim mesma moras,
nem me abandonarás nunca,
sombra que sempre me assombras.

A VENTURA É TRAI DORA

Treme a que uma imensa dita
 neste mundo te surpreenda;
 glórias, aqui, sobre-humanas
 dão desventuras supremas.

- 5 Nem magines que passam as dores
 como passam os gostos na terra;
 há infernos na memória,
 quando não há na consciência!

- 10 Qual arraigam as heras nos muros,
 nalguns peitos arraigam as penas,
 e umas vão minando a vida
 qual minam outras as pedras.
 Sim, treme quando no mundo
 sintas uma dita imensa;
 15 mais vale a vida *che*³¹ corra
 qual corre a água serena.

³¹ *Che*, na fala galega tradicional, é dativo ou objeto indireto do pronome de 2ª. No trato familiar corresponde ao *lhe* do formal. Aqui não dana a compreensão.

Leva-me àquela fonte cristalina
onde juntos bebemos
as puríssimas águas que apagavam
sede de amor e flama de desejos.
5 Leva-me pela mão qual noutros dias...
Mas não, que tenho medo
de ver no cristal líquido
a sombra daquel negro
desengano sem cura nem consolo
10 que entre os dous pôs o tempo.

O PAÇO DA...

Era ao cair da tarde,
e começava o cântico dos grilos,
surda a presa rugia,
brilhavam longe os lumes fugitivos.

5 Ao pé do monte, majestoso, erguia-se
na aldeia escura o casarão querido,
coo oliva centenária
de cortinado ao *ventanil*³² servindo.

10 Deserta a escalinata,
só o paterno ninho,
e em riba del caindo misteriosas,
coas sombras do crepúsculo, as do olvido.

15 Quem ao passado volve
os olhos compassivos?
Quem se lembra dos mortos,
se inda não podem recordar-se os vivos?

³² Janelinho, castelhanismo ocasional com matiz depreciativo.

No céu, azul claríssimo;
no chão, verdor intenso;
no fundo da alma minha,
tudo sombrio e negro.

5 Que alegre romaria!
 Que risos e contentos!
 E os meus olhos entanto
 de báguas estão cheios.

10 Cobertos de verdura,
 brilham os campos frescos,
 mentres que o fel amargo
 transborda no meu peito.

A JUSTIÇA PELA MÃO

Aqueles com fama de honrados na vila
roubaram-me tanta brancura que eu tinha;
botaram-me estrume nas galas dum dia,
a roupa de cote puseram-ma em tiras.

5 Nem pedra deixaram adonde eu vivia;
sem lar, sem abrigo, morei nas cortinhas;
ao raso coas lebres dormi nas campias;
meus filhos... meus anjos!,... que tanto eu queria,
morreram, morreram, coa fome que tinham!

10 Quedei desonrada, murcharam-me a vida,
fizeram-me um leito de tojos e silvas;
e, entanto, os raposos de casta maldita
tranquilos num leito de rosas dormiam.

—*Salvai-me, ó juízes!* berrei... tolaria!

15 De mim se mofaram, vendeu-me a Justiça.
—*Bom Deus, ajudai-me*, berrei eu ainda...
Tão alto que estava, bom Deus não me ouvira.

Então como loba doente ou ferida,
dum salto com raiva pilhei a founcinha,
20 rondei passeninho³³... Ne'as ervas sentiam!
E a lua escondia-se, e a fera dormia
cos seus companheiros em cama molinha.

Mirei-os com calma, e as mãos estendidas,
dum golpe, dum só!, e deixei-nos sem vida.

³³ Devagarinho.

25 E ao lado, contente, sentei-me das vítimas,
tranquila, esperando pela alva do dia.
E então é que então se cumpriu a justiça:
eu, neles; e as leis,... na mão que os ferira.

46

Deus pôs um véu em riba
dos nossos corações,
um véu que oculta abismos
que El pode olhar tão só.
5 Quando eu penso o que viram
no que adorando estou,
humilde e de joelhos
qual se adora o Senhor,
se este véu descaísse
10 de repente entre os dous,
tremo... e inclinando a frente
digo: “Que sábio é Deôs!³⁴”

³⁴ De novo cumpre apelar ao arcaico *Deos* com deslocamento do tom.

- Tás-tis! tás-tis!* na silenciosa noite
 com sinistro compass' repete a pêndula,
 enquanto a frecha aguda,
 marcando um e outro instante trás as trevas,
 5 do reloj'³⁵ sempre imóvel
 percorre lentamente a limpa esfera.
 Tudo é negrura em baixo
 e só na altura imensa,
 só na anchura sem lindes do alto céu
 10 com inquietude luz alguma estrela,
 qual na cinza das grandes estivadas
 brilham as charamuscas³⁶ derradeiras.
 E a pêndula não mais, surda batendo
 qual bate um coração que incham as penas,
 15 ressoa pavorosa
 na escuridade espessa.
 Em vão a vista com temor no escuro
 sem parada vagueia.
 Uns trás outros instantes silenciosos
 20 passando vão, e silenciosos chegam
 outros detrás, na eternida' caindo
 qual cai o grão na moedora pedra,
 sem que o porvir velado aos mortais olhos
 rompa as pesadas brêtemas.
 25 Que triste a noite, e o reloj' que triste,
 se inquieto o corpo e a consciência velam!

³⁵ Apócope de *relógio*.

³⁶ Falsca, metátese de **chamarusca*, afim a *chamusca*.

AMIGOS VELHOS

- Quando entre as naves tristes e frias
do alto mural,
qual elas fria, qual elas triste,
ao ser da tarde vou a rezar,
5 que pensamentos loucos e estranhos
à minha mente vêm e vão!
- Surdo silêncio que eu já conheço,
que é meu amigo de anos atrás,
mas que está cheio doutras lembranças,
10 mas onde o espír'to parê's que escuta
eco mortal,
reina nos âmbitos da grã basílica
com misteriosa e serena paz.
- Incertas sombras, raios trementes
15 cabo do altar,
pousam, vagueiam, fogem e agrandam
de adiante atrás.
E o Santo Apóstolo, sempre sentado
no seu sitial
20 de prata e ouro, contempla imóvel
com olhos fixos quanto ali há.
- Quem fora pedra, quem fora santo
dos que ali há;
como São Pedro, nas mãos as chaves;
25 co dedo em alto como São João,
umas trás outras as gerações
vira passar,

sem medo à vida, que dá tormentos;
sem medo à morte, que espanto dá.

- 30 Logo se acaba da vida o triste
peregrinar.
Os homens passam tal como passa
nuvem de v'ráo.
E as pedras quedam... quando eu morrer,
35 tu, catedral,
tu, parda mole, pesada e triste,
quando eu não for, tu inda serás!

Maio longo... maio longo,
 todo coberto de rosas:
 para alguns tem-las de morte,
 para outros tem-las de bodas.

5 Maio longo, maio longo,
 foste curto para mim;
 veo³⁷ contigo a minha dita,
 volveu contigo a fugir.

³⁷ *Veio*, por *veio*, é monossilábico nas falas galegas modernas. Apesar do carácter desta edição, não ousamos alterar o texto original.

LUA DESCOLORIDA

Lua descolorida
 como cor de ouro pálido,
 vês-me e eu não quisera
 me visses de tão alto.
 5 Ò³⁸ espaço que percorres
 leva-me caladinha num teu raio.

Astro das almas órfãs,
 lua descolorida,
 eu bem sei que n'alumbras
 10 tristeza qual a minha.
 Vai, conta-lho ao teu dono
 e diz-lhe que me leve adonde habita.

Mas não lhe contes nada,
 descolorida lua,
 15 pois nem neste nem noutros
 mundos terei fortuna.
 Se sabes onde a morte
 tem a morada escura,
 diz-lhe que corpo e alma juntamente
 20 me leve adonde não recordem nunca,
 nem no mundo em que estou nem nas alturas.

³⁸ Ò, por ao, para permitir a sinalefa.

Que placidamente brilham
o rio, a fonte e o sol!
Quanto brilham!,... mas não brilham
para mim, não.

5 Qual medram ervas e arbustos!,
qual brota na árvore a flor!
Mas não medram nem florescem
para mim, não.

10 Qual cantam os passarinhos
enamoradas canções!
Mas em-que cantam, não cantam
para mim, não.

15 Qual a natureza bela
sorri a maio que a mimou!
Mas para mim não sorri,
para mim, não.

20 Sim... para todos um pouco
de ar, e de luz, de calor...
Mas se para todos há,
para mim, não.

E bem!... já que aqui não topo
ar nem luz, terra nem sol,
para mim n'hav'rá uma tumba?
Para mim, não.

ESTRANGEIRA NA SUA PÁTRIA

Na já velha varanda
 entapizada de heras e de lírios
 foi-se assentar calada e tristemente
 frente do templo antigo.

5 Interminável procissão de mortos,
 uns em corpo não mais, outros no espírito,
 viu pouco a pouco aparecer na altura
 do direito caminho,
 que monótono e branco relumbrava,
 10 tal como um lenço num erval tendido.

Contemplou qual passavam e passavam
 colhendo pro infinito,
 sem que ao fixarem nela
 os olhos apagados e afundidos
 15 dessem sinal nem mostra
 de tê-la nalgum tempo conhecido.

E uns eram seus amantes noutros dias,
 dívidos dela os mais e outros amigos,
 companheiros da infância,
 20 serventes e vizinhos.

Mas passando e passando diante dela,
 foram aqueles mortos prosseguindo
 a indiferente marcha
 caminho do infinito,
 25 mentres cerrava a noite silenciosa
 os seus lutos tristíssimos

em torno da estrangeira em sua pátria,
que, sem lar nem arrimo,
sentada na varanda contemplava
30 qual brilhavam os lumes fugitivos.

53

Padrão!... Padrão!...
Santa Maria... Lestrove...
Adeus, me vou!

I

Aqueles risos sem fim,
5 aquel brincar indolor,
aquela louca alegria
por que acabou?
Aqueles doces cantares,
aquelas falas de amor,
10 aquelas noites serenas,
por que não são?
Aquel vibrar sonoro
das cordas da harpa e os sons
da guitarra melancólica,
15 quem os levou?
É todo silêncio mudo,
solidão, dor,
onde noutro tempo a dita
só lá reinou...

20 *Padrão! Padrão!*
Santa Maria, Lestrove...
Adeus, me vou!

II

O cemitério da Adina
sem dúvida é sedutor,
25 com as olivas escuras
de velha recordação;
co seu chão de ervas e flores
lindas qual n'outras deu Deôs;
com os seus cónegos velhos
30 que nele assentam ao sol;
cos meninhos que ali jogam
contentes e rebuldões³⁹;
coas lousas brancas que o cobrem,
e cos húmidos montões
35 de terra, onde alguma pobre
no amanhecer se enterrou.

Muito te quis lá num tempo,
cemitério encantador,
com as olivas escuras,
40 mais velhas que os meus avós,
cos teus cregos veneráveis,
que se iam sentar ao sol,
mentres cantavam os pássaros
as matutinas canções,
45 e co teu ossário humilde
que tanto respeito impõe
quando da luz que nele arde
vê-se à noite o resplendor.
Muito te quis e te quero,
50 isso bem o sabe Deôs;
mas hoje, ao pensar em ti
nubla-se-me o coração,

³⁹ Travessos.

que a terra está removida,
negra e sem flor.

55 *Padrão!... Padrão!...*
Santa Maria... Leſtrove...
Adeus, me vou!

III

Fui um dia em busca deles,
palpitante o coração,
60 fui-os chamando um a um
e nenhum me contestou.

Petei numa e noutra porta,
não senti fala nem voz;
qual numa tumba baldeira⁴⁰
65 o meu petar ressonou.

Mirei pela fechadura,
que silêncio!... que pavor!...
Vi não mais sombras errantes
que iam e vinham sem som,
70 qual voam os lixos leves
num raio do claro sol.

Ergueram-se-me os cabelos
de estranheza e aflição.
Nem um só!... que nem um só!...
75 Onde estão?, que deles foi?

O triste som da campana
vagaroso a mim chegou...

⁴⁰ *Baldeira* é localmente “vazia”.

Tocava a morto por eles!...

Padrão!... Padrão!...
80 *Santa Maria... Leŕtrove...*
Adeus, me vou!

54

PASSAI

Brilha, raio da aurora,
qual um sono de paz branco e puríssimo;
àquel que nasceu cego que lhe importa
o teu fulgor divino?

5 Gemi, serenas ondas,
co rumor dos *pinhares*⁴¹;
músicas, ai!, e cantos e harmonias,
para um surdo, que valem?

10 Passai!,... passai, formosas,
feitiço dos que esperam e dos que amam:
Amores e prazeres são mentira
pra quem tem seca a alma.

⁴¹ Forma anómala inescusável pela rima.

Por que, Deus piedoso,
 por que chamam crime
 ir à busca da morte que tarda
 se a um esta vida
 5 o cansa e aflige?

Carr'gado de penas,
 que peito resiste?
 Que rendido viageiro não quer
 buscar o descanso
 10 que o corpo lhe exige?

Por que se um não rege
 as dores que o oprimem,
 por que dizem te amostras irado
 de que um entre as tumbas
 15 a frente recline?

Inferno no mundo,
 e inferno sem lindes
 mais além dessa cova sem fundo
 que a alma cobiça,
 20 que os olhos não cingem.

Se é que isto é verdade,
 verdade terrível,
 ou deixai um inferno tão só
 de tantos que existem,
 25 ou, se não, Deus Santo,
 piedade dos tristes.

SOZINHA!

Eram claros os dias,
risonhas as manhãs,
e era a tristeza sua
negra como a orfanda'.

5 Ia-se à amanhecida,
tornava co serão...
Mas que fosse ou viesse
ninguém lho ia esculcar.

10 Tomou um dia leve
caminho do areal...
Como nada a esperava,
ela não tornou mais.

15 Ao cabo dos três dias
botou-a fora o mar;
lá onde o corvo pousa,
só enterrada está.

LIVRO III

VÁRIA

NÃO HÁ PIOR MEIGA QUE UMA GRÃ PENA

- Marianinha, vai-te ao rio.
 – Deixai, nha mãe, que aqui esteja,
 que eu não veja a luz do dia,
 que a luz a mim não me veja.
 5 – Que estás dizendo, rapaza?...
- Que onte' à manhã na devesa
 a água se tornou roxa⁴²
 quando me fui lavar nela;
 que embaixo dos meus peinhos
 10 iam-se murchando as ervas,
 que ao ferir-me o sol na cara
 tornou-ma da cor da cera;
 que os ouriços das castanhas
 nos meus cabelos se enredam;
 15 que as espinhas dos espinhos
 contra mim se volvem feras;
 que ao passar as corredeiras
 prendem em mim as silveiras;
 que me picam as urtigas,
 20 me magoam as areias,
 e os passarinhos, ao ver-me,
 vão cantando em som de queixa:
Vai a morrer Marianinha!...
rezai pois todos por ela!
- 25 – Ai! Minha Virgem do Carmo,
 que está minha filha enferma!
 Ai Deus!, que ma enfeitiçaram...

⁴² "Vermelha" como ainda em Camões. Às vezes, "ruivo, avermelhado".

Ai!, que a abafou uma meiga!
Não foras tu tão bonita,
30 nada inveja che tivera.
Prenda das minhas entranhas,
vem a mim, não tomes pena,
que hás de ir a São Pedro Mártir,
mal que bois e vacas venda...

35 – Mamãezinha, mamãezinha,
levai-me adonde quisérais,
mas para mim n'há remédio
em todo o redor da terra,
se não é num coração
40 que me oprime entre cadeias,
se não é numa má boca
que me imprecou maldizenta...

– Quem te praguejou, nha filha?
Que males, meu bem, fizeras?

45 – Não mo pergunteis, nha mãe;
vale mais nunca se veja:
segredos desta feitura
devem dormir entre as pedras.

– Fala, rapaza, que sinto
50 ferver-me o sangue nas veias.

– Que eu não veja a luz do dia,
que a luz a mim não me veja...
Mamãezinha, mamãezinha,
não me maldigais qual ela.
55 Deixai-me ir co meu segredo

dormir no fundo da terra.

60 – Não irás co teu segredo,
não irás, em-que bem queiras;
que ali perguntar-cho fora
tua-mãe, e ali responderas.

65 – Ai nha mãe!, era bonito
como os anjos das igrejas;
era em falas amoroso,
muito, muito, mais que as sedas;
era doce... muito, muito
mais que o mel que sai da cera.
Deitava rosas de maio,
seus olhos eram estrelas,
e tinha qual ouro puro
70 a enriçada cabeleira...

– Acaba, Mariana, acaba,
que o coração se me aperta...
De quem falas? Diz-mo, diz-mo...
Ou quiçá sonhaste, nena?

75 – Não sonhei, mamãe, não sonho,
em-que sonhar bem quisera.
Folguei co conde, senhora,
prometido da condessa.
Falava-me entre os carvalhos
80 quando ia ao monte por lenha,
falava-me ao pé do rio
nas tardes do v'ráo serenas,
falei com ele... ai!, falara,
mamãezinha, a vida inteira!

85 – Ai minha Virgem querida,
que está minha filha enferma,
enferma de mal de amores,
que enfermaram a honra dela.
Bem fazem cantando os pássaros,
90 Marianinha, minha prenda:
Vai a morrer Marianinha!
que rezem todos por ela!

Marianinha vai secando,
a pobre sem sangue queda,
95 sem alimento que tome,
nem água que lhe apeteça.
Amigas n'há que a consolem,
músicas n'há que a entretenham,
e à vista do sol acora⁴³,
100 e à vista das flores gela.
A sua mãe anda tola
em busca de santas ervas,
que no leito de Mariana
põe de noite à cabeceira,
105 e vai de ermida em ermida,
leva oferta trás oferta
a cada bendita virgem,
a todos os santos reza,
e às almas oferta luzes
110 para que peçam por ela.
Porém não sara Mariana,
Mariana sem sangue queda...
Todos dizem a *chuchona*
vir de noite chuchar nela,
115 e há algum que viu de noite
a *Companha* pela aldeia.

⁴³ Ofega. *Acorar* é derivado errático de *corar*.

II

- 120 – É que morre a namorada?
Por mim morre a linda nena?
Nunca!, porque isso não fora
digno da minha nobreza.
Enxugai essas bagulhas,
não choreis mais, pobre velha,
que a nena das tranças longas
bem pronto será condessa.
- 125 Vamos-lhe dar esta nova,
vamo-nos a cabo dela.
- E a trote longo caminham
pelo meio da devesa.
- 130 – Meu senhor... n'ouvis os corvos?
Vêm caminho da aldeia...
Mirai qual batem as asas...
qual batem as asas negras.
- Deixai que as batam, que é cousa
dos corvos fazer tal senha.
- 135 – Senhor, senhor... como cham!
Que agoireiramente berram!
É porque adivinham morte,
é que mortandade há cerca.
- 140 – Haverá! Que Deus acolha
àquel que deixa esta terra.
- Meu senhor, tocam a morto...
Ai!, tocam na nossa igreja...

Nha Virgem! Quem morreria?

145 – Não penseis em quem morrera,
pensai, nha velha, tão só
na vossa filha que pena.

150 – Senhor, senhor... pouco andamos;
por Deus, picai esporeira,
que ao sair à manhãzinha
n'havia enfermos na aldeia,
se não era minha filha,
que tinha a cor como a terra,
e os pés como a neve frios,
e as mãozinhas como a cera,
155 e ao redor dos tristes olhos
umas como manchas negras.

– Afligis-me co'esses ditos,
e aguilhoa-me a impaciência...
Meio condado daria
160 por salvar a vida dela,
da mais formosa vilã
que há em toda a redondeza.
Mas se é que a topar eu morta,
se tal nos acontecera...
165 Já que a matei, té a morte
hei de fazer penitência.

Morreu, morreu Mariana;
o conde viu-a entre as velas,
mas ela n'ó viu a ele,
170 que antes de chegar morrera.
Morreu como um passarinho,

e entre os lenços que a rodeiam
parece um anjo que aguarda
que venham do céu por ela.
175 Ninguém soube que de amores
e que de olvido morrera.
Uns disseram que uma praga
com ela na tumba dera;
outros contavam que fora
180 da abafada duma meiga...
Mas por ela o conde fez
até seu fim penitência.

VAMOS BEBENDO

- Tenho três pitas⁴⁴ brancas
 e um galo negro,
 que hão de pôer⁴⁵ bons ovos,
 andando o tempo.
- 5 E hei de vendê-los caros
 pelo janeiro.
 E hei de juntar os quartos⁴⁶
 para um mantelo,
 e hei de levá-lo posto
- 10 no casamento,
 e hei...
 – Pois mira, Marica,
 vai por um neto⁴⁷;
 que entretanto não tiras
 esses zerelhos⁴⁸,
- 15 e as pitas vão medrando
 co galo negro,
 para pôer os ovos,
 e todo *aquelo*
 do janeiro, dos quartos,
- 20 e o casamento,
 minha prenda da alma,
 vamos bebendo!

⁴⁴ Pintas, galinhas.

⁴⁵ Bissilabo. V. nota final.

⁴⁶ *Quartos* é popular para “dinheiro” na Galiza. Vindo de umas velhas moedas de cobre, equivale a *cobres* ou ao italiano *soldi*.

⁴⁷ Medida de líquidos, de arredor de meio litro. Eco semierudito de *metrum*.

⁴⁸ Farrapos; vai com *zarelho*. Para Coromines de **lacericulu-*. V. nota final.

– Um verdadeiro amor é grande e santo,
dos encantos encanto,
e é doce... doce entre as doçuras todas.

5 – Sei-ca por isso tanto,
trás umas e outras modas,
dá-lhe por empachar, em-que bem sabe.

– Por mais que acabe em bodas?...

10 – Em-que em bodas acabe;
pois como todo doce, minha vida,
e esta é cousa sabida
como que queima o fogo,
quanto mais come um dele enjoa logo.

– Não cantes, não chores, não rias, não fales,
nem entres, nem saias sem mo perguntares.

– Valha-te São Pedro, com tanto guardar-me!

5 – Pois de que assim seja, nena, não te assanhes;
que cantes, que chores, que rias, que fales...
“Cão, passa!” num tempo, meninha, dirão-che.

ADIANTE!

No escuro pavoroso
 e entre o surdo rumor dos pinhos bravos
 que a tormenta açoutava como a escravos,
 ouviu-se, como queixa de raposo,
 5 o assobio medroso.

E um laio⁴⁹ de temor que dava frio
 ao medroso assobio
 respondeu desde o fundo da espessura,
 aumentando no espírito a tristura
 10 que dava o rouco murmurar do rio.

Entre as negras ribeiras, manso e lento,
 qual corre o abatido pensamento
 entre os tristes remorsos e a esperança,
 ia a compass' do vento
 15 correndo trás a extensa *lontanança*⁵⁰.

Mas cabo da ancha ourela,
 misteriosa, agachada sentinela
 numa lancha do Minho aposentava;
 e arma na mão e em vela,
 20 através da ramagem assejava⁵¹.

⁴⁹ Lamento.

⁵⁰ Italianismo obrigado pela rima.

⁵¹ *Assejar* é "espreitar"; de *ensejar* "esperar a ocasião" por troca de "prefixo".

NEM ÀS ESCURAS!...

I

– Tudo está negro, as sombras envolvem a vereda,
e nem o céu tem olhos, nem o pinhal tem léria.

Vamos! Do que há oculto, quem mediu as funduras?
Alma n'hav'rá que saiba!... vem!... a noite está escura.

- 5 – Escura?... mas relumbra não sei que luz traidora...
 – É que uma estrela brilha nas águas bulidoras.
- E não ouves que ruge algo onde aquele erva?
 – O vento que anda tolo correndo entre a folhagem.
- 10 – Escuta, sinto passos, e acaso assoma um vulto...
 – Se é vivo, matá-lo-emos; não fala se é defunto!
- Mas aqui neste cômaro⁵² há uma funda cova;
 vem, e santos ou denhos, que nos atopen ora.

II

Adonde irei comigo? Onde me esconderei?
Que já ninguém me veja e eu não veja ninguém?

- 15 A luz do dia assombra-me, pasma-me a das estrelas,
 e as olhadas dos homens na alma me penetram.
- E é que o que dentro levo de mim, penso que ao rosto
 me sai qual sai do mar ao cabo um corpo morto.

⁵² Cômoros.

20 Houvera, e que saíra!... mas não, dentro te levo,
 fantasma pavoroso dos meus remordimentos!

- Gigantescos olmos, mirtos
 que brancas flores ostentam,
 umas com renovos inda,
 outras que o vento esfolheia.
 5 Buxos que já contam séculos
 e que juntos reverdejam
 formando de rama e troncos
 valos que nada atravessa,
 e nos que mui descansadas
 10 fazem o ninho as cobrelas⁵³.
 Loureiros, irmãos dos buxos
 pela altura e a nascença,
 pois arraigaram a um tempo
 no mais profundo da terra.
 15 Limoeiros, laranjeiras,
 que o verde musgo sombreiam
 e aroma esparzem de *azaar*⁵⁴
 com que a gente se recreia.
 Eternos bosques por onde
 20 sombrio mistério reina
 onde só pássaros cruzam
 pelas tristes alamedas
 onde ao murmurar as fontes
 um cuidara que se queixam,
 25 e onde o mesmo sol do estio
 melancólico penetra.
 E em meio desta espessura
 e desta bela tristeza,
 numa casa inda mais triste,

⁵³ Diminutivo esporádico de *cobra*, necessário pela rima.

⁵⁴ Do cast *azahar* "flor de laranjeira".

30 se de fachada soberba,
ali dizem tem o ninho
a mãe de todas as meigas:
casa com portas de cedro,
em cada janela reixas,
35 cozinha como de monges,
silêncio como de igreja,
criados que não dão fala,
cães que mordem como feras.
Lá a viram negra e magra
40 como uma gata famélica,
no mais são e mais florido
da bela terra galega.
Dos males que nos afligem
dizem todos virem dela...
45 Mas sucede nesta vida
que o que tem culpa n'a leva!

CADA COUSA NO SEU TEMPO

Do alegre maio uma alvorada fresca
 foi-te sorrir no outono melancólico,
 e por Natal os membros entanguidos
 quentaste bem contente a um sol de agosto;
 5 depois tremeste com espanto, e foste
 buscando a sombra inquieto e pesaroso,
 mas a memória preguiçosa, tarde,
 trouxera ao teu recorde
 que aqueles câmbios bruscos,
 10 raros e tempestuosos,
 de lutos e pesares nesta vida
 sinal seguro sempre foram logo.
 E trás aquel calor que che emprestara
 no inverno um sol de agosto,
 15 só sentiste da febre o mortal frio
 que geou mesmo os teus ossos.

*As cousas no seu tempo
 e as feras no seu tovo⁵⁵.*

⁵⁵ Covil, toca. Só galego. Provável cruzamento dos latinos *tūbus* e *tōfus*.

- Cabo das flores a nena
 canta alegre o seu cantar,
 e é branca como açucena,
 pálida como o luar.
- 5 E onde a boquinha um lunar
 gracioso lhe deu Deus, tão feito, tanto,
 que é de todos o encanto.
- Cor de luar... que tom lindo!
 Uns olhos qual noite escura,
 lábios que falam sorrindo,
 e aquel sinal... Formosura
 mais não cabe em criatura
 que a que Deus quis che dar, bonita rosa,
 doce, casta e preciosa.
- 15 Ser amada, esse é teu signo,
 amada qual n'outra houver;
 e, que ditoso destino!,
 ser querida e bem querer.
 Eis a ambição da mulher,
- 20 e único bem que buscam sem medida
 nesta mísera vida.
- Peró, nena lunarada⁵⁶,
 sabes o que o refrá diz?:
 Que no amor é desditada
 a que um lunar tem assim.
 25 E também dizem que o és ti⁵⁷,

⁵⁶ Que tem lunares.

⁵⁷ *Ti* sujeito, dialetal e arcaico.

apesar das risadas dos teus lábios
que não sabem de agravos.

30 Ou embora ou em má hora,
que nisto de namorar
também se mete a traidora
da má sorte a trabalhar.
E mete-se a enfeitiçar
35 corações inocentes e almas puras
n'afeitas a amarguras.

Ai da nena lunarada!,
pálida como o luar!,
[e em amores desditada!]⁵⁸
Como canta o seu cantar
40 tão serena e sem pensar,
Que, à que lunares tem, fortuna esquivada
lhe há de ser mentres viva.

Alegre e ditosa canta
aquela linda canção
45 que lhe traz à mente tanta
querida recordação,
que assim é como oração
que a alma, triste, com amor murmura
pedindo a Deus ventura.

50 E ela não pensa, tolinha,
não imagina a coitada
que mal trás o amor caminha

⁵⁸ Verso que falta. A regularidade das estrofes pede reconstruir o lapso editorial certo, a partir da medida, a rima e o sentido geral.

e tem fortuna minguada
a que nasce lunarada:
55 que a que tem um lunar tão primoroso
nunca terá repouso.

Que tão só che aguardam penas,
linda rosa, a do lunar;
as grandes trás as pequenas.
60 Uma trás outra a chamar
à tua porta hão chegar:
ninguém, tal é a força do destino,
ninguém torce o seu signo.

PELOURO QUE RODA

Deu-lhe começo pensando,
depois gostou de pensar;
e deste gosto ao desejo
a toda a pressa se vai.

- 5 E de cote declinando,
declinando sem parar,
desde o desejo ao pecado
a toda a pressa se vai.

A DESGRAÇA

- Por que existe? Quem é? Onde a soberba
morada tem? Arteira, adonde habita?
Sono ligeiro ou passageira nuvem
pra muitos é, que apenas deixa rasto.
- 5 Outros os golpes aleivosos sentem
que lhe'assesta com negra traidoria
desde o começo ao fim da vida escrava.
Mas não a veem, em-que a mirada tendam
pelo arredor, para evitarem, cautos,
- 10 o seu bafo pestífero, nem topam
no espaço, nem na terra, nem no mar,
em-que ela em tudo está, sempre daninha.
-
- O mal do inferno é filho, o bem do céu;
a desgraça de quem? Loba que nunca
- 15 farta se vê, que o seu furor redobra
da funda f´rida à vista ensanguentada.
Donde é que vem? Que quer? Por que a consentes,
potente Deus, que os nossos males miras?
Não vês, Senhor, que o seu poder afoga
- 20 a fé e o amor no espirito que em Ti fia?
Como endurece o coração que um tempo
era todo brandura! Como mata
da esp'rança a luz, que um resplendor tranquilo
nos astros derramava da existência,
- 25 nova força prestando ao pé cansado
e mais valor à alma temerosa!
Tudo o murcha ao seu passo, a planta sua
Maldita, tudo para sempre estraga;
tudo com lama pegajosa enturba.

30 E que oco tão profundo faz em torno
daquele a quem persegue! Como fogem
as gentes del pra não ouvir os laios
que o seu penar lhe arranca, ou a espantosa
blasfêmia que com lábio balbuciente
35 assim mesmo mordendo-se articula!
Que apestado n'existe nesta vida
que tanto horror à humanidade cause
como o que da desgraça vai tocado.

E como não, se o bem contra ele volve!
40 Se o mesmo sol não luz onde ele habita,
se a fonte onde há beber envenenada
de cote está, se o pão se volve absíntios
para seu paladar, e o mar sem fundo
enxuto num instante se quedara
45 se ele na amarga onda afogar quisera;
nos braços da morte que aborrece,
a mesma morte o deixa abandonado!

Ah, piedade, Senhor! Varre essa sombra
que em noite eterna para sempre envolve
50 a luz da fé, do amor e da esperança!
Sombra de horror, que os astros brilhadores
escurece dos céus, que um novo inferno
neste mundo formou, e um mundo novo,
onde todo valor perde os seus brios
55 e toda força sem lutar se esmaga,
onde estas trevas da impiedade, esparsas,
borram todo caminho que a Ti guie!

Deus de bondade, o teu potente sopro
de nós aparte esse fantasma horrível

60 que a desesperação dá por remate;
 pois já basta coas dores, coa miséria
 da carne fraca e coa infalível morte
 pra tormento e castigo dos que, tristes
 porque pecaram, vivem desterrados
65 da pátria celestial por que suspiram!

E bem! Quando cumprido
 tenhais esse ardentíssimo desejo,
 o meu rir sem descanso será então,
 em-que um rir triste e negro.

- 5 E desde o meu curruncho solitário
 estarei ensejando-vos sereno,
 e trás a primavera e trás o estio,
 verei qual chega para vós o inverno.
 E que inverno tão triste,
 10 tão áspero e tão fero!...

- Como no outono as folhas ca'm das árvores,
 dos vossos corações irão cedendo
 as brancas ilusões com que cobríeis
 o chão do cemitério
 15 lá onde os nossos mortos dormem juntos
 do olvido no silêncio.

- E nas negras mortalhas que os envolvem,
 diante de vós aparecer verei-los,
 dizendo: "N'era aquilo o que buscáveis
 20 quando enganados insultaste'os céus...
 N'era aquilo sem dúvida, coitados,
 mas... tampouco era *esto!*..."
 E eu desde o meu curruncho sorrir-me-ei
 cum sorrir triste e negro.

SEM NINHO

Por montes e campias,
caminhos e esplanadas,
vem uma pomba só,
só e de rama em rama.

5 Seguem-na as pobres crias,
 sedentas e cansadas,
 sem que alimento tope
 pra dar-lhes a bicada.

10 Traz manchadas as plumas
 que eram um tempo brancas,
 traz murchas e rasteiras
 e abatidas as asas.

15 Ai!, pobre pomba, um tempo
 tão querida e tão branca!,
 onde vai o teu brilho?...
 O teu amor, onde anda?

EU POR VÓS, E VÓS POR OUTRO

- A linda, a grande senhora,
de não vista formosura,
onde irá tão a desora,
numa noite tão escura?
5 Onde irá com tal pressura?
- Vai enodoando na lama
o sapatinho de seda...
Pelo tojal vai a dama,
e o dono entre holandas queda!...
10 Bom sono Deus lhe conceda.
- Que el durma, que eu velarei
pela dona mais formosa
que vi no mundo e verei;
no jardim cuido da rosa
15 de cujo odor outro goza.
- Cuido dela noite e dia,
sem descanso nem sossego,
que o topar não poderia;
corpo e alma, não o nego,
20 a essa tarefa me entrego.
- E em-que disto nada sabe,
eu sei quanto posso dela,
mas, que tal saber me acabe...
Sai, pombinha, sai, estrela,
25 que um valente por ti vela
-

Adonde vai? A escondida
porta se abre passeninho⁵⁹...
Rumor de seda comprida
ruge lá pelo caminho
30 que vai da fonte ao moinho...

N'a vejo, mas ela é,
chega-me o seu doce *olido*,
sinto o pisar do seu pé,
e o meu coração ferido
35 de prazer deu um batido.

Nobre dama, linda dona
dos corações que encantais,
perdoai-me, sim senhora,
se vos sigo aonde andais;
40 perigo não vedes mais?

Em noite tão tempestuosa
quem vos meteu tal anseio?
Enlamear-se assim a rosa!....
E no meu coração leio
45 que não levais paz no seio.

E se topais a *Companha*?⁶⁰
E se vos sai a *Estadeia*?⁶¹
Se com falas vos engana
e vos põe mantel e ceia,
50 mentres troa e *lostregueia*?⁶²

⁵⁹ Devagarinho.

⁶⁰ V. nota final.

⁶¹ O mesmo que *Companha*.

⁶² *Lostreguear* "relampaguear, relampejar", do gal. *lôstrego* "lampo".

Não ireis só, pelos Céus,
não entanto que eu alente,
pois fora tentá-lo a Deus.
Senhora, Deus não consente
55 que o perigo busque a gente.

Sem que saibais que vos sigo,
irei ‘trás de vós agora,
por se vos tenta inimigo.
E entanto não sai a aurora
60 não vos deixarei, senhora.

Adeus!... adeus, dama bela!;
dar-vos a tamanhos modos!...
Não vos levou *a Companhia*,
mas o inimigo levou-vos.

65 Embarga-me o assombro a alma...
Ai amor tolo!... amor tolo!...
Bem diz o refrá sabido:
“*Eu por vós, e vós por outro*”.

- Valor!, que em-que és como maviosa cera,
cá em perigo estamos,
e noutro lado a liberdade espera
que aqui ninguém che dera.
- 5 – Vamos, senhor, adonde queiras... Vamos!
- Tão nobre és tu, meu bem, como esforçada,
mas... tremes como a cerva encurralada,
ora que juntos por ventura estamos
para fugir, ‘nha prenda namorada!...
- 10 – Pois fuçamos!... fuçamos!...
- Tens medo, minha vida,
de seres nos meus braços surpreendida,
de que juntos amando-nos morramos?
- Ai não, que a dita assim fora cumprida!...
- 15 Mas partamos... partamos...
e adeus, paz e virtude bem querida!

DOCE SONO

Baixaram os anjos
aonde ela estava,
fizeram-lhe um leito
coas plácidas asas,
5 e longe a levaram
na noite calada.

Quando à alva do dia
tocou a campana,
e no alto da torre
10 cantou a calhandra;
os ângelos mesmos,
pregadas as asas,
“Por que? – murmuraram –,
por que despertá-la?...”

- Vejo espantada o abismo
aonde caminhando vou...
Coração... quanto és tirano!,
e és profundo, meu amor!
- 5 Pois eu, sem poder conter-me,
n'escuto mais que uma voz,
e aonde ela quer que vá,
sem poder conter-me, vou...
- 10 Hoje, à noite, dêis que durmam,
sairei pelo *ventanil*⁶³;
dar-me-ão as sombras alento...
e adeus, casa onde nasci!
- 15 Honra que tanto estimei,
santidade do meu lar,...
pelo meu amor vos deixo
para toda a eternida'!
- 20 Senhor!,... hás dar-me castigo;
que o mereço bem o sei;
mas... condenai-me, Senhor,
a sofrê-lo cabo del.

⁶³ Cast. *ventanil* "janelinha".

- Para a vida, para a morte
e para sempre jamais,
pedi-te a Deus e Deus deu-te-me
por toda uma eternida’.
- 5 Para a vida, para a morte
e para sempre jamais,
quero ser tua e que sejas
o meu senhor natural.
- Mas a que assim querer sabe
10 não deve ter pai n’irmão,
nem homem, se é que é casada,
nem filhos, se acaso é mãe.
- Espanta o que estás dizendo...
mas eu sinto que é verda’;
- 15 leva-me, senhor, que irei
onde me queiras levar...
– Pois vem-te... Que importa o mundo
a quem tem a eternida’?
- 20 Juntos hemos de viver,
juntos não hão de enterrar,
e os nossos corpos aqui
e as nossas almas alá,
quer Deus que em união eterna
sejam pra sempre jamais...
- 25 Qual ao pássaro a serpente,
qual à pomba o gavião,
arrancou-a do seu ninho
e já nunca volverá.

NA TUMBA DO GENERAL INGLÊS
 SIR JOHN MOORE
 MORTO NA BATALHA DE ELVINHA (CORUNHA)
 O 16 DE JANEIRO DE 1809

À minha amiga Maria Bertorini, nativa do país de Gales. Corunha, 1871

- Quão longe, quanto, das escuras névoas,
 dos verdes pinhos, das ferventes ondas
 que o nascer viram!,... dos paternos lares,
 do céu da pátria, que o alumiou mimoso,
 5 dos sítios, ai!, do seu querer, que longe
 veio a cair, sob inimigo golpe
 pra nunca mais se levantar, coitado!
 Morrer assim em estrangeiras praias,
 morrer tão moço, abandonar a vida
 10 não farto ainda de viver e ansiando
 gostar a fruta à que cuidados dera!
 E em vez das pôlas do loureiro altivo
 do herói a testa varonil coroar,
 baixar à tumba silenciosa e muda!...
- 15 Ó brancos cisnes das britanas ilhas,
 ó arvoredos que bordais galantes
 dos mansos rios as ribeiras verdes
 e os frescos campos onde John correrá!...
 Se a vós amargo gemedor suspiro
 20 chegou daquel que no postremo alento
 vos disse *adeus!* com amorosa ânsia
 a vós volvendo o pensamento último,
 que do seu ânimo escapava ingênuo,
 com que pesar, com quanta dor sem nome,

25 com que estranheza sem igual diríeis
 também *adeus!* ao que tão longe, tanto,
 da pátria, só, ao eternal descia!
 E a grã poltrona, a colgadura imóvel
 do para sempre abandonado leito;
 30 a cinza fria do seu lar sem lume,
 a branda alfombra que leal conserva
 do pé do morto esse sinal visível,
 o cão que aguarda pelo dono ausente
 e o busca errante por caminhos ermos,
 35 as altas ervas da alameda escura
 por onde ele antes com solaz passeava,
 o sempre igual murmurar da fonte
 onde nas tardes assentar-se ele ia...
 Qual falariam sem parar de Moore,
 40 co seu calado afligidor idioma,
 os olhos, ai!, dos que por el choravam!
 Já nunca mais,... já nunca mais, ó triste,
 há de volver, onde por ele esperam!
 Partiu, valente, a combater com glória.
 45 Partiu, partiu!,... e não tornou, que a morte
 segou-o ali, nos estrangeiros campos,
 qual flor que cai onde a semente sua
 terra não topa em que arraigar pudera!

Longe caíste, pobre John, da tumba
 50 onde cos teus em descansar pensaras.
 Em terra alheia inda os teus restos dormem
 e os que te amaram e recordam inda,
 mirando as ondas do velado Oceano,
 doridos dizem, nas nativas praias:
 55 “Alô está, trás esse mar bravio;
 alô quedou, quiçá, quiçá por sempre;

ninguém na tumba vai chorar, que acolhe
amadas cinzas do que nós perdemos!...”
E os tristes ventos e as caladas brisas,
60 que os mortos amam se distantes dormem
do pátrio chão, a refrescar-te vêm
do v’rão na noite calorosa, e trazem
pra ti nas asas carinhosas queixas,
brandos suspiros, amorosos ecos,
65 alguma bágua sem secar que molha
a seca pedra do sepulcro frio,
do teu país algum perfume agreste.

Mas que formosa e sem igual morada
lhe coube em sorte aos teus mortais despojos!...
70 Quisera Deus que para ti não fora,
nobre estrangeiro, habitação alheia!...
Não há poeta, sonhador espírito
não pode haver, que ao contemplar no outono
o mar de seca amarelenta folha
75 que o teu sepulcro com amor ‘covilha;
que ao contemplar nas alvoradas frescas
do mês de maio as rubicundas luzes
que alegres sempre a visitar-te vêm,
não diga: “Assim, quando eu morrer, pudera
80 dormir em paz neste jardim florido,
perto do mar,... do cemitério longe!...”
Que não escutas tu jamais, ó Moore,
choros amargos, queixumosas rezas,
nem outros mortos a chamar-te vêm,
85 pra que com eles na calada noite
a incerta dança dos sepulcros bailes.
Só doce alento do rebento que abre,
da flor que murcha o derradeiro adeus,

- loucos rebuldos⁶⁴, infantis risadas
90 de lindos nenos que a esconder-se vêm
sem te temer trás o sepulcro branco.
E alguma vez, muitas quiçá!, suspiros
de ardente amor, que o vento leva adonde
Deus sabe só,... por sem igual companha
95 ditoso tens na habitação postrema.
E o mar, o mar, o bravo mar que ruge
qual ruge aquel que te arrolou no berço,
mora onde tu, vem-che bicar as pedras
dum chão de amor que com amor te guarda,
100 e ao teu redor deixa crescer as rosas!...
Descansa em paz, descansa em paz, ó Moore!
E vós que o amais, do vosso honor zelosos
filhos de Albion⁶⁵, permaneei tranquilos.
Terra fidalga é nossa terra – tanto
105 qual linda Deus a quis criar –, bem sabe
honra fazer a quem merece honra,
e honrado assim, qual mereceu, foi Moore.
Só não está no seu sepulcro; um povo
co seu respeito compassivo vela
110 pelo estrangeiro a quem traidora morte
fez-lhe ficar longe dos seus, e a alheios
vir-lhes pedir o derradeiro asilo.

Quando do mar atravesseis as ondas
e o vosso irmão cá visitar vós vades,
115 ponde na tumba o carinhoso ouvido,
e se sentis rebuligar⁶⁶ as cinzas,
e se escutais indefníveis vozes,

⁶⁴ Deverbal de *rebuldar* “retouçar, brincar”. De um vulg. **rebullitare*, de *bullire*.

⁶⁵ O correto é o paroxítono *Álbion*, mas aqui não pode ir, pois rompe o ritmo dos decassílabos sáficos. Para evitá-lo mantemos a oxítonia do original.

⁶⁶ Rebulir, rebuligar, agitar-se.

120 e se entendeis o que essas vozes digam,
a alma vossa sentirá consolo.
El vos dirá que no redor do mundo
tumba melhor que aqui topou n'achara
senão dos seus entre o amoroso abrigo!

I

Qual graciosa meneias
 o teu corpo ligeiro
 se bailas nos estrados
 co'aquel galá soberbo,
 5 meneia o Norte as pôlas
 gentis dos amieiros;
 e uma trás outra folha
 de tom amarelento
 vai deixando, enredada,
 10 nos teus riços cabelos,
 triste coroa, pondo-che
 tão murcha, Deus do céu,
 como a que na alma tua
 põe o teu pensamento...
 15 É que se vai o outono!
 É que se vem o inverno!

Mas inda nas funduras
 do ameno val, serenos,
 sopram ventos suaves,
 20 que aromas tra'm do céu.
 Inda na farta beira
 coberta de gilmendros⁶⁷
 por onde corre o Minho,
 majestático e lento,
 25 do v'ráo se ouve o mais doce
 suspiro derradeiro
 que ali quedou dormindo
 entre a arçã e o esprego,

⁶⁷ Pêssegos. V. nota final

30 como quedou um raio
 de esp'rança no teu peito.

II

 Mas ao que tem mau signo
 mau signo o seguirá,
 que as rápidas correntes
 não volvem nunca atrás.
35 Que esperas, se a esperança
 caso de ti não faz?...

 Adiante, peregrina,
 dá fim ao teu romar⁶⁸,
 que em-que acabar não queiras,
40 alô te hão de levar
 do teu mau fado as ondas
 e os fortes furacões.

 Que inda tens fé!... Tê-la-ás,
 'nha pobre, no teu mal;
45 hás tê-la nas espinhas
 que te hão de atormentar;
 no fel que peçonhento
 sem sede beberás;
 no pão amargo e duro
50 que te alimentará.

 Nunca do mar as ondas
 doces se tornarão,
 nunca a fortuna terca
 coa dita amainará,

⁶⁸ No original *romax*, apócope de *romagem*. A rima pede *romar*, verbo denominativo ocasional, de *romagem* ou *romaria*.

55 nem coa ilusão te alentes
 dum brando descansar;
 só o sono da morte
 o triste dorme em paz.

 Acaba logo, acaba
60 o teu triste romar,
 que ao que em mau signo nasce
 mau signo o seguirá.
 Nas asas da desgraça
 o teu destino vai,
65 e as rápidas correntes
 não volvem nunca atrás.

SEM TERRA

— “Calai, ó ventos noturnos;
calai, fonte da Serena,
que lá por cabo das Trompas⁶⁹
quero ouvir quem chega!”

5 Calaram os ventos todos,
 jorrou a fonte mais queda,
 e vi que iam enterrar
 o coração dela.

10 Vi-a depois inda viva
 por campos e por devesas,
 mas ia para uma tumba
 pedindo terra.

15 Não a topou, e por isso
 amostra às vistas alheias
 inda aquel coração morto
 a sua gangrena.

⁶⁹ Travessa de Santiago que leva ao cemitério de São Domingos, por onde passavam os enterros. Ver nota final.

*Para alguns negro,
para outros branco;
e para todos
traspoleirado⁷⁰.*

I

– Astuto sê se sabes;
vinga-te das ofensas se é que podes;
ao que che sirva paga-lhe;
mas a quem não che dê nunca lhe does;
5 porque a moral dos santos
não reza sempre coa moral dos homens.

Isto um galego montanhês e rude,
farto de humilhações e de rancores,
ao agoniar lhe aconselhava a um filho,
10 herdeiro dos seus males e o seu nome.

II

– Sê ingénuo e leal sempre,
perdoa a quem te ofenda,
faz bem de cote a amigos e inimigos
e à porta franca, sem temor, espera:
15 n'há mais que um Deus e uma moral que salve
os tristes filhos de Eva.

Isto a pobre viúva
do montanhês, morrendo entre a miséria,
resignada ao seu filho lhe dizia...
20 E a Deus o espírito lhe entregou serena.

⁷⁰ Extraviado, fora de lugar.

III

E fez-lhe logo as honras
mas tão só com gemidos e com báguas;
crego⁷¹ não houve ao seu redor que à pobre
o enterro por esmola lhe cantara.
25 Num curruncho do adro
onde as urtigas ásperas medravam,
 sem cruz, sinal, nem lousa,
ali quedou perdida e sepultada;
 e triste o filho e só,
30 tornou sanhudo à solitária casa.

“Meu pai deu-me um conselho – ia pensando –
 e minha mãe deu-me outro;
e se ela tinha santidade e zelo,
sabença tinha ele, experiência avondo.
35 Sou filho dele e dela...
Partirei pois a herança de dous modos:
nha mãe, farei o bem a quem cho fez...
meu pai, vingança pedem os teus ossos.”

⁷¹ Pároco, abade; clérigo. Hoje só galego, documenta-se desde 1266 (CDGH).

TRISTES RECORDOS

Uma tarde lá em *Castilha*
brilhava o sol qual de cote
naqueles desertos brilha.

5 Claro, ardoroso e insolente,
com seu perdão, pois n'ê modo
esse de queimar a gente,

e secar com esses brios
a pobre inocente planta,
a fonte, os sedentos rios.

10 Uma tarde, oh que tristeza,
me acometeu tão traidora,
vendo-me em tal aspereza!

15 “Aonde vim eu parar!”
pensava mirando o céu
para a terra não mirar.

Porque o céu era, isso sim,
um mais ou menos azul
como o que temos aqui.

20 Mentres que a terra, bom Deôs!...
Senhor, possível será
que aquela a fizésseis Vós?

Mas, por que estranhar-me tal
se as cousas que vós fazeis

jamais as fazeis Vós mal?

25 Fizestes tão tristes *lhanos*,
 mas fizestes, Deus clemente,
 tão só para os castelhanos.

 Ai!, cada pomba ao seu ninho,
 e cada coelho ao seu tovo,
30 e cada alma ao seu carinho.

 Aquisto me eu repetia
 naquela tarde, recorde,
 de negra melancolia.

 E no entanto contemplava
35 da igual, extensa planura
 a terra que branquejava.

 Do largo pinhal cansado
 a negra mancha sem término,
 do povo o matiz queimado.

40 E entre o chão e o firmamento,
 as nuvens de denso pó,
 que ia levantando o vento.

 Do deserto fiel imagem,
 co mesmo alento de brasa,
45 coa mesma ardente coragem⁷²!

⁷² *Coragem* aqui com o clássico valor de "ira", em geral antiquado.

Ao longe o mular passava,
vinha a tourada mais perto,
a ovelha enferma balava.

50 E no já queimado espinho,
fugindo do sol ardente,
pousava-se o passarinho.

Meu Deus, ai, que ânsia cativa!
Pesava em mim a tristeza
qual se me enterrassem viva.

55 Lembranças da terra nossa,
calmai coa vossa frescura
as penas da alma chorosa.

60 Porque esse sedento rio,
envolto em malignas brêtemas,
dá calentura, dá frio.

De pronto ouvi um cantar,
cantar que me comoveu
até fazer-me acorar⁷³.

65 Era a galega canção,
era o *alalá!*,... que fez
bater o meu coração

com um estranho bater,
doce como o bem amar,
fero como o padecer.

⁷³ *Acorar*, variante de *corar*, cobrou os valores de "ofegar" e de "afligir".

70 De pó e de suor cobertos,
coa fouce ao lombo, corriam
por aqueis campos desertos

um fato de segadores...
e eram eles, eram eles,
75 os meigos dos cantadores!

Adeus, pinheirais queimados!
Adeus, abrasadas terras
e cômaros desolados!

80 Fechei os olhos e vi...
vi fontes, prados e veigas
tendidos ao pé de mim.

Mas quando a abri-los tornei,
morrendo de soidades,
toda a chorar me matei.

85 E não parei de chorar
nunca até que de Castela
tiveram-me de levar.

Levaram-me para nela
não me terem que enterrar.

Meses do inverno frios
que eu amo a todo amar,
meses dos fartos rios
e o doce amor do lar.

5 Meses das tempestades,
 metáforas da dor
 que aflige as mocidades
 e as vidas corta em flor.

10 Chegai, e trás o outono
 que as folhas faz chover,
 nelas deixai que o sono
 eu durma do não-ser.

15 E quando o sol formoso
 de abril torne a sorrir,
 que alumbre o meu repouso,
 já não meu me afligir.

I

Era no mês de maio,
 no mês do amor, das plantas e das flores,
 mês dos suaves perfumes
 e as transparentes cores.

5 Dos trinos matinais dos passarinhos,
 das cândidas e frescas alvoradas,
 das passageiras nuvens,
 e as tardes sorridentes e douradas.
 Quando o mar é azul, o céu sereno
 10 como o dormir dum neno,
 mansos os rios, altas as estrelas,
 mais desvaída a lua,
 se também mais formosa,
 co'aquela graça sem igual que é sua,
 15 e era enfim quando tudo nesta vida
 ri aos mortais coa alegre, esplendorosa
 risada virginal da primavera
 que a amar e a ser ditosos os convida.

A todos... ai!, quisera
 20 que a sorte assim fizera,
 mas algum há que, envolto na negrura
 da pessoal tristura,
 somente vê, da primavera airosa
 no sol morno e na rosa
 25 co fresco orvalho da manhã coberta,
 um triste e mau agoiro que desperta
 pensamentos de luto e desventura.

II

Era numa manhã do mês de maio
em que parês que os anjos lá cantavam,
30 mentres mansas as brisas se queixavam
com amoroso laio;
em que o rego ao passar pelas cortinhas
não sei que cousas murmurava leve,
e o voar das inquietas andorinhas
35 que nos ares chiavam,
à vista dos nuveiros sabedores,
venturas e contentos agoirava;
manhã de encantos cheia
qual o espirito as deseja
40 quando espera e confia;
manhã que chama a toda class' de seres
ao prazer e à alegria,
menos à triste alma
que desde que é não sabe
45 que é ter sossego ou calma,
onde a doçura do gozar comece,
onde a crueza duma dor acabe.

III

Da Guarda anjo bondoso,
que as brancas asas passeninho bates,
50 pelo redor do congoxado espírito,
pra derramares nele os teus consolos
que nos trais⁷⁴ do infinito,
onde é, onde é que estavas?,
que entre negros quebrantos

⁷⁴ *Trais* "trazes" é variante popular aqui necessária pela medida.

55 só uma alma tristíssima deixavas?
Fé, esperança, virtudes,
origem das eternas beatitudes,
e que desde regiões mais venturosas
vindes calmar as amarguras nossas...
60 Onde estais?, onde?, onde?,
quando o que em vós confia
só, em luta co anseio da agonia,
órfão, vos chama e nada lhe responde?

IV

Por aqueles que odiava perseguido,
65 pelos que amava odiado,
um triste, à dura sorte condenado,
contemplava do Cântabro a bravura
com um olhar profundo,
qual se trás tão profunda sepultura
70 entrevisse as anchuras do outro mundo.
E com ânimo forte,
ao líquido cristal até tocá-lo
em carreira chegou vertiginosa,
qual se a atração do abismo misterioso
75 com força estranha o conduzisse à morte.

E disse: – Vida, adeus!, adeus, tormento,
que com martírio lento
me arrancaste inda os sonhos da esperança!
Da desventura minha
80 eu vou quebrar o braço poderoso
ali onde n'há dor nem há mudança,
e se enterra a inquietude no repouso!
E tu, a má paixão que em mim te cevas
e foras o meu deus e o meu castigo,

85 já que me quês⁷⁵ matar, morre comigo!

Calou o triste, e imensas, pavorosas,
coas crinas espumosas,
retorceram-se as ondas pela areia,
incitando ao coitado
90 a dar fim à peleja
que tinha no seu peito começado.

Mas um brando sonido
feriu de pronto o conturbado ouvido
daquel ser desditado...
95 e escutou assombrado
dum invisível ser a voz formosa
que com branda e celeste melodia
suave e mainamente lhe dizia:

– ”Detém-te ao pé da ourela
100 dos teus dias, cobarde sentinela,
não queiras, por fugires do presente,
da eternidade levantar os véus!

Aguarda a que a medida,
com rosas ou com fel, enchas da vida;
105 nem faças que na tumba se derrame
antes que Deus cha exija.
Que nenhum filho de Eva
ao fim se há de livrar do seu penar
em-que à morte se atreva.

110 Depois de atravessar
os desertos imensos do infinito,
ao mundo volverias em espírito
a sofrer, e o teu crime pra pagar.

⁷⁵ Forma popular por *queres*, já em Gil Vicente. Em galego pode ser aberto.

115 As noites trás os dias,
 sem descanso nem trégua
 apegado àquel seio te verias,
 do ingrato coração vendo os batidos,
 não por ti, mas por outros repetidos.
 Naquele pensamento
 120 com implacável resplendor lerias
 a traição aleivosa, olvido amargo,
 sem véu que os recobrir, nem fingimento.”
 – ”Ó Deus, Deus poderoso!...
 Que tormento espantoso!!...”

 125 – “Ninguém torce o poder dos seus destinos,
 infaustos ou benignos;
 nem a ninguém lhe é dado
 renegar do seu fado.
 Só vence quem espera...
 130 Volve a viver e espera resignado.”

 E tornou a viver, arrependido,
 em-que triste e dorido,
 aquele pobre coitado:
 pediu-lhe a Deus perdão do seu pecado,
 135 e Deus, compadecido,
 mandou-lhe santa paz e doce olvido.

QUE TEM?

Sempre um ai carpideiro⁷⁶, uma dúvida,
um desejo, uma angústia, uma dor...

É às vezes a estrela que brilha,
e outras tantas um raio de sol;

5 é que as folhas das árvores caem,
é que abrolham nos campos as fróis⁷⁷,
e é vento que zoa,
e é frio, é calor...

10 Não é vento, nem sol, nem é frio,
não é... que é tão só
a alma enferma, poeta e sensível,
que tudo a lastima,
que tudo lhe dói.

⁷⁶ Carpidor.

⁷⁷ Fróis, plural do popular *frol* "flor".

- Tu, feiticeira e branca como as neves,
e linda entre as melhores;
tu, arredor de quem, qual as abelhas
arredor duma rosa, andam os homens
5 (gente que o mesmo acaso que as mulheres
é dada a toda classe de traições);
não queiras já não mais, se és queridora⁷⁸,
não does já não mais, mal que che doem;
se é que te ferem, minha prenda, ri-te;
10 se é que te enganam, meu amor, não chores.
Vê que passou o tempo das Corinas,
e o mais que ora se sofre,
só porque não se diga,
é raivar quanto um pode.
- 15 – Raivar não mais... dissera que mentis!
- Sim, sim, raivar bem forte;
mas coa raiva picante e aguilhoeira
que é molho apetitoso das paixões.
Que fora, ó Deus!, sem os absíntios feros
20 dos estômagos pobres?
Dos corações do dia,
que fora sem as raivas, meu amore?

⁷⁸ Amante, afetuosa.

RUÍNAS

*(Harmonias da tarde)**Tradução de Ruiz de Aguilera*

- Já novembro expirava
quando, cansado e só, tomei assento
ao pé do débil muro,
velha defesa e fim dum vilarelo.
5 Pelas abertas fendas,
casa que às sevandijas abre o tempo,
hoje o lagarto mira
com fria olhada o estrago em torno feito.
Sem cor a trepadora,
10 urtiga vil e saramago enfermo,
cujos murchos ramalhos
movem os ares ao passar gemendo;
coroam capitéis
o destroçado pórtico do templo,
15 que tende na campia
entre poeira de altares o esqueleto.
Já no lare⁷⁹ sagrado
lume n'acende a mãe ao som dum rezo,
e da tisonada pedra
20 a borralhinha os ventos já varrendo;
e já dos velhos arcos
e colunas as pedras vão cedendo,
qual uma e outra bágua
cai dos olhos dum triste sem achego.
25 Como as murchadas folhas
se desprendem da pola onde nasceram!,
restos daquela vida

⁷⁹ Paragoge pouco frequente de *lar*, obrigada pelo metro.

com que a vista encantava o souto ameno!
 E qual amostra o rio,
 30 quase que enxuto o empedregado⁸⁰ leito,
 regueiro miserável
 doutro farto caudal, limpo e sereno!
 Qual os outeiros ardem
 do sol de outono ao lampo derradeiro!,
 35 mentres sombria a noite
 vai caladinha os vales surpreendendo!
 Badaladas ao longe
 dá lá um sino suspirando rezos;
 e a tarde que agoniza
 40 manda-lhe à religião o adeus mais terno.
 E o moucho revoando
 berra também com chios agoireiros,
 como morto sem tumba
 que anda só ao redor dum cemitério.
 45 Quando as asas sacode
 a voz desperta de dormidos ecos;
 e parêz que ressoa
 trás o que passa pensativo, austero,
 o rugir misterioso
 50 de visões que em tropel formam os medos,
 pelo chão arrastando
 pardo saial, os brancos esqueletos.
 Ou bem que ressuscita
 a povoação do seu repouso eterno,
 55 rendido peregrino
 que cobra, descansando, novo alento,
 e a caminhada empreende
 ao doce amanhecer dum dia sereno,
 que cobre os seus alvares

⁸⁰ Empedrado, virado em pedregal.

60 sob um de nuvens pudoroso véu.
 Mas acaba-se o encanto
 um momento depois; logo os já restos
 das ilusões mortinhas
 enchem da alma o dolorido seio.
 65 E ora outra vez do muro
 os cantos sem parar rodam desfeitos,
 e ao seu compasso as folhas
 das amarelas pôlas vão cedendo,
 qual uma e outra bágua
 70 cai dos olhos dum triste sem achego,
 ou anacos da vida
 com que a vista encantava o souto ameno.
 Tudo assim passa; a sombra
 segue de cote a luz do claro céu;
 75 e, ai!, a velhez caduca
 do verdor é recorde passageiro.
 Tu tão só não acabas,
 espírito que gemes num encerro!,
 mas com mão compassiva
 80 a morte, ao fim, quebrantará teus ferros.
 Quedará o frágil vaso
 da tua essência imortal anacos feito,
 e pelos ares ela
 em busca irá do seu amor eterno.
 85 À terra que perdeste
 voarás ligeira do manchado ceno
 que coas asas tocaras
 ao pousar-te do mundo no deserto.
 Nele, ai!, triste a recordas,
 90 como da sua os azulados céus
 o pobre desterrado
 na beirinha dos rios estrangeiros.

Chirrar dos carros da Ponte,
tristes campanas de Ervão,
quando vos ouço partis-me
as cordas do coração.

5 Ceboleiras que ides, vindes,
de Adina pelos caminhos,
à beira do campo santo
passai leve e passeninho.

10 Que em-que diz-que os mortos n'ouvem,
quando aos meus lhes vou falar,
penso que em-que estejam mudos
bem ouvem o meu penar.

A BANDOLINATA

- Coa espada assassina
no peito encravada,
o espirito na sombra
e o corpo na lama,
5 mais negra que a morte,
que a terra mais baixa,
bagulhas de sangue
chorando eu estava.
- De pronto entre o espesso
10 da brêtema parda,
com rara harmonia
saiu uma cântega⁸¹...
Que fresca e que doce,
que leve e que estranha
15 soou nas recônditas
cavernas da praia!
- Calmou-se-me a dor
qual sede coa água
do pobre sedento
20 na fonte se calma.
Nos olhos detidas
quedaram-se as báguas,
entanto que imóvel,
suspensa, escutava.
- 25 De tempos remotos,
de idades 'fastadas,

⁸¹ Ver nota final em 14, 1.

de noites serenas,
pra sempre acabadas,
aquele cantar trouxe-me
30 não sei que lembranças,
não mortas,... dormentes,
quem sabe em que campas!

Cuidara que a ouvira
nos campos de Itália,
35 quiçá eu rainha,
quiçá sendo escrava,
na beira do Bósforo,
do paço à varanda...
Mas sempre amor fundo
40 sentindo na alma.

Que estranhos sonhos
se em mim despertaram
do músico incógnito
coa sonora cântega!
45 De anteriores vidas,
que estranhas lembranças
calmaram a dor
das presentes mágoas?

Quem pode dizê-lo?
50 Mistérios da humana
frágil natureza,
nada os explicara;
só sei que sentindo
consolo na alma
55 amei desde entonces
a bandolinata.

Brancas virgens de cândidos rostos,
varões santos de frente serena,
nobres matronas,
monjas austeras,
e ainda aquelas
que parêis que nunca
tocaram coas plantas
os lodos da terra,
na consciência, quem sabe a escondidas
as manchas que levam?

Mas se há anchos rios
e mares imensos,
e lagos sem fundo,
e torrentes que arrancam as penas,
deste mundo nos âmbitos todos
n'há águas que lavem
manchadas consciências;
e aqueis⁸² que se mancham,
manchados se quedam.
Só as lavam as báguas avondas
da penitência!

⁸² Popular galego e do Norte, fruto analógico do singular arcaico *aquel*.

VAIDADE

Alguns ricos enterram-se ao pobre,
 e alguns pobres ao grande se enterram,
 todos para distinguir-se
 e inda ao morrer ter fachenda⁸³.

5 Vaidade, o que vales prós homens
 que inda as portas da morte penetras!
 Mas dês que dão no burato⁸⁴
 todos idênticos quedam
 e o pó ao pó se retorna
 10 e aonde os vivos a soberba.

⁸³ Jactância, vaidade. V. nota final.

⁸⁴ *Dês que*: desde que. Buraco.

À pressa, Álvaro de Anido,
vive muito em pouco tempo
esporeia o teu cavalo
e esporeando-o rebenta-o.

- 5 Que importa um nobre cavalo?
Que importam dous nem trezentos?
O que importa, Álvaro Anido,
é chegar cedo.

- Vai de um polo a outro polo,
10 regista os antros terrenos,
monta na locomotiva,
sobe nos globos aéreos,
e coa centelha percorre
do vazio o espaço imenso;
15 és home' e cansarás, Álvaro,
correndo e correndo.

5 Dizedes⁸⁵ que o matrimónio
 é santo e bom. Pois, será-o,
 mas não casou Santo António,
 por mais que o mesmo demónio
 tentou-o a fazer o ensaio.

10 Cilícios, quantos puder;
 penitências, a Deus dar;
 mas santo n'houve, a meu ver,
 que dos casados quiser
 coa pesada cruz carr'gar.

15 Nem os santos padres todos,
 dos que haveis tantos escritos
 e louvais de vários modos,
 quiseram naqueles lodos
 meter os seus pés benditos.

20 Do direito, do revés,
 matrimónio, um dogal és;
 és a tentação do inferno;
 mas casarei... pois no inverno...
 não ter quem lhe a um quente os pés!...

⁸⁵ Na Galiza duram as formas não contractas da conjugação, mas algo menos do que o reflexo literário permite supor.

Agora cabelos negros,
mais tarde cabelos brancos;
agora dentes de prata,
‘manhã chavelhos⁸⁶ quebrados;
5 hoje façulas de rosas,
‘manhã de coiro rugado.

Morte negra, morte negra,
cura de dores e enganços,
por que não matas as moças
10 antes que as matem os anos?

⁸⁶ Dentes grandes que sobressaem.

- Permita Deus que te vejas
qual as cóbregas⁸⁷ a rasto;
que a água que a beber vais
che se volva saramagos;
5 que peças e que não topes
pousada, acougo⁸⁸, n'amparo;
e que inda morto de fome
quedes ao pé dum valado.
- Pragueja, boca, pragueja
10 enquanto eu me vou andando;
pragas do mau mulherio
nunca lhes dão aos soldados.

⁸⁷ Cobra. Dialectal, virá de um adj. vulg. **colobríca* [*serpēns*].

⁸⁸ Sossego, repouso. Palavra restritamente galega.

Tenho um mal que não tem cura,
 um mal que nasceu comigo,
 e esse mal tão inimigo
 levar-me-á à sepultura.

5 Curandeiros, cirurgiãos,
 doutores em medicina,
 pra esta enfermidade minha
 n'há remédio entre os humanos.

Deixai pois de remexer
 10 com consciência ou sem consciência
 os livros da vossa ciência,
 pois pra mim não a hão de ter.

Duvidais? Dúv'da não cabe
 nisto que digo, doutores:
 15 em-que pese, há amargores
 que não passam com *xarabe*⁸⁹.

Assanhais-vos porque digo
 veras que sabeis de sobra?
 Pois a provar... mãos à obra...
 20 vede de curar-me, amigos.

O meu mal e o meu sofrer
 é meu próprio coração;
 quitai-mo sem compaixão!,
 depois, fazei-me viver!

⁸⁹ Castelhanismo por *xarope*, difícil de escusar pela rima.

5

“Sarna com gosto não pica”.
 O conto é sarna sem el⁹⁰;
 e o verdadeiro castigo
 no mais fundo há de doer.
 Não é sofrer chorar sangue
 aos pés de quem um quer bem;
 del viver longe, olvidado...
 este sim que penar é!

⁹⁰ *El*, em vez de *e/e*, bastante geral nos falares galegos, é inescusável pela rima.

“É verdade que um pode
 ser pior ou melhor;
 però vir de bom tronco,
 isso sempre foi bom.

5 Teus pais eram ciganos,
 e tu hoje és marquês,
 mal que... que, ao fim e ao cabo,
 um vem desde onde vem.

10 Cão filho de um raposo
 que o tenham por leal;
 que se não come os pitos
 é que não poderá.”

15 Isto cantava um cego
 na feira da Assunção,
 e do seu cantar riam-se
 todos que era um primor.

20 E uns aos outros miravam-se
 qual querendo exprimir:
 “Coce-se quem lhe prui,
 que isto não vai pra mim”.

5 Fazes versos... ai que versos!
Pois qual eles não vi outros,
todos empedregulhados,
e de cotovelos todos;
parecem feitos adrede
para ler-se a *sopra-mocos*⁹¹.

⁹¹ Bofetada, sopapo. Decalca o cast. *soplamocos*.

Treme um neno no pórtico húmido...

Da fome e do frio
tem o selo o seu rosto de anjinho,
inda belo, mas murcho e sem brilho.

5 Farrapento e descalço, nas pedras
os pobres pezinhos,
que as geadas do inverno lanharam,
apousa indeciso,
10 pois parês que lhos cortam cutelos
de aceirados⁹² fios.

Como cão sem palheiro nem dono,
que todos desprezam,
num curruncho se esconde, tremendo,
da dura escaleira
15 e qual lírio se dobra ao secar-se,
o inocente a dourada cabeça
também dobra, esvaecido coa fome,
e descansa co rosto nas pedras.

E enquanto ele dorme,
20 triste imagem da dor e a miséria,
vão e vêm, a adorarem o Altíssimo!,
fariseus, os magnates da terra,
sem que ao ver do inocente a orfandade
se acalme dos ricos
25 a sede avarenta.
O meu peito coa angústia se oprime.
Senhor! Deus do céu!,

⁹² Gumes de aço.

por que há almas tão negras e duras?
Por que há órfãos na terra, bom Deus?

30

Não em vão leva selos o livro
dos grandes mistérios...
Passa a glória, o poder e a alegria...
Tudo passa na terra. Esperemos!

LIVRO IV

DA TERRA

CALAI!

Há nas ribeiras verdes, há nas risonhas praias
e nos penedos ásperos do nosso imenso mar,
fadas de estranho nome, de encantos não sabidos,
que só connosco partem seu plácido folgar.

5 Há entre a sombra amante das nossas carvalheiras,
e das cortinhas frescas no vívido esplendor,
e no rumor das fontes, espritos carinhosos
que só aos aqui nados lhes dão falas de amor.

10 E há nas montanhas nossas e nestes nossos céus,
em quanto aqui tem vida, em quanto aqui tem ser,
cores de brilho suave, de transparências húmidas,
de vaguidade incerta, que a nós só dá prazer.

15 Vós, pois, os que nascestes na beira doutros mares,
que vos quentais à flama de vivos luminares,
e só viver vos cumpre sob um ardente sol;
calai, se n'entendedes encantos destes lares,
qual, n'entendendo os vossos, também calamos nós.

*Minha casinha, meu lar,
quantas oncinha
de ouro me val!*

Vim de Santiago a Padrão
cum chover que era arroiar
descalcinha pé e perna,
sem comer nem almoçar⁹³.
5 Pelo caminho topava
ricas cousas que mercar,
e em-que gana tinha delas,
não tinha para as pagar.
Nos mesões⁹⁴ arrecendia
10 a cousas de bom gostar,
mas o que não tem dinheiro
sem elas tem que passar.
Fui chegando à minha casa
toda rendida de andar.
15 Não tinha nela frangulha⁹⁵
com que pudera cear.
A vista se me varria,
que era aquel muito jejuar.
Fui à porta dum vizinho
20 que tinha tudo a fartar,
pedi-lhe uma pouca broa
e não ma quis emprestar.
As bagulhas⁹⁶ me caíam,
que me fora envergonhar.

⁹³ Almoçar. Arcaico.

⁹⁴ Pousada. Galicismo do castelhano estendido a alguns falares galegos.

⁹⁵ Migalha. De *frangere*.

⁹⁶ Lagriminhas.

25 Volvi-me à minha casinha
 alumiada do luar;
 registei cada burato⁹⁷
 para ver de algo topar;
 e topei farinha munda⁹⁸,
 30 um punhinho a todo dar.
 Vi-o no fundo da artesa.
 e pus-me a Deus abençoar;
 quis eu acender o lume,
 não tinha pau que queimar;
 35 fui-lhe pedir a uma velha;
 também não mo quis prestar,
 se não era um tojo verde
 para me fazer raivar.
 Volvi triste como a noite
 40 a chorar que te chorar;
 colhi um feixe de palha,
 do meu leito o fui pilhar;
 registei pelo cortelho
 mentres me punha a rezar
 45 e vi uns garavulhinhos⁹⁹
 e mais fentos a Deus dar.
 Meu Santo Antão milagroso,
 já tive fogo no lar!
 Arrimei o pote ao lume
 50 com água para quentar.
 Mentres escaravelhava
 na cinza, vi relumbrar
 um ichavo¹⁰⁰ da fortuna...
 Minha Virgem do Pilar!

⁹⁷ Buraco.

⁹⁸ Moída. V. nota final.

⁹⁹ Garavalha, garavatos, garavetos.

¹⁰⁰ Chavo.

55 Correndinho, correndinho
 o fui em sal empregar;
 mais contente que umas páscoas
 volvi a porta a fechar,
 e na minha horta pequena
 60 umas couves fui catar.
 Com um pouco de unto velho
 que bem o soube aforrar¹⁰¹,
 e coa farinhinha munda,
 já tinha para cear.
 65 Fiz um caldinho de glória
 que me soube bem assaz;
 e fiz um bolo do pote
 que era cousa de invejar;
 depois que o tive comido,
 70 volvi de novo a rezar;
 e depois que houve rezado,
 pus as roupas a secar,
 que não tinha fio enxuto
 trás de tanto me molhar.
 75 Entrementes me secava
 pus-me assim logo a cantar
 para que me ouvissem
 em todo o lugar:

 80 *Meu lar, meu fogar,
 quantas oncinhas
 de ouro me val!*

¹⁰¹ Poupar.

SOBERBA

Cor de chumbo, amontoam-se as nuvens,
 rodam lentas as ondas do mar,
 e zoando com som pavoroso
 vem furacão.

5 Que carr'gado este céu e que triste!,
 que escuro, que negro tornando-se vai!
 Acendamos a vela bendita,
 que há temporal.

Cavalgando nas asas dos anjos,
 10 por mandado de Deus correrão
 as centelhas que assombram os maus
 co seu lostregar¹⁰².

Nove folhas de oliva queimemos
 por que alonguem de nós todo mal,
 15 que nos livrem de raio e centelha
 que nos matar.

O triságio cantemos em coro...
 Inclinaí-vos e a Deus adorai,
 pois se troa é que quer recordar-nos
 20 que é grande e imortal.

“Santo, santo!” dão todos a uma,
 filhos e mãe...
 Todos não, que um, soberbo e sanhudo,
 calado está.

¹⁰² Lampejar. Lampo, relâmpago.

25 Mas os trons aprofundam os céus
e cega dos lôstregos¹⁰² o brilho fatal.
Oh!, que noite!... que noite terrível
de temporais!

30 O Senhor é irado... inclinemo-nos!
Ei, malvados da terra, esmaiai!
O que salvo esta noite sair
que contará!

35 – Nha mãe, a vaca ‘marela
treme como vós na corte.
Fez algum pecado, ela?
Virá raio a dar-lhe morte?

40 – Se ela não fez o pecado,
mau cristão, tu o fizeste;
que és pecador rematado
mesmo desde que nasceste.

– E a pobre vaca marela
paga pois o que eu pequei?
– Pagas tu; morrendo-se ela,
diz, com que te mantereis?

A POBRINHA QUE ESTÁ SURDA!...

“Lá em riba da montanha,
 sai fume¹⁰³ das chamineias¹⁰⁴ ...
 Valor, meu corpinho velho,
 levai-me alô, minhas pernas.
 5 Passeninho, passeninho,
 aqui para, ali te sentas,
 irás chegando, Joana,
 adonde as casas fumegam.
 Deus diante!, a Virgem te valha,
 10 que hoje, sei-ca... sei-ca... sei-ca...
 hás de comer sete cuncas¹⁰⁵
 de bom caldo, coa da ceia,
 e mais compango¹⁰⁶ de porco
 ou de sardinhas salpresas,
 15 que os montanhese são homens
 que, quando dão, dão deveras.
 Depois, quentar-te-ás a um lume
 grande como uma fogueira,
 e quando estejas bem quente,
 20 a dormir!... e que amanheça!”

E a velha vai, sobe, sobe
*a coŝta do mar de ovelhas*¹⁰⁷,
 cum olho posto no chão
 e outro onde as casas fumegam.

¹⁰³ *Fume* “fumo” é arcaísmo, coletivo conforme o étimo, o plural *fum̃*.

¹⁰⁴ Chaminé, com desinência castelhanizada que deve ficar pela rima.

¹⁰⁵ Concas.

¹⁰⁶ Presigo, conduto, o que come com o pão.

¹⁰⁷ V. nota final

25 Entretanto, o sol da tarde
 trás os pinhais já se deita
 e alumbra com tristes raios
 as sombrias arvoredas.
 Dos Anjos o val formoso
 30 savã¹⁰⁸ de verdor ostenta
 alá no fundo tranquilo
 que suaves brisas arejam.
 Aqui fonte, ali regato,
 a água brilha entre as ervas
 35 de cor de ouro, que o postremo
 raio de sol fere nelas.
 Quieta, dulcíssima calma
 arriba e abaixo reina;
 a noite vem silenciosa,
 40 maina, però sem estrelas.
 Nem sequer uma relumbra
 no firmamento, que espessa
 brêtema também se corre
 pelas planuras etéreas.
 45 Começa a orvalhar, escuro
 todo no arredor, apenas
 se acerta o que mais conheça
 com caminho nem carreira.
 Mas não importa por isso,
 50 que o que é valente é deveras;
 e a velha vai, sobe, sobe
 a costa do mar de ovelhas,
 cum olho posto no chão
 e outro onde as casas fumegam,
 55 que ali relumbra uma luz,
 e vai direitinha a ela

¹⁰⁸ Savã "lençol" é arcaísmo, com deslocamento do tom. Também sava.

60 murmurando: “Arriba, Joana,
que ou me engano ou terás festa.”
A experiência ensina a todos,
e tem a velha experiência;
por isso não pensa mal
pensando que arriba há festa.

65 Um carvalho arde no lume,
e arredor do lar se sentam
rapazas de alegres olhos,
avós de brancas guedelhas,
velhas que inda rompem mangas
e tocam as castanhetas,
os afilhados que a dona
70 e o dono têm pela aldeia,
e os amigos e os cunhados,
os coirmãos e a parentela
toda junta, e mailo crego
e o cirurgião, o das bestas.
75 Um cego coa sua sanfonha
em companhia doutra cega
que, se bem dá no pandeiro,
faz falar as castanhetas;
um manco, um coxo, uma tola
80 e outros pobres, que se sentam
num talho para dez posto
num curruncho da lareira,
e abofelhas mais não cabem
em-que mais um vir quisera.
85 Foram chegando, chegando,
mais de nove usmando¹⁰⁹ a festa,
e a nenhum botou da porta

¹⁰⁹ Farejando. Arcaísmo.

a rica da montanhesa;
 que há para todos, o dia
 90 que ali cozem, carne fresca
 por arrobas, e ali fazem
 papas de arroz em caldeiras.
 Matou-se um carneiro, grande
 como um boi, e uma tenreira
 95 como uma vaca, e gordinha
 como uma cocha pequena.
 Há vinho a Deus dar, um vinho
 do Ribeiro, que é canela¹¹⁰;
 e para a gente de *menos*
 100 há-o também do da terra,
 um pouco agrinho, mas fresco
 e gostoso como *fresas*¹¹¹.
 Cozeu-se uma grã fornada
 de milho branco que alveja,
 105 com mistura de centeio
 e uma pouca de manteiga.
 Parece biscoito a broa,
 e um não se vê farto dela,
 que inda é muito mais gostosa
 110 que os moletes que em três cestas,
 escolhidos, de Santiago
 trouxeram hoje as padeiras.
 Enfim, a comida roda
 pelos pés, e o vinho alegra
 115 a gente tanto, que raiva
 de inveja a negra tristeza.
 Os pobres que ali vieram
 e toparam lume e mesa,

¹¹⁰ "Cousa fina, da melhor qualidade", cf. *canela* em cast.

¹¹¹ Morangos. V. nota final.

120 contam contos que dão riso
 tanto às moças como às velhas;
 uns em verso, outros em prosa,
 pois falam todas as lérias
 e apostam entre eles todos
 a quem faz coplas mais feitas.
 125 Mas o da sanfonha ganha,
 que lhe aponta a companheira,
 e ajuda-lhe o vinho branco
 com que a gorja lhe refrescam.

 130 “Viva a cega! Viva o cego!...”
 de quando em quando lhe berram,
 e el diz, berrando mais forte:
 “Vivam eles!... Vivam elas!...
 e a mais bonita de todas
 que venha dar-me uma prenda.
 135 Hu-hu-ru-hu!” E aturuta¹¹²
 até ensurdar as pedras;
 e a cega dá-lhe ao pandeiro
 e o cego toca nas teclas
 e ao compass’ do zongue, zongue,
 140 de novo bailam as nenas,
 e diz o pobre, botando
 lenha no lar: “Esta é festa!
 Quem hoje che andara fora
 coa tripa toda baldeira¹¹³!...”
 145 E um olho botam sorrindo
 aos feixes de palha fresca
 onde hão de dormir quentinhos,

¹¹² Edições posteriores à primeira trazem o mais frequente *aturuta*. *Aturujar* ou *aturutar* significam “lançar grito de desafio ou euforia ao cabo de uma cantiga”.

¹¹³ *Baldeiro* é localmente “vazio”, não “vadio”.

150 como rijões em caldeira,
 mentres fora zoa o vento
 e ladram os cães nas eiras.

 Já perto da meia noite,
 dão-lhe começo às pelejas;
 os moços lutam coas moças,
 medindo as forças que tenham
155 e n'andam em cumprimentos
 para botar-se por terra.
 Se as vírades que valentes
 se amostram na luta as nenas!...
 Dão-lhe aos moços cada mágoa
160 coas suas mãos pequeneiras!...

 – Um já caiu... foi um homem...
 Ela venceu... venceu ela!
 Bem pela nena bonita!...
 Que vivam as montanhasas!
165 Que vivam, pois lutar sabem!
 – Se fez trampa!... – ele contesta
 envergonhado. – Foi trampa,
 que, se não, nem cem como ela.
 – Que trampa nem que morcegos...
170 Venci-te...

 – Não.

 – Sim.

 – Me venças!...

 E entanto que nisto estão,
 plum! plum! plum!, dão cuma pedra
 na porta.

 – Quem é? – perguntam.

175 – Sou uma pobrinha velha,
 que me perdi neste monte...
 – responde uma voz que quebra –.
 Não me darão pousadinha?,
 que está chovendo e lostrega¹¹⁴?
 180 – Vá lá com Deus, já vem tarde,
 não há sítio; – lhe contestam.
 – Que diz, senhora? Sou surda
 como um canto... minha prenda.
 Abra-me a porta que Deus
 lho pagará...
 – Pobre velha...
 185 Um pouco adiante, pertinho,
 há mais portas, chame nelas.
 – Que diz, senhorinha? Mire
 que está uma noite mui fera,
 e tenho medo que os lobos
 190 me comam...
 – Deus diante! Sei-ca
 n'há lobos aqui; ande, ande,
 vá já com Deus, que outra aldeia
 há perto.
 – Que diz, senhora?
 – Vá com Deus, não seja terca,
 195 que aqui já não cabem mais,
 nem pobres nem ricos, eia!
 – Que diz, nha filha?... Sou surda,
 e não ouço em-que me fendam.
 Brrr!... que frio, senhorinha!...
 200 Voacê que é tão esmolenta,
 deixe-me entrar, e estarei
 no cortelinho onde as bestas.

¹¹⁴ *Lostregar* "lampejar".

e quente-se...

– Que me disse?

235 Sou surda como uma pedra,
e a mais não provei frangulha
desde onte' à noite, e nas veias
já tenho o sangue coalhado
pelo frio...

240 E entrementras
que isto diz, vai-se arrimando
ao lume mui compangueira
cos outros pobres, e fura
por entre eles, por entre elas.
Brinca por riba do cego,
e que queiras que não queiras,
sempre tremendo de frio
e surda como uma pedra,
245 como diz, no melhor sítio
com muita humildade assenta
e arrima um mando de lume¹¹⁵
pra onde ela é.

250 – Ei minha velha!,
mire que há mais que voacê
aqui, que comenenceira¹¹⁶
parece! – diz outro pobre
cuma cara de desteta-
nenos.

255 – Como diz, meu filho? –
sorrindo replica-lhe ela,
sentando-se mais a gosto. –
Eu de qualquer a maneira
me amanho, que assim no céu

¹¹⁵ *Mando de lume* "braçado de lenha".

¹¹⁶ *Comenenceiro* "interesseira, que atua por conveniência".

me amanha o Senhor...

– Vá!, sei-ca

quer fazer mofa da gente...

260 Poche co juncras da velha¹¹⁷!

Mesmo parece um espeto.

– Se quero um neto, ‘nha prenda?

Se mo dessem inda pode

que pouco a pouco o bebera,

265 pois tenho muita sedinha,

e fome, e frio...

– Rabeia,

cão!, que não vi uma surda

mais fraca nem lagarteira.

É filha dalgum raposo?

270 – Que pilhe um osso? Da velha

querem-se rir... ai meu Deus!

Mas a fome é-lhe mui negra;

traga-mo se é que inda tem

apegada alguma fêvera,

275 e i-lo-ei raspando a modo

cum canteiro¹¹⁸ que me resta. –

Todos riram coa resposta

e... – Inda nunca Deus me dera –

disse o cego –, que essa surda

280 sabe mais que eu, abofelhas!

– Merece comer compango

e vou-lho dar, minha velha,

porque, onde quer que eu a topo,

gosto sempre da sabença.

¹¹⁷ *Poche*, *pucha* e *puxa* são interjeições de alegria irônicas. *Juncras* “rapaz des-prezível” soa como eufemismo de Judas. V. nota final.

¹¹⁸ Dente canino.

285 Coma e farte-se!... aqui tem
 talhadas e vinho... beba,
 beba pela minha conta
 à saúde das montesas –
 disse a dona, e deu-lhe um prato
 290 de calhos¹¹⁹, como uma cesta,
 à pobre, e vinho, e pão branco
 quanto quis, e fartou-se ela
 mesmo até que teve a tripa
 como um pandeiro. Rebenta
 295 por pouco,... mas o pelejo¹²⁰
 tinha duro, e nem sequer
 lhe arreganhou; no outro dia
 estava tão peneireira.

 – Cuidado – lhe disse a dona
 300 quando se foi –. Conta tenha
 de não volver por aqui
 mentres lhe dure a surdeira.
 – Que diz, minha queridinha?
 – respondeu rindo-se a velha. –
 305 Sou mesmo como uma taipa,
 e não lhe ouço em-que me fendam.

¹¹⁹ Guisado de tripas, dobrada. V. nota final.

¹²⁰ Coiro.

JOÃO

- João vai colher lenha ao monte,
 João vai recompor os cestos,
 João vai na poda das vinhas,
 João vai apanhar o esterco,
 5 e leva o fole ao moinho,
 e traz o estrume ao cortelho,
 e vai à fonte por água,
 e vai à missa cos nenos,
 e faz o leito e o caldo...
 10 João, enfim, é João completo,
 desses que a cada mulher
 lhe convinha um pelo menos.
 Però, quando um busca um João,
 quase sempre topa um Pedro¹²¹.
- 15 Pepa, a afortunada Pepa,
 mulher do João que sabemos,
 mentres seu homem trabalha,
 ela lava os pés no rego,
 cata-lhe as pulgas ao gato,
 20 penteia os longos cabelos,
 bota-lhes milho às galinhas,
 murmura co irmão do crego,
 mira se há ovos no ninho,
 bota um olho aos maçãzeiros¹²²,
 25 e lambe a nata do leite,
 e se pode bota um neto

¹²¹ Nome popular do raposo, que contrasta com *João*, que entre outros valores, é "infeliz, sem muito espírito".

¹²² Macieira, maceira. Castelhanismo no género, mas inescusável pela rima.

coa comadre, que agachado
 traz-lho embaixo do mantelo;
 e quando João pela noite
 30 chega cansado e faminto¹²³,
 ela o espera entre as mantas,
 e ao vê-lo entrar diz-lhe quedo:
 – Por Deus não barulhes muito...
 que me estou mesmo morrendo.
 35 – Pois que tens, ‘nha mulherinha?
 – Que hei de ter? Deita esses nenos,
 que esta madre rói em mim
 qual rói um cão num codelo,
 e ao cabo há de dar comigo
 40 nos terrões do cemitério...
 – Pois, ‘nha Pepa, toma um trago
 de rosólio que aqui tenho,
 e durme¹²⁴, ‘nha mulherinha,
 mentres os meninhos deito.

 45 De báguas se enchem os olhos,
 de João ao ver estes feitos;
 mas não temais, que entre mil,
 n’há mais que um anjo entre os demos;
 n’há mais que um atormentado
 50 entre mil que dão tormentos.

¹²³ Forma arcaica de *faminto*, origen deste e do dial. *famento* que está na rima.

¹²⁴ Antiga forma do imperativo, presente mesmo em Camões.

O ENCANTO DA PEDRA CHÃ

Co sono da inocência,
 que não turvam remorsos da consciência,
 e a Virgem ao seu lado
 dormiam os meus anjos lá na *cuna*¹²⁵,
 5 quando, às furtadas, num sereno dia,
 co peito palpitante de alegria,
 soa¹²⁶ saí em busca da fortuna.

Ia trás um tesouro cobiçado,
 de todos ignorado,
 10 mas do que tão só eu, só eu sabia;
 e n'era só de prata, nem só de ouro
 aquel sem-par tesouro,
 que era de um quanto desejar podia.

Nunca eu fora nem rica nem ditosa,
 15 e ao ver que para sê-lo
 só me faltava o gordo dum cabelo,
 de seca espinha me tornara em rosa.
 E como virgem pura
 que por primeira vez sente a doçura
 20 da inquietação do amor, assim sentia
 que algo que em mim dormia
 despertava, chamando-me à ventura.

Por isso, dando a olvido
 as penas que me tinham consumido
 25 já desde que nascera,

¹²⁵ Berço. Latinismo ou castelhanismo obrigado pela rima.

¹²⁶ Sozinha.

via a terra e o céu cor de esperança
e ao meu redor perene primavera.

Qual o sol relumbrava!
Que mansamente murmurava o rio!
30 E o passarinho voador cantava
mentres que eu caminhava
ligeira ao meu avio.

Tal como a neve, alveiras,
as roupas e as maranhas
35 tendidas nas silveiras e as montanhas,
em raro ou às moreias,
qual pinta a branca nuvem céu sereno,
brilhando ao sol pintavam o cenário
como nenhum ameno.

40 Cabo da ria na ribeira verde,
a qual ganha, a qual perde,
jogavam os rapazes coa onda escrava;
lá a anjinho tocava
por um lugar vizinho,
45 e em-que os pais do menino
ao enterrá-lo choravam que partiam,
compassivos os velhos
“De quantas penas se livrou!” diziam.

Entanto os carros sem parar chiavam,
50 mentres ao seu compasso os carreteiros
vagarosos cantavam;
e aqui fonte corria,
e lá numa canteira ressonavam,
metálicos, os picos dos pedreiros.

55 Mais perto, os cães ladravam
e entre a folhagem vento rebulia
indo das encanadas aos outeiros...
Quanta paz!, quanto sol!, quanta alegria!

60 “Por fim, sorte, cansaste!,
e o quinhão que faminta me negaste
na herança dos prazeres,
só dando-me o das ânsias e as pelejas,
como a esses que bem queres,
ora dar-mo-ás em gostos às mancheias.”

65 Isto eu ia exprimindo,
de ditosa qual n’outra presumindo,
enquanto caminhava
tão contente e segura
de topar a fortuna em que esperava,
70 qual sei que topa Deus quem o procura.

Entre buxos e silvas agachado
o encanto desejado
estava como melro no seu ninho,
pelo rumor das águas arrolado
75 do apartado moinho...
Eu dei volta à devesa,
passei a correioira da codessa¹²⁷,
e ao fim cheguei!... e em riba duma lousa,
lá onde à amanhecida o corvo poussa,
80 um nobre cavaleiro
com a pluma riçada no sombreiro,
e vestido de seda e pedraria
a estilo da traidora mouraria,

¹²⁷ Codessal ou codesseira.

85 deu em chamar-me, arteiro,
 cum modo alouminheiro¹²⁸
que do céu, não da terra, parecia.

 “Ele é!”, disse eu ao ponto temerosa...
 mas o do encanto, afeito
90 sei-ca a tratar com damas desde antanho,
sem que de ver-me se topasse estranho,
desde longe chamando-me sorria.

 E o céu pondo-se foi de cor de rosas,
 mentres nas carvalheiras e canadas
sopravam umas brisas repousadas,
95 suaves e saudosas
qual promessas cumpridas, se esperadas.

 Eu não sei que sentia
 vendo que ele em chamar-me prosseguia,
 que entre ansiosa e adusta,
100 com um valor que assusta
fui-me indo cabo del, de gozo cheia,
como a pombinha vai trás a candeia.

 Tinha nas mãos um cetro adiamantado;
 bateu com el na lagem misteriosa
105 que se abriu, como se abre do milgrado¹²⁹
 o fruto sazonado,
 e com voz harmoniosa
 e garrido semblante,
“Vamos! – me disse gasalheiro –, adiante!”

¹²⁸ Louvaminheiro. V. nota final.

¹²⁹ Romãzeira, romeira. Em galego *milgrada*, masculino aqui pela rima.

110 E fui qual folha leve coa encalmada
corrente, que primeiro assossegada
a arrasta sobre as águas cristalinas
pra dar-lhe sepultura carinhosa
nas ourelas vizinhas,
115 e que depois a leva, arrebatada
pela negra enxurrada,
aos abismos das águas tormentosas.

E entrei pensando penetrar no céu!
Por que tem a maldade força tanta?
120 Pois quanto à vista encanta
e nos finge o ardentíssimo desejo,
nunca farto nem cheio,
ali meus olhos viram, e prendados
quedaram como nunca e namorados.

125 Do tesouro escondido
o brilho e formosura,
a quem que fosse de mulher nascido,
a que mortal criatura
n'a houvera conturbado e seduzido?

130 E no lumiar pela entreaberta porta,
sem atrever-me, de primeiro absorta,
a vigiar da esplêndida morada
uma trás outra extensa galeria,
qual se quedasse para todo morta
135 menos para o que via,
exclamei no supremo da alegria:

“Aqui Deus, aqui ditas do universo
sem voltas nem reverso;

140 aqui o que a sonhar nunca chegara,
a cumprida ventura,
que nunca outra topara
mais grande, nem mais santa, nem mais pura!”

Tal blasfemei, sem medo nem cuidado;
tola de mim!, cegava-me o pecado!,
145 e aquel brilho que via
a par que me alentava a fantasia
dava cumprida fé do bem buscado.

Pensando que por sorte
ao paraíso terrenal chegara
150 e era verdade a dita que sonhara,
sem me acordar da vida, nem da morte,
olvidando o passado e o presente
co porvir juntamente,
tão só pensei em abarcar num *punto*¹³⁰
155 aquel tanto bem junto,
ignorado da gente.

Co poder do que pode, ergui-me altiva
sem cuidar quanto a humana natureza
é falível, cativa,
160 e imaginando eterna fonte viva
tanta e tanta riqueza
como ante mim soberba se ostentava,
disse eu seguindo o belo cavaleiro:
– Já que vos encontrei tão lisonjeiro,
165 pra gozar logo do que é meu, dizei-me
por onde devo começar primeiro.”

¹³⁰ É preciso manter esta forma anómala por mor da rima.

– Por onde vós queirais, minha senhora
– respondeu gasalhoso
co seu falar gracioso –,
170 que é vosso quanto aqui vos enamora;
peró vós e mais eu antes bebamos
nesta copa dourada
pelos males a ir-se e que deixamos,
e os bens que nos sorriem na alvorada
175 duma manhã de abril nunca acabada.

– Pois bebamos!, bebamos! –
repeti eu, turvada e não de vinho,
sem que o sinal da cruz antes fizesse
pra que bem me prestasse o que bebesse...
180 e pra o líquido fresco e cristalino
os dous nos abaixamos
e ambas' bocas molhamos...

Nunca me olvidarei daquel momento
de imensa dita e de infernal tormento,
185 pois de dentro da copa
saindo de repente
uma e outra cabeça de serpente
contra mim se volveram desatadas,
e todas juntamente
190 a um tempo assobiaram,
e nas entranhas mesmas
o aguilhão peçonhoso me encravaram.

Caí, caí ferida
e quase que sem vida,
195 e inda em riba de mim neste comenos
cos seus mortais venenos

uma e outra serpente revertiam.

Qual brêtema espalhada
pelo Sul, na canada
200 desapareceu o lindo cavaleiro,
e espessa nuvem de trovões prenhada,
partindo da sombria Compostela,
que no confim distante se entrevia
qual se entrevê na tarde moribunda
205 a raia sem fulgor da noite fria,
veio turvar a minha mente ingênua.

E ali riba da lousa
lá onde à amanhecida o corvo pouasa,
encontrei-me de pronto sem ventura,
210 das minhas doces ilusões despida,
só e pobre, qual n'outra criatura
envenenada, triste e malferida.

E não sei que voz rouca murmurava
co vento que soava:

215 “Como tu, mal tesouro,
que aqui deixou o mouro
e que a cobiça gaba,
é todo quanto encanto térreo há:
a tão grande prazer, tamanho mal.”

“Tanto e tanto nos odiamos,
 tanto e tão mal nos quisemos,
 que por não ver-me morreste,
 e dêś que morreste alento.
 5 Mas ora toca-me a mim
 me marchar, e diz o crego
 que che perdoe, pois logo
 a ajuntar-nos volveremos.
 O crego volveu-se tolo!
 10 Juntar-nos!... nunca mais, penso;
 que se é que estás onde Deus,
 eu penso em ir junto ao demo.”

Isto uma velha, viúva
 e terca como um carneiro,
 15 falava do seu defunto,
 já dos bichocos comesto¹³¹.
 E entanto que assim falava,
 também ela ia morrendo.
 Mas diz-que o defunto e ela
 20 se toparam nos infernos,
 mão a mão, còvado a còvado¹³²,
 como dous bons companheiros.

“Logo estás aqui?” lhe disse
 entonces¹³³ a velha ao velho;
 25 “Pois vou-me adonde está Deus,
 já que estás tu onde o demo”.

¹³¹ Comido. V. nota final.

¹³² Cotovelo. *Còvado* é forma medieval e galega.

¹³³ Então. Forma popular em todo o domínio.

E sem saber-se por onde
colheu direitinha ao céu;
mas topou fechada a porta,
30 que lha fechara São Pedro.
Plum! plum! “Abri, que sou eu!”
falou a velha mui rejo.
“Não há!” respondeu o Apóstolo,
apertando o taravelo.
35 “Cuidai que jurei n’estar
onde estiver, meu São Pedro...”
“Não há!” repetiu-lhe o Santo,
indo-se inda mais adentro.
“Por vida das vossas chaves,
40 que fazeis um bom porteiro,
e que roncais!... já se vê...
Como estais vós satisfeito!...

Mas eu jurei, e Deus manda
que um cumpra seus juramentos.
45 À terceira vez!... Abris?”
“Nem às três nem aos trezentos;
a mulher vá onde o homem:
Ao inferno, pro inferno,
com ele sempre estarás!”
50 “Poche⁹⁶, meu santo São Pedro,
que bem deixais conhecer
ter andado sempre ceivo¹³⁴,
que nunca fostes casado
nem na terra nem no céu!
55 Todinhas as conveniências
para vós quisestes, denho!
E a mim não me dais nenhuma?

¹³⁴ V. nota final.

Vede que eu também as quero.
 Se alô com cadeia andei,
 60 em tê-la agora não penso,
 que tudo coa morte acaba
 segundo pregam os cregos¹³⁵.
 Uma vez nos separamos
 eu e o meu homem, e é certo
 65 que foi pra sempre,... está dito,
 pois sou terca se sois terco¹³⁶.
 Que não me quereis na glória?
 Jurei não ir ao inferno,
 onde ele está, e acabou-se,
 70 e n'há que falar mais *desto*.
 Que haveis de fazer de mim?
 Irei ao limbo dos nenos?
 Não me vás!, que estou já deles
 té a ponta dos cabelos.”
 75 “Caramba coa mulher esta!”
 disse enfadado São Pedro,
 “que se não fora por Deus...”
 “Bah¹³⁷, senhor, deixai-vos *de*so
 e permiti-me que passe...”
 80 “Não, não e não. Caramelos!
 Fora daqui...” Pum!, botou-a
 direitinho pró inferno.
 “Que o jurei! Já tenho dito...”
 berrava a velha. “Não entro.
 85 Senhor, Senhor... *Sursum corda*,
 cá estou e aqui me quedo.”

¹³⁵ V. nota final.

¹³⁶ Teimosa, teimoso.

¹³⁷ Interjeição de forte menosprezo. V. nota final.

E quedou-se sim, quedou-se.
Onde? Não se sabe certo,
nem se foi que a ouvisse Deus
90 ou que não a quis o denho.
Só se sabe, bem sabido,
que anda nas asas do vento
metendo medo aos rapazes
nas negras noites de inverno;
95 enciumando namorados,
desfazendo casamentos,
malquistando matrimónios...
Por que a não levou São Pedro?
Que ora anda ceiva e bem ceiva
100 para meter-nos no inferno.
Ponde-lhe a figa, mocinhas,
se quereis ter casamento;
que onde ela for, nem um homem
topareis para um remédio.

EM CORNES

I

- Formoso campo de Cornes,
quando te cobres de lírios,
também se me cobre a alma
de pensamentos sombrios.
- 5 De Cornes lindo lugar,
que cruzam tantos caminhos,
em-que coberto de rosas,
as rosas também dão guiços.
- Entre as pedras, alelis;
10 entre os tojos, campainhas;
por entre os musgos, violas;
regos por entre as cortinhas.
Rio abaixo é o moinho,
Compostela, rio arriba...
- 15 Rio arriba ou rio abaixo,
tudo é calma na campia.
- Convidando a meditar,
soam de Conjo as campanas;
bebem os bois no teu rio
20 e o sol alegre a escampada.
Das tuas casas terrenhas
sai fumo, e os galos cantam...
Quem em tão fresco retiro
dirá que as dores dão lama!
- 25 Onde há homens há pesares,
mas nos teus campos, 'nha terra,

30 ‘magino que os há mais fundos
 quando te amostras mais leda.
 Por que esses trinos dos pássaros,
 esses ecos e essas brêtemas
 vaporosas, e essas flores,
 na alma triste, quanto pesam!

35 Pelas silveiras errante
 vejo uma meninha órfã
 que triste vai murmurando:
 – ‘Nha Virgem, quem rosa fora!
 – Por que quês ser rosa, nena?
 perguntei-lhe carinhosa.
 E ela responde sorrindo:
40 – Porque não têm fome as rosas.

45 Costa arriba, costa arriba,
 desandemos o caminho.
 Fujamos deste sossego,
 dos pesares inimigo.
 Que negro contraste formam
 da natureza o tranquilo
 repouso, com a ânsia fera
 que abate o singelo espírito!

II

50 Cruzeiro de Ramires, que te ergues solitário
 dos Agros na esplanada, entre as rosas dos campos,
 o sol da tarde pausa em ti o postremo raio
 como numa alma triste pausa um sonho dourado.

 Alguma vez no estio, eu ao teu pé sentada
 escuto silenciosa, mentres a tarde acaba;

55 ‘baixo das pedras mudas, que teu segredo guardam,
 ‘magino que ressoa o brando som duma harpa,
 música incompreensível que doutros mundos fala!

Tal de Memnon se ouviam ao alvorear na estátua,
aqueles sons divinos que as almas encantavam!

III

60 Ódio te hei, campo fresco,
 cos teus verdes valados,
 cos teus altos loureiros
 e os teus caminhos brancos
 semeados de violetas,
65 cobertos de emparrados.

 Ódio a vós, montes suaves
 que o sol poente alumbra,
 que em noites mais serenas
 vi ao fulgor da lua,
70 e onde em melhores dias
 vaguei pelas alturas.

 E tu também, pequeno
 rio que és tão formoso,
 também aborrecido
75 és entre os meus recordos...
 Porque vos amei tanto
 é que agora tenho ódio!

SÃO LOURENÇO

I

- Ao mirar qual de novo nos campos
 iam abrolhar as rosas,
 disse eu “Adonde, meu Deus,
 irei esconder-me agora!”
 5 E pensei de São Lourenço
 na robleda silenciosa.
- Nalgum tempo aqueis velhos carvalhos,
 mostrando as suas raízes,
 calvas as redondas copas
 10 que já de musgo se tingem,
 às tristes almas falavam-lhes
 somente de cousas tristes.
- O cipreste que reto se assoma
 do convento trás o muro,
 15 e o ligeiro campanário
 coberto de ervas e musgo,
 da devesa co cruzeiro,
 eram sentinelas mudos.
- E aquel Cristo que no arco de pedra
 20 abatido a frente inclina,
 só, qual se ainda no Gólgota
 lutasse coas agonias,
 aos corações oprimidos
 resignação lhe’ infundia.

25 E se dentro do claustro deserto
e ruinoso penetrava,
nunca do olvido uma imagem
vira no mundo mais clara,
nem de mais grande silêncio
30 na terra vos rodeara.

No profundo da fonte escondida
medravam com liberdade
entre as silvas as violas,
entre o buxo a digitale
35 e a morte, qual fora grata
naquel deserto lugare!

E por isso ao mirar qual nos campos
de novo abrolham as rosas
disse eu “Adonde, meu Deus,
40 irei esconder-me agora!”
e ao bosque de São Lourenço
me encaminhei silenciosa.

II

Onde estava o sagrado retiro?
Percebi ruídos estranhos,
45 pedreiros iam e vinham
por aquel bosque apartado.
Era que uma mão piedosa
curava os desamparados!

Duma olhada medi o interior...
50 tudo relumbrava branco,
cada pedra era um espelho,
e o velho convento um paço

coberto de lindas flores.
Que terrível desencanto!

55 Negra nuvem cobriu de repente
 os meus olhos assombrados;
 e mais que nunca abatida
 fugi!... que o retiro amado
pareceu-me a alma limpa dum monge
60 submergida nos lodos mundanos.

março de 1880.

LIVRO V
AS VIÚVAS DOS VIVOS
E
AS VIÚVAS DOS MORTOS

PARA A HAVANA!

I

Venderam-lhe os bois,
venderam-lhe as vacas,
o pote do caldo
e a manta da cama.
5 Venderam-lhe o carro
e as leiras que tinha;
Deixaram-no só
coa roupa vestida.

10 “Maria, eu sou moço,
pedir não me é dado;
eu vou pelo mundo
pra ver de ganhá-lo.
Galiza está pobre,
e à Havana me vou...
15 Adeus!, adeus prendas
do meu coração!”

II

Quando ninguém os mira,
veem-se rostos nublados e sombrios,
homens que erram qual sombras voltejantes
20 por veigas e campios.

Um em riba dum cômaro
senta-se cuidadoso e pensativo;
outro, ao pé dum carvalho, queda imóvel
coa vista levantada pró infinito.

25 Algun, cabo da fonte reclinado,
parês que escuta atento o murmurinho
da água que cai, e exala surdamente
 tristíssimos suspiros.

 Vão a deixar a pátria!...
30 Forçoso, mas supremo sacrifício.
A miséria está negra em torno deles,
 ai!, e adiante é o abismo!...

III

 O mar castiga bravamente as penas,
e contra as bandas do vapor se rompem
35 as irritadas ondas
 do Cântabro salobre.

 E cham as gaivotas
 lá ao longe!... mui longe!
na plácida ribeira solitária
40 que convida ao descanso e aos amores.

De humanos seres a compacta linha
que brilha ao sol adianta-se e retorce-se,
mais perto e lentamente as curvas segue
do muralhão antigo do Parrote.

45 O coração aperta-se de angústia,
ouvem-se risos, juramentos se ouvem,
e as blasfémias se ajuntam cos suspiros...
 Aonde vão esses homens?

50 Dentro de um mês, no cemitério imenso
 da Havana, ou nos seus bosques,

ide ver que foi deles...
No eterno olvido para sempre dormem!
Pobres mães que os criaram,
e as que aguardam amorosas, pobres!

IV

55 “Ânimo, companheiros!
Toda a terra é dos homens.
Aquele que não viu mais do que a própria
a ignorância o consome.

60 Ânimo! a quem se muda Deus o ajuda!
e em-que ora vamos de Galiza longe,
vereis dês que tornemos
o que medram os robles!
Manhã é dia grande, ao mar, amigos!
Manhã, Deus nos acoche!”¹³⁸
65 No semblante a alegria,
no coração o esforço,
e a campana harmoniosa da esperança,
longe, tocando a morto!

V

70 Este vai-se, aquele vai-se,
e todos, todos, se vão;
Galiza, sem homens quedas
que te possam trabalhar.
Tens, em câmbio, órfãos e órfãs
e campos de solidão,
75 e mães que não têm filhos
e filhos que não têm¹³⁹ pais.

¹³⁸ Acochar “abrigar”.

¹³⁹ Aquí *têm* é monossilábico.

E tens corações que sofrem
longas ausências mortais,
viúvas de vivos e mortos
que ninguém consolará.

OLVIDEMOS OS MORTOS!

I

Profanemos do bosque as umbrias!...
 e ante estes testes tranquilos,
 o rio, a fonte e os céus,
 que eu rompa os já velhos vínculos!
 5 Do passado correram as horas,
 só Deus sabe entre que abismos;
 não tornarão... olvidemos!,
 que recordar é martírio!

II

Há um ninho de rosas silvestres
 10 cabo da fonte escondido,
 e um prado de erva trevinha¹⁴⁰
 alfombra o redor sombrio.
 Qual um tempo, rebuldam¹⁴¹ as brisas,
 na fronde cantam os xílgaros¹⁴²,
 15 as margaridas sorriem-me,
 e ouço o murmurar do rio.

III

Sem amar, como é negra esta vida
 e perde o sol o seu brilho!;
 deixa que o sorvo postremo
 20 beba do celeste vinho.
 Diz-que dorme o privado no leito

¹⁴⁰ Erva de trevo.

¹⁴¹ Retouçam, trebelham.

¹⁴² Pintassilgos.

ancho dos fundos olvidos;
ambos pois juntos bebamos
deste bosque entre os espinhos.

IV

- 25 Que harmonioso na altura ressoa
o zoar rouco dos pinhos!
Mas 'magino que nos miram
serenos no monte arisco.
E parês que trasvejo¹⁴³ entre a brêtema,
30 nas vaguidades do infindo,
o perfil triste e borrado
desses meus sonhos perdidos,
e que adustas me espreitam as sombras,
trás esses coutos e riscos,
35 dos meus mortos adorados
e dos meus tormentos vivos.
Não importa! Da antiga devesa
profanemos os retiros...
Senta-te ao meu lado e diz-me,
40 diz-me... o por tantas ouvido.

V

- És garrido e lançal¹⁴⁴ e os teus olhos,
nos meus como estrelas fixos,
dormem, dizem que amor neles
pousa o seu dedo divino.
45 Eu contemplo-te entanto serena,
dura como os seixos frios,
e do teu coração conto
os turbulentos latidos.

¹⁴³ De *trasver* "ver através de, ver mal".

¹⁴⁴ Esbelto, alto e elegante como uma lança.

50 Faz-se a atmosfera densa ao redor...
de cote o mesmo caminho!
Como o seu cantar os pássaros
tens, coração, o teu ritmo.
Mas de báguas se inunda o meu rosto,
e da alma no mais íntimo
55 fastio lento penetra
como espada de dous fios.
Eia!, aparta-te longe,... não quero
profanar este retiro,
nem pode o coração tolo
60 ser de si mesmo assassino.
Sossegai-vos, 'nhas sombras iradas,
que estou morta para os vivos.
Sagrado quedaste, bosque!
Sem mancha tu, meu espírito!

TERRA A NOSSA!

I

Sob a plácida sombra dos castanhos¹⁴⁵
do nosso bom país;
sob aquelas frondosas carvalheiras
que dão doce existir;
5 junto à figueira da paterna casa
que anos conta sem fim,
que contos prazenteiros, que amorosas
falas dizem ali!
Risos que se ouvem nos serãos tranquilos
10 do carinhoso abril!
E também, que tristíssimos adeuses
se costumam ouvir!

II

– Quem casa tem de seu, tem meia vida.
Umas telhinhas para nos cobrir,
15 quatro paus que ardam na lareira nossa,
e a trabalhar sem fim!
Valor!, valor! e espera, desditado,
mentres tenhas aqui
umas paredes tristes e desnudas,
20 mas que herdaste, infeliz,
e das que nada despojar-te pode.
Nada?... a miséria sim.

¹⁴⁵ Castanheiros, castinheiros.

III

O forno está sem pão, o lar sem lenha,
 não canta o grilo ali
25 e se não é coa pena que o consome,
o pobre só está com seu sentir;
Sem que comer e sem abrigo, treme
 porque os ventos subtis,
húmidos inda, silvam entre as pedras
30 e as portas fã¹⁴⁶ vagir.
Que há de fazer, Senhor, se o desamparo
 tem ao redor de si!...
Deixar a terra em que nasceu e a casa
 em que espera ter fim?
35 Não, não!, que o inverno já passou e bela
 primavera vai vir!
As árvores já brotam na horta sua,
 já chega o mês de abril!
E em-que a torrentes chore em horas tristes,
40 em outras o sol ri;
a terra já pode lavar-se, a fome
 dos pobres vai fugir!
Ai, o que em ti nasceu, Galiza bela,
 quere morrer em ti.

IV

45 Ó minha parra de alvarinhas uvas,
 que da sombra me dás!
Ó tu, sabugo das florinhas brancas,
 que curas todo mal!
Ó tu, enfim, minha horta tão querida
50 e meus verdes nabais!
Já não vos deixo, que as angústias negras

¹⁴⁶ Fazem. Forma contracta popular.

longe de mim se irão!
 O v'ráo chega cobrindo-vos de fruto,
 todos são ricos já;
 55 Os passarinhos têm grão nas campias,
 abrigo na folhag'.
 As noites são tranquilas e serenas,
 claro é sempre o luar,
 por entre as telhas entram os seus raios
 60 e até meu leito vão,
 e assim durmo alumiado pela lâmpada
 que aos pobres lhe' luz dá.
 Lâmpada bela, eternamente bela,
 consolo dos mortais.

V

65 Esses vários caminhos das montanhas
 aos fundos vales vão...
 Alô 'riba o *sum sum* dos pinhos bravos,
 embaixo a doce paz.
 Na cima, clara luz, ares puríssimos,
 70 selvagem solidão,
 rumores misteriosos que despertam
 pensamentos de brava liberda',
 perfumes penetrantes que desejos
 loucos e estranhos dão;
 75 embaixo, amante calma, carinhosas
 brisas, que ao rebuldar
 por entre as folhas, nas asinhas trazem
 rumores cidadãos,
 eco dalguma voz fresca e sonora
 80 de timbre virginal;
 da campana da aldeia o clamoroso,
 prolongado soar;

da presa do moinho o rouco estrondo;
e o batedor compass'
85 da lavandeira que cos brancos linhos
contra uma pedra dá.

VI

Sim, sim! Deus fez esta encantada terra
pra viver e gozar;
pequeno paraíso, este é remedo
90 do que perdeu Adão.
Este plácido sol que nos alumbra;
estes ares do mar;
este tempo suave; estas campias
que não têm igual;
95 esta fala mimosa que nós temos,
de tão doce solaz,
que não sabe dizer senão carinhos
que prós corações vão;
esta terra, decerto,... Deus a fez
100 ser amada e amar.
Ei Galiza, a que dorme sonhos de anjo,
e chora ao despertar
báguas que, se consolam suas penas,
não lhe curam o mal!

VII

105 Que te amam os teus filhos!... que os consome
do teu chão se apartar!;...
que gemem sem consolo se a outras terras
de longe a morar vão
Que vai o corpo nas regiões alheias
110 e o espírito sempre cá,
que só vivem e alentam coas lembranças

do seu país natal,
e coa esperança, coa esperança ardente
de a Galiza tornar...
115 E como n'adorar-te deste modo,
santa e querida mãe,
como não morrer longe daquel seio
que mel de meles dá,
e é glória e é contento e paraíso
120 no mundo terrenal!

VIII

Que bela te deu Deus, terra querida,
desditada belda'!
Que brando e melancólico sossego
sinto ao te contemplar!
125 Por que, por que entre as flores as espinhas
entretécidas vão,
nessa coroa que che a testa cinge
de verdor eternal?
Ó Galiza, Galiza!, a harpa sonora
130 pronto descolga¹⁴⁷ já
da seca pola onde olvidada dorme,
dorme, a séc'los contar.
Os bardos filhos teus a voz levantem
das cordas ao compass',
135 e encham o mundo, harmónicas e altivas,
tão só pra te louvar.

¹⁴⁷ Dependurar.

Teci soa¹⁴⁸ a minha teia,
 semeei soa o meu nabal,
 soa vou por lenha ao monte,
 soa a vejo arder no lar.
 5 Nem na fonte nem no prado,
 assim morra co raivar,
 ele não há vir-me a erguer,
 ele não me pousará.
 Que tristeza! O vento soa,
 10 canta o grilo ao seu compass'...
 ferve o pote... mas, meu caldo,
 sozinha te hei de cear.
 Cala, rola; os teus arrolos
 gana de morrer me dão;
 15 cala, grilo, que se cantas
 sinto negra solidão.
 O meu hominho perdeu-se,
 ninguém sabe onde é que vai...
 Andorinha que passaste
 20 com ele as ondas do mar,
 andorinha, voa, voa,
 vem e diz-me onde é que está.

¹⁴⁸ Sozinha.

Os mananciais ensecam,
 aos robles caem¹⁴⁹-lhe'as folhas;
 mas a tua alma é plena primavera:
 não viu mais que uma aurora.

5 E em vão ouves do mundo,
 em vão ouves da vida...
 Não che ha apagar a sede o que outros bebem
 nessas águas malditas.

10 Mas quando chegue a tarde do teu dia
 e chegue o teu outono,
 vem para a minha tumba passeninho¹⁵⁰,
 e deposita nela os teus remorsos.

¹⁴⁹ Leia-se como monossílabo.

¹⁵⁰ Devagarinho.

DOR ALHEIA NÃO É A MINHA DOR

Uns magoam querendo consolar,
 outros o dedo afincam-nos na chaga,
 mas pior de todos é esse traidor
 que repete ao ferir-nos: “Tudo passa!”

5 E, a consciência tranquila,
 deixa-nos tão ditoso e tão sereno,
 entregues a uma dor que, se não mata,
 faz da vida um inferno.

10 Mas se o transe lhe chega
 do mesmo que magoa ser magoado,
 diz que eterno qual Deus é seu penar
 e põe no céu o lastimeiro laio¹⁵¹.

¹⁵¹ Lamento.

- Como vendem a carne no mercado,
vendeu-te o jurafás¹⁵²!
- Però que importa ao fim que me vendesse,
se eu n'ó posso olvidar!
- 5 – Matou-te às penas, sem pieda' deixou-te,
deixou-te o desleal.
- Pois olvidada morrerei e triste,
que olvidá-lo... não já!
- Qual se pisam as ervas, el pisou-te...
- 10 Ódio che há!... n'ó odiarás?
- Em-que me odeie e pise, e me maldiga,
hei-lho de perdoar.
- Mália¹⁵³ a tua constância, pobre tola,
e a tua lealda'!
- 15 Mas em-que tu perdoes, Deus, que é justo,
n'ó pode perdoar.

*(Um incrédulo, à parte,
sorrindo cum sorrir de Satanás)*

- Confiai-vos em Deus e não corrais.
- 20 Deus!... quem sabe se o há?
- (Uma velha que passa)* – Esse que as fez
eu sei que tarde ou cedo as pagará.
- (Outro)* – Às escuras vamos,
sem que saiba ninguém para onde vai.
- 25 Però, cobre na mão o que puder;
mais val ter em seguro que esperar.
- (Um bom)* – Há tantos homens
como intenções e pensamentos há;

¹⁵² Desalmado, blasfemo. Etimologicamente "perjuro". V. nota final.

¹⁵³ Mal haja! Como conjunção é "apesar de".

30 mas é ditoso o mesmo morrendo
 ao que o matou lhe pode perdoar.

114

Foi a Páscoa enxuta,
choveu em São João;
à Galiza a fome
logo chegará.

5 Com melancolia
 miram para o mar
 os que noutras terras
 têm que buscar pão.

115

Não cuidarei das roseiras
que hei dele já, nem dos pombos;
que sequem, como eu me seco,
que morram, como eu me morro.

Eu levo uma pena
 guardada no peito;
 eu levo-a, e não sabe
 ninguém por que a levo.

5 Ribeiras viçosas
 do Minho sereno,
 onde o passarinho
 tem o seu espelho
 e entre as margaridas
 10 pascem os cordeiros,
 vós soias sabeis
 o meu sentimento.

 Cabo duma pena
 onde mana um rego,
 15 à sombra dum pinho
 manso e gigantesco
 que soberbo brama
 quando o move o vento,
 como num sepulcro
 20 dorme o meu segredo.

Mas, em-que ali dorme,
 vive em mim desperto.

 Eu levo uma pena
 guardada no peito,
 25 tamanha, tamanha,
 bom Deus, que n'a rejo.

30 Quem me dera, beiras
do Minho sereno,
ser um daqueles cômaros
que em vós têm assento!

35 Sem medo e sem penas,
de v'rão e de inverno,
um séc'lo trás outro
morara onde eu quero...
coa veiga por paço,
co espaço por teito¹⁵⁴.

¹⁵⁴ Teto; telhado; abrigo.

Meus pensamentos, qual voais tolos!...

Aonde voais?

Aonde?, aonde, se eu não o digo,
ninguém saberá.

5 Da fonte ao rio, do rio à veiga,
da veiga ao mar,
que buscais tolos?... se eu não o digo,
ninguém saberá.

10 Meus pensamentos... por que perenes
me atormentais?
por que a cote ides, ai!, se adonde ides
ninguém saberá?

Qual a pombinha buscais a flama
que vos queimar...
15 e a triste morte que vós tereis
ninguém saberá.

VIVER PARA VER

Marchaste-te¹⁵⁵ um dia
 tu, o que eu queria;
 fugiste da terra
 que tanta alegria
 5 e encantos encerra.
 Disseste “Maria,
 mais doce que os meles,
 mais linda que as flores,
 a pomba sem feles,
 10 não chores, não chores,
 que ausência envivece,
 não mata, n’esquece
 os doces amores
 que a dita juntou.
 15 Eu vou-me!... mas se ora
 só dor nos ofrece
 Fortuna traidora,
 jamais te olvidara
 quem tanto te adora,
 20 quem tanto te amara.
 Adeus, minha vida!
 No peito escondida
 te levo no entanto
 não torno a te ver.
 25 Espera!, pois juro,
 por Deus sacrossanto,
 que, se não morrer,
 aqui hei de volver.”

¹⁵⁵ *Marchar-se* “ir-se embora” é castelhanismo arraigado nos falares galegos.

30 Morrer, não morreste...
 e em-que eu esperara,...
 que bem que cumpriste
 palavra que adiste,
 amor que tiveste!
35 Que os anos passaram,
 as flores murcharam,
 os negros cabelos
 em branco tornaram;
 e nunca, mais nunca,
 poder de um querer!,
40 quiseste volver...
 Viver para ver.

NÃO É DE MORTE

- Estás de volta, Rosa de Anido?
 Eu não cuidara ver-te tão cedo!
 As meigas tudo, Rosa, contigo
 sei-ca na vila lá têm feito,
- 5 que de defunto levas a cor
 e a vista brava, e o falar seco.
 – É que de pena, da terra longe,
 pouquinho a pouco me ia morrendo;
 mas... colorida me verás logo,
- 10 que agora vivo porque te vejo.
 – Tola da Rosa, co que ela sai!...
 Inda te acordas daqueles tempos?
 – Se inda me acordo!... Como olvidá-los?,
 quando tão só eu nisso ora penso?
- 15 Bebemos juntos naquela fonte,
 juntos pousamos naquel portelo,
 erva colhemos juntos no prado,
 e íamos juntos tomar o fresco
 no mês de agosto desde que a lua
- 20 branca saía trás os outeiros.
 Estas lembranças me consumiam,
 de ti apartada, da terra arredo...
 Però, tu, diz-me, não te acordaste
 e não te acordas daquilo feito?
- 25 – Tu que me pedes, rapaza, quando
 desmemoriado sou como um denho!
 E ademais, Rosa, dir-cho-ei tudo
 por que não volvas no pensamento.
 Bebi com outras naquela fonte,
- 30 pousei com outras naquel portelo,

ai!, e com tantas à luz da lua
no mês de agosto tomei o fresco!...
Diz-me, meninha, se um homem pode
carregar tantos desses relembrs,
35 e se não deve botá-los fora
porque n'estorvem no pensamento.
Eu quis-che um dia¹⁵⁶, quis-che sim, Rosa;
mas diz a copla que amor e vento,
dês que fizeram sua feitura,
40 vão-se, rapaza, como se veio.
E que lhe vamos nós fazer, Rosa,
se destas cousas não há remédio!
Adeus, prá Havana domingo embarco;
e em-que ora chores, não tenhas medo,
45 que mal de amores n'ê mal de morte,
e ao fim e ao cabo passa co tempo.

¹⁵⁶ *Che* é o pronome pessoal de 2ª pess. de objeto indireto. V. nota final.

Quero-me ire!, quero-me ire!
 Rumo aonde, não o sei.
 Cega-me os olhos a brêtema.
 rumo aonde hei de colher?

- 5 N'acougo cuma inquietude¹⁵⁷
 que não me deixa existir;
 quero e não sei o que quero,
 que é todo igual para mim.

- 10 “Quero-me ire, quero-me ire”,
 dizem uns que a morrer vão;
 Ai!, querem fugir da morte,
 e a morte com eles vai!

¹⁵⁷ “Não sossego a causa de uma inquietude”

121

O meu perfume mais puro
 dera-che se eu fora rosa,
 o meu murmúrio mais brando
 se é que do mar fosse as ondas,
 5 o bico¹⁵⁸ mais amoroso
 se fosse raio da aurora,
 se Deus... mas bem sei que tu
 não quês de mim nem a glória.

122

– Médico, dói-lhe a cabeça...
 Cirurgião, dói-lhe uma mão...
 Mas se é que o espírito lhe dói,
 que mezinha lhe darás?
 5 – Para enfermidades da alma
 na terra cura não há.
 Pede-lhe a Deus que cha leve;
 quiçá no céu sarará.

¹⁵⁸ Beijo.

– Em-que me deis vinho do Ribeiro de Ávia,
e todas as caldas e todas as viandas
das que os reis se nutrem e no mundo haja,
'nha madre querida, não sei que me falta.

- 5 Em-que me tragades¹⁵⁹ como santo em palmas
e que me ponhades de todas as galas
e que me levedes à corte de Espanha,
'nha madre querida, não sei que me falta.

- 10 E em-que me deis ouro, e em-que me deis prata,
diamantes e aljôf res, pér'las e esmeraldas
e quanto há no mundo, não me dades nada,
porque,'nha madrinha, não sei que me falta.

Da esperança bela cortaram-me as asas;
não há alegria sem uma esperança.

¹⁵⁹ Nos vv. 5, 6, 7 e 11 temos as formas arcaicas não contractas da 2ª pess. pl., que vivem numa parte dos falares galegos. V. nota final.

- Desde aqui vejo um caminho
 que não sei aonde vai;
 pelo mesmo que não sei
 quisera-o poder andar.
- 5 Estreitinho serpenteia
 entre os prados e nabais,
 e anda ao feito¹⁶⁰, aqui escondido,
 relumbrando mais alá¹⁶¹.
- Mas sempre, sempre tentando-me
- 10 co seu lindo clarejar,
 que eu penso, não sei por quê,
 nas vilas que correrá,
 nos carvalhos que o sombreiam,
 nas fontes que o regarão.
- 15 Caminho, caminho branco,
 não sei para adonde vais,
 mas cada vez que te vejo
 quisera poder-te andar.
- Já colhas para Santiago,
- 20 já colhas para o Portal,
 em Santo André te detenhas,
 já chegues a São Cidrão,
 já que te perdas... quem sabe
 por onde?, que mais me dá!,
- 25 em ti oxalá me perdera
 pra nunca mais me topar...
 Mas tu vais indo, vais indo,
 sempre para adonde vais,
 e eu quedo encravada adonde

¹⁶⁰ *Anda ao feito* "joga às escondidas". V. nota final.

¹⁶¹ *Mais alá* "acolá".

30 arraigo tem o meu mal.
Nem fujo, não, que em-que fuja
de um lugar a outro lugar,
de mim mesma, nada, nada,
nada me libertará.

NO CLAUSTRO

Davam-se bicos as pombas,
 voavam as andorinhas,
 jogava o vento coas ervas
 povoadas de margaridas,
 5 e as lavadeiras cantavam
 entanto a fonte corria.

Foram-se indo uma trás outra,
 e ali se quedou sozinha,
 coa triste frente inclinada
 10 onde uma arcada sombria...

Entonces não sei que sombras,
 quiçá de memórias vivas,
 quiçá dos frades defuntos,
 passar em procissão mística
 15 viu naquelas solidões,
 que amava quanto temia.

Tremeu de angústia e de pena,
 e enquanto amarga sorria,
 mirando o jasmim sem folhas,
 20 que iam abrotar aginha,
 murmurou, mentres dos olhos
 as bagulhas¹⁶² lhe caíam:

“Tudo volve, tudo torna,
 menos o bem que eu queria;
 25 tudo, tudo aqui se queda,

¹⁶² Diminutivo de *báguas* “lágrimas”, as duas palavras de origem controversa.

sozinha eu vou de fugida.
Não hei de ver-vos mais, flores,
adorno dessas cornijas;
nem a ouvir os teus murmúrios,
30 fonte que a gozar convidas;
nem a contemplar-vos, pedras,
as testes da pena minha.
Outros virão profanar-vos,
mentres eu morro esquecida.”

35 Soaram passos nas abóbadas,
soprou uma forte brisa,
ouveu-se uma gargalhada
qual se do inferno saíra:
Era o trasno¹⁶³ do convento,
40 que, recordando outros dias,
ria dos anseios negros
e da orfandade da nina.

¹⁶³ Trasgo, duende.

Como lhe dói a alma,
peró, quanto lhe dói!
De dia nem de noite
não para com a dor.
5 Senhor, vós a fizestes!;
Senhor, curai-a vós!

E o coração ferido,
também quanto lhe dói!
E eu bem sei que não pode
10 sarar do coração.
Senhor, dai-lhe descanso
na terra que a criou,
que o pó retorne ao pó,
e o espírito ao céu, Deus bom.

Ao sol fui quentar-me,
deu-me calafrios,
qual se o Norte bravo
me arrastasse arisco.
5 Senti uma gaita
de alegre sonido,
e os cabelos todos
puseram-se-me hirtos;
e tremi qual treme
10 na beira do rio
erva que a corrente
toca cos seus limos.

Minha alma dorida,
meu corpo fininho,
15 faz-vos mal a gaita,
dá-vos o sol frio.
Minha alma, meu corpo,
se não é feitiço,
é que a morte quer-me
20 para o seu exido.

Sempre pela morte esperas,
mas a morte nunca vem;
coitado!, pensas que as penas
podem matarem de vez?

5 Nunca, que são como o héctico:
trás de roer e roer,
só deixam um corpo quando
já não têm que comer.

10 Quando a água das penas
se reverte na copa sem medida,
só é remédio a morte
para curar da vida.

QUE LHE DIGO?

– Eu volvo para a terra;
à tua-mulher¹⁶⁴ Antona, que lhe digo?

– Pois, pra não meter guerra,
por que não venham a petar comigo¹⁶⁵,
5 olvidarás que foste meu *testigo*¹⁶⁶.
O demais... boi à liberdade adoito¹⁶⁷...
Já sabes o refrão, meu companheiro:
a liberda' primeiro,
e melhor que lá broa aqui biscoito.

10 – Mais vale aqui, como quem diz, solteiro
que casado e com filhos
andar alá, suando aqueles milhos...

– Entendo, companheiro!

– Que como possa se governe Antona,
15 e em-que dela me doo,
como de longe nada sei nem ouço...
Quem não sabe nem vê... sempre perdoa.
Quando já velho seja,
tornarei cos meus ossos para a aldeia,
20 que algo lhe hei de levar à terra nossa;
mas mentres moço sou, não pode ser,
porque se é por mulher,
se é que Antona está lá, tenho aqui Rosa.

¹⁶⁴ Hífen anómalo para notar *tua-mulher* ser trissílabo.

¹⁶⁵ Amolar (batendo na porta chamando por mim), V. nota final.

¹⁶⁶ *Testemunha* em castelhano.

¹⁶⁷ Afeito, costumado. V. nota final.

25 – Essa che é a mãe do anho,
 bom Antão de Rianho,
 mas a valer che digo
 que as mulheres são todas o inimigo,
 e já que isto assim seja,
 entre a nossa e a alheia
30 mais ou menos graciosa,
 pois... mulher por mulher, val mais a nossa.

 – É nossa a que nos quer e nós queremos,
 que se falta o carinho,
 cuidando que uma pomba tens no ninho,
35 uma cóbrega¹⁶⁸ tens, filha dos demos.

 – À cóbrega a cabeça se lhe esmaga
 e com a vida paga.
 Mas de Antona a paciência
 com que lhe paga, diz, tua consciência?
40 Que lhe cura da dor a funda chaga?

 – Deixa-te de consciências e de dores,
 que não têm lugar
 tratando de mulheres e de amores.
 Que ela veja, se quer, de se curar;
45 e conta-lhe que quando eu o tiver
 já lhe darei com que se procurar.
 E agora, adeus! até que Deus quiser!

¹⁶⁸ Cobra. V. nota final.

Tenho um ninho de tolos pensamentos,
 onde o lar escondidos,
 e dêz que vem a noite
 e o lume é incendiado
 5 e arrimo o pote e a fiar me sento
 naquel meu currunchinho,
 mentres que aquece o caldo, então lhes digo:
 “Vinde, meus queridinhos!”
 E correm e rebuldam
 10 tão contentes de estarem sós comigo,
 com sua-mãe, sua dona,
 seu único agarimo.
 E, quanto ali falamos em segredo!,
 e sempre del, Deus vivo!
 15 Dele, que por se ir lá... deixou-me só
 co coração ferido.
 Quantas tristezas!, quantos
 queixumosos suspiros
 me atormentaram!, quantos
 20 meu peito tem vertido!
 Però tudo em segredo,
 que isto a ninguém lho digo;
 não foram entender que murmurava
 dos feitos dele vindos.
 25 Eu murmurar de ti com gente alheia!...
 Nunca, meu queridinho,
 que és tu meu homem, eu sou tua, e devo
 calar a minha dor e os teus desvios.
 Só cos meus loucos pensamentos falo,
 30 porque são meus amigos
 e tão discretos,... tanto;

só dizem o que eu quero e lhes permito.
 Sem eles, meu Joaquim, que de mim fora?
 Só aqui, onde um tempo houve contigo,
 35 estalara de dor, tal como estalam
 no lume esses espinhos?
 Muitas vezes, sim, muitas,...
 pra não deixar-me descansar, rabiços!,
 entre o meu leito vêm,
 40 e aonde tu dormiste fazem ninho;
 mas eu, tal como agora,
 pra não chorar a fio
 e não ter que levar amanhã cedo
 os olhos como brasas incendiados
 45 quando vá ao mercado,
 sei-lhes dizer: “Indignos!,
 não me atormenteis mais, ide esconder-vos
 no vosso buraquinho.”
 E despeço-os de passo
 50 com um amante bico...
 Mas se lho dou a eles, esse beijo
 é para ti tão só, Joaquim querido.
 Volve, volve onde a mim¹⁶⁹, porque em-que diga
 que consolada vivo
 55 com estes loucos pensamentos, sei-ca,
 sei-ca me ajudam a morrer, Deus vivo!
 Joaquim, Joaquim, que de mulher nasceste,
 e que de outra mulher tiveste filhos!
 Ai!, qual teu pai sem tua mãe morrera,
 60 vê que morro sem ti, Joaquim querido.

¹⁶⁹ O pronome oblíquo trás *onde* é dialetal e *aqui* obrigado pela medida.

BASTA UMA MORTE

Cala, cão negro, n'ouveies,
à porta de quem bem quero;
corvos, não voeis por riba
do sobrado onde está enfermo;
5 co teu resplendor, *Companha*,
vai-te, não lhe ponhas medo.
Se é que queres que alguém morra,
eu sei dum são que contente
por el dera-vos a vida
10 e irá convosco aos infernos.

AS TORRES DO OESTE

A água corria
 pelo seu caminho,
 e eu ia ao pé dela,
 perto dos Lainhos,
 5 sem poder coas penas
 que moram comigo.

Com tamanha carga
 para adonde eu ia?
 saberá a Virgem,
 10 que eu não o sabia;
 mas sei-ca fugindo
 de mim mesma ia.

Por entre os ervais,
 profunda e sombria,
 15 qual uma serpente
 de escamas brunidas,
 brilhava aos meus olhos
 dando-me cobiça.

Estava tão só!
 20 Nem bote, nem lancha,
 nem velas, nem remos,
 a vista alegravam;
 sozinhas as veigas
 também se quedaram.

25 Que bonitas eram
 noutro tempo as rosas

que naqueles campos
medram e se esfolham!
mas murchas então
30 se amostravam todas.

E o sol, qual a lua
em noite de brêtema,
brilhava tremendo
por entre as vimieiras,
35 tão descolorido
como a mesma cera.

E ao ferir as ondas
revoltas e escuras,
viam-se no espesso
40 da negra fundura
as ervas marinhas
e longas que a sulcam.

De pronto uma e outra,
apondo-me medo,
45 as ltuosas cruzes
se me apareceram,
que se erguem na beira
qual num cemitério.

“Meu bem, onde moras?”
50 perguntei chorando,
“Já que tu morreste,
no mundo, que faço,
como vós, oh torres!,
só e sem amparo?

55 Soidões me consomem,
 báguas me alimentam,
 sombras me acompanham,
 come-me a tristeza.
60 Quem pode com tanta
 fartura de penas?!”

 E eu não sei que negra
 tentação maldita
 me afligiu o espírito,
 me nublou a vista,
65 e sorriu-me como
 me o demo sorrira.

 Desde a funda ourela
 mirei arredor...
 A maré mui viva
70 petava¹⁷⁰ nas torres,
 órfãs entre a líquida
 savã¹⁷¹ que as envolve.

 “Alá vou” lhes disse.
 “Dai-me morte doce,
75 águas onde as penas
 para sempre dormem...”
 Saltei... e a corrente
 calada levou-me.

 Oh Torres de Oeste!

¹⁷⁰ Batia.

¹⁷¹ Sava e savã “lençol”, do lat. *sabāna*, pl. de *sabānum*.

80 más atentadoras
 águas aprumadas,
 de calma traidora,
 cômaros pelados
 onde o corvo pousa.

85 Oh Torres de Oeste!,
 tão sós e tão mudas,
 coa vossa atentastes
 a minha tristura.
 Nenhum triste vá
90 cabo de vós nunca.

 Dos desamparados
 tendes a homenagem,
 e inda ao redor vosso
 não ressurde¹⁷² o are
95 como se temesse
 de vós despertar.

 É das que se apegam
 à tristeza vossa,
 das que o peito oprimem,
100 das abrumadoras;
 ao inferno encaminham
 as almas lutuosas.

 Que se inda estou viva
 foi que um marinheiro,
105 meio moribunda,
 por estes cabelos
 trouxe-me das ondas

¹⁷² Ressurge, surde novamente.

ao mundo em que peno.

110 Ai, não vades nunca,
eu vo-lo aconselho,
às Torres de Oeste
co coração negro.

POR QUÊ?

Escuta!, os aguazis
 andam correndo a aldeia;
 mas, como pagar?, como?, se um não pode
 inda pagar a renda.

5 Embargaram-nos tudo, que não têm¹⁷³
 essas gentes consciência, nem têm¹⁷⁴ alma.
 Quedaremos por portas¹⁷⁵,
 meus filhos das entranhas!

10 Que má morte vos mate
 antes que aqui entredes!...
 Dos pobres, ao sentir-vos,
 os corações qual batem tristemente!

15 – Maria, se não fora
 porque há Deus que premia e que castiga,
 eu matara esses homens
 como mata um raposo uma galinha.

20 – Silêncio! Não blasfemes,
 que este é vale de lágrimas!...
 Mas, por que a alguns lhes toca sofrer tanto
 e outros a vida entre contentos passam?

¹⁷³ Bissilábico.

¹⁷⁴ Monossilábico.

¹⁷⁵ Mendigando.

De solidão morria
 na vila suspirando pela aldeia;
 assombravam-na as casas cos seus muros
 e assombravam-na as torres e as igrejas.

5 As ruas enlousadas semelhavam-lhe,
 sem verdor nem frescura,
 cemitério onde os mortos
 fora andavam das tristes sepulturas.

10 E as comidas sabiam-lhe
 a farinha sem sal e a saramagos,
 e as poucas que tocava,
 em vez de dar-lhe prol, a iam matando.

Alguma vez chegavam cabo dela,
 não sei se em ilusão, se de verdade,
 15 uns agrestes aromas
 de alongadas ribeiras e pinhares.

Ia-se entonces assentar num alto,
 contemplava os extensos horizontes,
 e rompendo em suspiros que a afogavam,
 20 rouca exclamava soluçando: “Eu vou-me!”

E ia-se à pressa e sem remédio!... Ia-se
 coa tristeza mortal que a consumia!
 Ia-se a pobre Rosa,
 peró... para a outra vida!

Pois consola-te, Rosa,
 que muito tem que padecer na vida
 quem muito dela goza,
 e olvidada há de ser quem foi querida.
 5 O que a ti che passou, passa-lhe a todos
 dessa maneira ou de diversos modos.
 Não te acordas daquela?
 Tudo nela era encanto e formosura,
 tudo inocência pura;
 10 e com funda ternura
 e cum amor que as pedras abrandava,
 eu de cote a chamava
 pomba sem fel, e fonte de carinho.
 Bebia no seu peito o passarinho,
 15 tão branco relumbrava!
 E olor, e cor, sabor, que eu bem sabia
 ao que sabia Ângela,
 em-que n'inda a cheirá-la me atrevia...
 Tudo aos meus olhos era santo nela!
 20 Isto num tempo foi, tempo ditoso,
 que inda o coração lembra carinhoso,
 por que depois *daquelo*
 e que um do outro vivemos apartados,
 ela indo-se a Ferrol e eu a Cambados,
 25 topamo-nos na feira do Campelo,
 e eu busca que te busca em sua cara,
 e no seu jeito todo,
 o encanto que num tempo me encantara,
 e não pude topar de nenhum modo.
 30 E ela era a mesma, tão lançal, formosa,
 tão fresca e colorosa

e doce como o mel dos seus cortiços,
 mas a tantos feitiços
 eu estava insensível,
 35 e do passado em vão eu perseguia
 um volúvel fantasma que fugia
 livre de amor e de cadeias livre.
 Meditei um momento,
 e com certo remorso e sentimento
 40 ao cabo compreendi, 'nha Rosa cara,
 que tanto bem e encanto que namora,
 nada para mim fora,
 se lá, quando eu a amara,
 outros o meu amor não lhe emprestara.
 45 Porque não val sabença,
 bondade, formosura, n' inocência,
 pureza, nem virtude,
 para ser bem querido e bem querer,
 que basta com o ser.
 50 Mentres o amor não mude,
 se és feia, como tu n'hav'rá mulher
 de maior gentileza e melhor planta;
 se és infame e perdida, serás santa
 das que o são sem querê-lo parecer;
 55 e se és boba e sem sal, é que escondida
 tens a essência e a graça mais garrida
 dentro dum misterioso relicário
 u¹⁷⁶ só o amante cego e visionário
 a essência topa e o elixir da vida.
 60 Mas dêz que o amor quer voar, 'nha prenda,
 e que lhe cai a venda,
 força é deixá-lo ir,
 que n'há virtude nem poder que o prenda,

¹⁷⁶ Onde. V. nota final.

65 e o que antes nos mirou trás uma nuvem,
ou transparente gaza,
dês que a gaza se rompe e nuvem passa,
Rosa, val muito mais que não nos mire.

COA PENA AO LOMBO ¹⁷⁷

Quantas flores silvestres nos valados!,
 que festões e que encaixes¹⁷⁸
 primorosos de musgos e verdural;
 que colorido, que folham' nas árvores,
 5 entanto as brisas mansamente correm,
 como alento dos anjes!

Reina na veiga um plácido sossego,
 cai a luz nos regueiros em cambiantes,
 e o cômaro e canada suavemente
 10 vão quebrando a paisagem,
 ligeiramente envolta nos vapores
 da misteriosa tarde.

Só se sente o piar do passarinho,
 o murmurar das águas,
 15 e na cima do monte o cantar triste
 duma mulher que passa,
 mentres co seu murmúrio o manso rego
 naquel ritmo monótono a acompanha.
 Que tristeza tão doce!
 20 Que solidão tão plácida!
 Mas para uma alma em orfanda' sumida,
 que soidão tão deserta e tão amarga!

—
 Sem mirar, fixa os olhos
 nas brêtemas distantes,

¹⁷⁷ *Ao lombo* = *nas costas*.

¹⁷⁸ Castelhanismo por "lavor de renda".

25 vaporosas e leves
 que o sol põe de escarlata,
e as mãos em cruz, e os olhos
 arrasados em báguas,
 murmura soluçando: “Quero-me ir!,
30 porque agonizo aqui desconsolada...
 Melhor que cá nas rosas,
 ai!, quero-me ir morrer aonde ele vá!”
 E no fundo do barco
 sozinha, abandonada,
35 trás seu amor e a morte, para América,
 para morrer de dor, ao mar se lança.

TÃO SÓ

Os dous da terra longe
andamos e sofremos, ai de mim!
Mas tu, tu tão só, te recordas dela,
e eu, dela e mais de ti.

- 5 Ambos errantes pelo mundo andamos
e as nossas forças acabando vão.
Mas, aí!, tu nela toparás descanso,
e eu, eu tão só na morte o hei de topar.



FOLLAS NOVAS

ROSALÍA CASTRO DE MURGUÍA



NOTAS FINAIS

1. Daquelas que cantam as pombas e as flores

Três hendecassílabos e um pentassílabo, com rima assoante nos versos pares.

2 *todos din que teñen alma de muller;*

As formas contractas de *dizer* e *fazer* são gerais nos falares gaúlegos. Não são antigas ou tradicionais em sentido estrito; são fruto da analogia.

3 *pois eu que n'as canto, Virxe d'a Paloma,*

Pudera ter-se por rípio obrigado, mas também é certo que em vida de Rosalia a devoção popular pela paulista Virgem da [rua da] Paloma cresceu tanto que ultrapassou a da invocação padroeira da vila, Nossa Senhora da Soledade.

Isabel Rei aponta-me que a Virgem da Paloma não é rípio, sim reivindicação: repta a Virgem forasteira, da Paloma, a dizer- lhe o que é que deve cantar ela. Dispõe-se a enfiar um rosário de penas por causa de Castela e das ausências, e tem humor e sanha para pedir a opinião justamente da Virgem estrangeira.

2. Bem sei que não há nada

Duas quadras de hexassílabos, com rima assoante nos pares.

6 *E bem, porque así semos,*

Semos, popular por somos, é aqui inevitável pela rima.

7 *relox que repetimos.*

Aqui *reló's*, síncope de *relógios*, por quadrar o plural.

3. Tal como as nuvens

Poema complexo, organizado graficamente pela rima assoante, que vai nas linhas pares. As duas primeiras são senhos tetrassílabos. A terceira pode

ser eneassílabo de acento na 4ª sílaba ou dous tetrassílabos. A quarta é um eneassílabo anapéstico certo. As linhas 5ª e 6ª são senhos tetrassílabos. A sétima, eneassílabo anapéstico de novo. A oitava, um hendecassílabo clássico (o que não veda vê-los como dous pentassílabos). A nona e décima linhas são dous tetrassílabos, mas puderam ser um eneassílabo de tom na 4ª, similar ao da 3ª linha. Ao cabo, a undécima é um hendecassílabo similar ao da 8ª.

5 *Así as ideas*

Na prosódia castelhana há sinalefa, na nossa não. Dificuldade que, somada à morfológica de *assim*, pede pôr *tais*.

8 *De estrañas feituraz, de cores incertos,*

Lumes por *cores*, que tem o género do castelhano, é o único remédio que de momento imaginamos.

4. Diredes destes versos, e é verdade,

Decassílabos e hexassílabos, com rima assoante nos versos pares.

4 *Moxica “faísca que salta do lume; algures, morrão do pavio”,* é palavra de origem pré-romana.

12 *Asi sâñ em confuso d'alma miña,*

16 *Rebuldar “retouçar, trebelhar”,* só galego, de um vulg. **rebullitare*.

5. Folhas novas! Riso dá-me

Quadras de heptassílabos com rima assoante diferente em cada uma.

1 *¡Follas novas! risa dame*

2 *Esse nome que levas,*

4 *Branca ll'oise chamar.*

6 *De toxos e silvas sôs,*

7 *Hirtas, com'as miñas penas,*

Tomo a ocasião para teimar na etimologia do adjetivo grafado *hirto*. Ter caído sob a influxo do lat. *hirtus* não anula o facto, que Coromines

provou, de este ser um velho participio de *erguer*, que, isolado da família, tomou novo rumo. De “rígido, inteiriçado”, cf. cast. *yerto*, tomou depois os valores do vocábulo latino. Mas a 1ª documentação nas *Cantigas de Santa Maria* chega para ver o sentido primeiro. Mas é tarde para mudar ortografias.

11 *¡Se n'a gándara brotades,*

Gândara “terra inculta, árida, areosa, estéril”. É geral vê-lo como herança pré-romana. Apesar das hipóteses, era incerta a língua do étimo. Quase só calaica, há algum caso na Montanha cântabra. Os Hubschmied tiravam-na do ant. gaél. *ganem* “areia” (*GANIMÃ), o que não é aceitável. Na boa via, Jud foi primeiro a vincular *gândara* com o tipo alpino *GANDA “encosta pedregosa”.

A solução está fácil. Chega folhear os léxicos do gaélico para vê-la clara: o gaélico antigo e escocês *gann*, dantes *gand*, “scarce; escasso”, de um célt. *GANDO-, de igual valor, cf. scr. *gandháyate* “danar”, *gandha* m. “cheiro (do apodrecido)” e lituano *gendù* “danar, estragar” (Whitley Stokes). Em céltico “estragado” passou a “estéril, que não dá fruto; escasso”.

No fundo é o adjetivo fem. *GANDĀ “(terra) danada, > estéril, escassa”. O derivado *GANDARĀ põe a questão do sufixo românico átono -ro, do qual *pícaro* é paradigma. Muitos adjetivos parecem baseados na 3ª pess. sg. do presente de indicativo de verbos vivos ou perdidos: *pícaro* “o que pica”.

O céltico tinha o sufixo átono -RO, que fazia coletivos neutros, agregados a nomes, não a temas verbais: gaélicos *clocher*, *clochar* “montão de pedras”, coletivo de *cloch* “pedra” (proto-gaélicos *KLOKĀ e *KLOKĀRON).

No céltico final haveria confusão entre o sufixo -RON e o pronome relativo do céltico, que era átono e enclítico (-IOS, -IĀ, -IOD), e logo incompatível com o românico. Na soberania seria *GANDĀTI-IĀ “a que é ou está danada, escassa” (“está danada-a que”). Depois, sob a influência do latim, viraria *GANDAT-IA. E no final *GANDATSIA, incôngruo perante a 3ª pessoa isolada, já *GANDA, não *GANDAT nem *GANDĀTI. Isto é o estranho

relativo deram no atalho da substituição pelo sufixo de coletivos, com certa equivalência e facilidade acústica, e também com afinidade semântica.

12 *Como non serés así!*

6. Que passa ao redor de mim?

Uma quadra de heptassílabos seguida de dous eneassílabos unidos por um dissílabo. Rosalia organiza os dous últimos como um hendecassílabo pela rima.

5 *Teño medo á desgracia traidora*

Medo a não é regência da língua. *Horror* em vez de *medo* serve à medida e ao ritmo, mas intensifica o original. Não se vê outro.

7. Dizem uns *minha terra!*

Hexassílabos com rima assoante nos versos pares.

1 *Alguns din ¡miña terra!*

A forma contracta *dim* pode substituir-se por *dizem* se se troca o indefinido *alguns* por *uns*. Para manter o ritmo anapéstico chega com inverter a ordem.

2 *Din outros ¡meu cariño!*

11 *A donde quer qu'eu vaya*

Adonde é forma minoritária, mas dicionarizada, que aqui é útil.

8. Alá pela alta noite,

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos versos pares.

1 *Alá*, forma arcaica de *lá*. Dura na Galiza, e aqui é necessária para a medida.

3 *Ou antr'a negra oscuridad medosa,*

4 *o vello ve pantasma.*

5 *Uns son árbores muchos, e sin follas,*

9 *Y ó amañecer d'o día*

Sinalefa impossível. ‘*Mahecer?* É mais suave *clarear*.

10 *Cando c’a ultima estrela aqueles marchan,*
Marchar “ir-se” não é comum.

11 *Outros veñen mais tristes e sañudos,*

13 *Escrita trân nos apagados ollos*

A forma contracta não pode evitar-se.

14 *E nas asienes calvas.*

Asiem não é sinónimo galego de *fontes* (da cabeça). Aqui quadra a medida de *vidalhas* (*vitalia capitis*), próprio do galego oriental e leonês.

18 *Sô enemiga mortal de quen acaba!...*

9. Paz, paz desejada,

Pentassílabos com rima assoante nos pares.

6 *¿Ond’hey d’o atopar?*

7 *Nos mals que me matam,*

Não ousamos tirar a violenta síncope de *males*.

9 *¡Paz!, ¡paz tiés mentira!*

10. Uma vez eu tive um cravo

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos versos pares.

1 *Un-a vez tiven um cravo*

2 *Y eu non m’acordo xá s’era aquel cravo,*

5 *Soyo sei que me fixo un mal tan fondo,*

9 *–Señor, que todo o podedes,*

10 *–Pedinlle un-ha vez a Dios,*

16 *Nin soupen qu’era delor;*

18 *En donde o cravo faltou,*

19 *E seica, sica tiven soidades*

Sei-ca, sei-que “*parece-me que*” se afirmativos, e “*acaso...?*” interrogativos. Ecoa a distinção latina entre as conjunções a iniciar subordinadas com verbos volitivos (*ut*) e as que iniciam as de verbos *declarandi*

(*quod* e *quia*). O uso dura nos romances influídos pelo grego: romeno e dialetos da Itália do Sul (Rolhfs, *Est. sobre el Léxico Románico*, Gredos, Madrid, 1979, pp. 246 a 249).

20 *D'aquela pena... ¡Bon Dios!*

11. Quando um é mui ditoso, mui ditoso,

Quadras de decassílabos e hexassílabos com rima nos versos pares.

3 *Casi-que, n'é mentira anqu'o pareza,*

8 *Senon con froitos do delor amargos.*

10 *Y é en verdá desdichado,*

11 *Oco n'atopa no ferido peito,*

13 *Tan abonda é a desgracia nos seus dones;*

O que há nas falas galegas é o adv. *avondo* (ant. *a avondo* “em abundância”), aqui entendido como feminino de um adjetivo.

14 *Qu'os verte ¡Dios lho pague! ôs regazados.*

Arregaçados “os que estão dispostos a apanhar no regaço”.

15 *Hastra qu'o qu'os recibe*

12. Hoje ou ‘manhã, quem pode dizer quando?,

Decassílabos e hexassílabos com rima nos versos pares.

3 *Viranme á despertar, y en vez d'un vivo,*

5 *O rededor de min, levantaranse*

7 *Ayes d'angustia, choros d'os meus fillos,*

8 *D'os meus filliños orfos.*

10 *Muda, insensibre á todo,*

11 *Así estarei cal me deixare á morte*

12 *O helarme c'o seu sopro.*

14 *¡Que terrible abandono!*

16 *Hay, ha d'haber, e houvo,*

O dial. *houvo* é obrigado pela rima.

18 *Qu'ó d'a humilde quietú d'un corpo morto.*

13. Já nem rancor, nem desprezo,

Heptassílabos com rima assoante nos versos pares.

- 3 *tan só unha sede,... unha sede,*
5 *Rios da vida, ¿onde estades?*
6 *¡Aire!, que o aire me falta.*
11 *E vou caer ali en donde*

14. Aquel rumor de cântegas e risos,

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

1 *Cântiga* é cruzamento paretimológico de *cantíga* com *cantĭcum*, que corre nas terras onde *cantiga* tem saído do uso e tornado a entrar pela leitura. Há uma variante *cântega*, de aspecto regular, mas sem certeza da tradicionalidade. Contudo existe e corre na literatura. No caso de Rosalia é imprescindível; o ritmo acentual dos versos é inescusável e logo a proparoxítonia de *cântega* é necessária. Ora, escrever *cântiga* com *l* é teimar naquela paretimologia e dá incongruente com uma possível origem românica. Aliás, a semântica destas palavras difere. Coromines notou que o celtismo *cantiga* sempre nota uma poesia popular breve, enquanto que o latim *cantĭcum* é solene e longo.

- 2 *Ir, vir, algarear,*
7 *Me fixo, que lles dixen:*
8 *Ivos e non volváis.*
10 *Por aquí, por alá,*
14 *De tal modo hastra min véu resoar,*
19 *Y ó fin soya quedei, pero tan soya*
21 *Do ratiño o roer terco e constante,*

Duvida-se mal da autoctonia de *terco*, antigo em português comum, vivo nos falares galegos, com variantes e aceções do torrão.

- 26 *Que compañía me fan;*
A forma contracta *fã* por *fazem* é obrigada pela rima.
28 *¡Por Dios!... ¡non vos vayás!*

30 *Tamen é a soledad!*

15. A um batido, outro batido,

Duas quadras de heptassílabos com rima consoante nos pares.

2 *A un-ha dor, outro delor,*

16. Quando era tempo de inverno

Heptassílabos com rima consoante nos pares.

2 *Pensaba en dond'estarias,*

5 *¡Agora!... tan soyo penso,*

17. Mas vê que é meu coração

1 *Mais vê qu'o meu corazon*

2 *É un-ha rosa de cen follas,*

18. Co seu surdo e constante murmurinho

Duas estrofes de decassílabos e hexassílabos, com rima consoante *aa-bab* e *cdccd*.

1 *Co seu xordo e costante mormorio*

2 *Atraim'o oleaxen d'ese mar bravio,*

5 *dîme, ven brandamente á descansar.*

8 *Pois saldremos c'o empeño,*

10 *Unhas ânsias mortais d'apousar n'el.*

19. Ando buscando meles e frescura

Três quadras de decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

5 *Almibres e almibarar*, castelhanismos por *calda* e *adoçar com calda*.

8 *Fero*, aqui substantivado, é “sabor agre ou amargo”. E antes “cheiro ferino”, e tão velho como *faro* e *farum*. *Faro* mudou o sentido por metonímia. *Farum*, derivado, guarda o sentido. Eis o mistério da etimologia de *farejar* e família.

10 *Non teño á culpa d'eso*;

Para não naufragar no cast. *eso* foi preciso alterar a ordem. Felizmente eis o *tenho*. O ritmo iâmbico e o pensamento de Rosalia saem indenes.

20. Silêncio!

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

3 *Con un mundo de dudas n'os sentidos*

6 *en sin igual batalla,*

7 *inmortales deseos que atormentan,*

12 *Y escribo... escribo ¿para qué? ¡Volvede*

16 *qu'a man tembrosa n'o papel sô escriba*

21. Adeus!

Quase todos alexandrinos de treze sílabas, em duas estrofes de 13 e 11 versos, todos com a mesma rima assoante. Os dous últimos de cada estrofe são um eneassílabo e um pentassílabo, dos quais só rima o segundo; logo o intuito da autora era tê-los como um verso só, que por longo demais para a página deveu dividir.

3 *¡Adios! Vidán alegre, moiños e hondonadas,*

7 *Santo Domingo, em donde cant'eu quixen descansa,*

10 *Que vicheis chorare soya e desventurada,*

14 *Cando volver, se volvo, tod'estará ond'estaba,*

18 *D'a catredal severa, olland'as lontananzas.*

20 *Ou n'o verdor d'a vida, sin tempestás nin vagoas,*

22. Grilos e ralos, rãs alvarinhas,

Duas estrofes em oposição dialética. A primeira, de cinco eneassílabos, lembra carinhosos rumores rurais. A segunda – dous hexassílabos e dous tetrassílabos – põe dúvidas na felicidade dessa memória. Rima assoante nos pares.

2 *sapos e bichos de todas crás,*

6 *Tan sô acordarme d'elas,*

Rosalia pôs sinalefa em *só acordarme*, cf. a prosódia castelhana aprendida. Para respeitar espírito, ritmo e medida do original, e a par salvar a intuito de fazê-lo na língua própria, substitui-se *acordar-se de* por *lembrar-se de*.

23. Qual as nuvens no espaço sem lindes

Os versos longos são eneassílabos, anapésticos os que Rosalia pôs numa linha. Outros dous, de tom na 4ª sílaba, põe-nos em duas (3º, 4º, 6º e 7º), como tetrassílabos. Respeita-se, dispondo-os escalonados. O arranjo não é pela rima, que nas estrofes finais desaparece. Os curtos são pentassílabos (2º, 11º, 12º, 14º e 15º).

1 *¡Cal as nubes n'o espaço sin límites*

14 *os nosos ensoños*

24. Rico ou pobre, algum dia

Hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares, em quatro estrofes.

- 6 *e inda sigros pasáran,*
12 *n'a humidá enferma d'o rencor se baña*
16 *pode acaba-lo amor, mais ti n'acabas*

25. Na Catedral

Quase todos eneassílabos de tom na 4^a, que podem ser tetrassílabos pelos hemistíquios em que se dividem. Além disso, há nove tetrassílabos óbvios. Na verdade, são *versos de gaita galega*, pois alguns no original excedem as nove sílabas.

- 1 *Curruncho* é sinônimo local de *recanto*, *canto* ou *cantinho*.
3 *vellos e vellas, mentras monean*
Monear “cabecear”, entre outras aceções. De mona.
4 *silvan as salves y os padrenuestros,*
Padrenuestros é obrigado pela rima. Ao cabo, mostra a alienação cultural.

- 6 *reises e reinas con gran sosego,*
8 *Crego* é galego dialetal por “clérigo”.
9 *O organo lanza tristes cramores*
10 *os d'as campanas responden lexos,*
Felizmente *retro* rima e alitera.
12 Como com *padrenuestro*, o Horto das Oliveiras aqui tem que ser *Huerto*.

- 17 *daille remedio.*

Edições posteriores – vejo Castrelos, 1971 – põem *daslle*, que muda o fundo. Pelo tratamento esta seria a interpretação boa. Não será prece, mas a constatação de um equilíbrio cósmico.

- 18 *O sol poniente polas vidreiras*
21 *da Goria os anxeles y-o Padre Eterno*

Isto é decassílabo, como o seguinte.

22 *Santos e apóstoles ¡védeos! parecen*

27 *tempran risoños os instrumentos.*

Tentam difere, mas reproduz a música.

32 *Vos qu'os fixeches de Dios c'axuda*

33 *É melhor Mateus, a forma cunhada na língua, em vez do usual*

Mateu.

34 *Xa q'ahi quedaches homildemente*

35 *arrodillado, falaime d'eso;*

Além de traduzir *arrodillado*, temos o tropeço de esso na rima. Foi antigo.

38 *Aqui está á Groria, mais n'aquel lado*

39 *n'aquela arcada, negrexo o inferno*

A violenta sinalefa em *negreja o inferno* é obrigada se nos versos se vê eneassílabos regulares. Se se veem versos de gaita galega, o problema desaparece.

43 *mitá asombrada, mitá con medo,*

48 *¡Como me miran facendo moecas*

49 *dend'as columnas ond'os puxeron!*

Puseram alteraria a rima.

54 *Pero xa orfa, pero enloitada,*

55 *pero insensibre cal eles mesmos...*

62 *e en cada prancha d'a araña hermosa*

64 *cintileando com'as estrelas,*

65 *pintan mil cores no chan caendo,*

66 *e fan qu'a tola d'a fantasia,*

71 *Tras d'o Pedroso, puxose Febo.*

75 *El tan só sabe cales remedios;*

81 *fixen mamoria d'os meus secretos,*

82 *para mi madre deixei cariños,*

82 *par'os meus fillos miles de beixos,*

26. Correi, serenas ondas cristalinas,

Decassílabos variados sem rima.

- 2 *pasad'em calma e maxestosas, como*
4 *¡Rodade sin descanso como rodan*
5 *á eternidá xeneraciós sin número*
9 *apagad'o queimor... nubes de gasa,*
10 *Cubri cal velo de lixeiro encaixe*
26 *profanas mans para levarme lexos...*
27 *¡Quero quedar ond'os meus dores foron!*

27. Cada noite eu chorando pensava...

Eneassílabos anapésticos e pentassílabos, com rima assoante nos versos pares, salvo na primeira estrofe.

- 5 *m'envolve loitosa.*
10 *hastr'o leito dond'eu me tendera*
12 *Desde estonces busquei as tiniebras*
13 *mais negras e fondas,*
14 *e busqueinas em vano, que sempre*
16 *So em min mesma buscando n'oscuro*

28. Tu ontem, amanhã eu

Quadras de heptassílabos com rima assoante nos versos pares.

- 2 *qu'a luz onda min non vay;*
4 *e vivo n'a escuridá.*
5 *Mais, agarda... ¡o que te riches*
6 *insensibre ô meu afán!*
7 *inda estou vivo... inda podo*
10 *tiraille anque sea un cento;*

O medieval *em que*, redução átona de *ainda que*, vive na Galiza e em Rosalia. Falsamente confundem-no com o cast. popular *unque*,

redução de *aunque*. Daí tomar o A. Pomos *em-que* por clareza evitando confusões com a preposição *em*, com a que parecem ter caído restos de *em* < *ainda* em português comum.

12 *han-vos de facé-l-o mesmo.*

29. Deixa que nessa copa onde tu bebes

Decassílabos (heroicos e sáficos) e hexassílabos com rima assoante nos pares.

- 1 *Deixa que n'esa copa en donde bebes*
- 4 *o meu dorido corazón esprima.*
- 6 *como abranda a delor as pedras frias,*
- 7 *anq'abrandar non poida*

30. Bons amores

Oito alexandrinos de treze sílabas e seis heptassílabos. A mesma rima assoante abrange todos os alexandrinos e os heptassílabos pares. A rima sugere uma ordem subliminal de versos hexassílabos e heptassílabos.

- 1 *Cal olido de rosas que sai d'antr'o ramaxen*
- 3 *que n'inda vir se sinten, nin se ve cand'entraren*
- 6 *a frol ô orballo d'a tarde.*
- 8 *brandos asi e saudosos, cal alentar d'os ánxeles,*
- 10 *y os hermos reverdecen d'o esprito onde moraren.*
- 12 *si tes quen ch'os poida dare;*
- 13 *qu'estes son soyo os que duran*

31. Amores cativos

O arranjo pela rima revela uma quadra de heptassílabos, com rima assoante nos pares. No original o resto são quatro alexandrinos de 13 sílabas e dous heptassílabos, de rima assoante também nos pares.

- 1 *Era delor y era cólera,*
- 4 *era un castigo de Dios!*
- 6 *que privan os espiritos, que turban as concencias,*
- 8 *que dan dores de rabia, que manchan e qu'afrentan.*
- 10 *que quentarse á sua fogueira.*

32. Abri, as frescas rosas;

Sete hexassílabos e três decassílabos com rima assoante nos pares.

- 1 *Abrid'as frescas rosas,*
- 2 *briad'os carabeles*
- 3 *d'o seu xardin, os árbores, vestivos*
- 6 *a cubrirvos de pámpanos volvede.*
- 9 *dill'os mortais, de novo os loucos dille*

33. Debalde...

Heptassílabos com dous trissílabos com rima assoante nos pares.

- 6 *s'hay com que pagarll'os cregos,*
- 9 *se sô ó pensalo non rio*
- 10 *con un-ha risa d'os deños!*
- 12 *anque non lles den diñeiro!...*

34. Quem nome geme?

Decassílabos e heptassílabos com rima assoante nos pares, que difere nas quatro quadras primeiras e na décima final.

- 1 *Luz e progreso em todas partes... pero*

2 *as dudas n'os corazós,*
 5 *Outro cantar din cansados*
 9 *¡Réprobos!... sempre ô oculto perguntando*
 11 *Buscade a Fe, que se perdeu n'a Duda*
 12 *e deixade de xemir.*

35. Ladravam contra mim, que caminhava

Decassílabos e hexassílabos em três estrofes de rima consoante.

6 *ollandome á mantenta*
 7 *d'o meu dor sin igual y á miña afrenta*
 10 *Si a souperan ¡Dios mio!*
 13 *Buscand'o abrigo d'os mais altos muros,*
 20 *chorosa, sin alento e ensangrentada,*
 21 *malpocado* “coitado” é adjetivação dialetal do antigo advér-
 bio *mal-pecado*.
 22 *por sua nay mal fadada.*
 A hifenização procura notar *sua-mãe* ser bissílabo.
 24 *y as escaleiras con temor subindo,*
 27 *No berce ind'os meus ánxeles dormian*

36. Por que, minha alminha,

Tercetos de pentassílabos com rima assoante dos versos ímpares.

7 *¿Porqué, meu esprito,*
 10 *¿Porqué, corazon,*
 16 *¿Porqué, en fin, Dios meu*
 19 *¡Ou ti! roxa estrela*
 20 *que din que comigo*
 21 *naciche, poideras*
 23 *xa que non pudeche*

37. O toque de alva

Seis oitavas de hexassílabos com um decassílabo final, de rima assoante nos pares.

- 14 *mitá luz, mitá sombras,*
- 15 *Mitá um pracer sin nome,*
- 16 *e mitá un-ha surpresa aterradora.*
- 20 *e medrano as congoxas.*
- 31 *¿Em donde van aqueles*
- 45 *des qu'eu ouben d'oirte*

38. Mar!, com as tuas águas sem fundo;

Três eneassílabos e nove heptassílabos com rima assoante nos pares.

- 2 *¡Ceo! c'a tua imensidá,*
- 4 *axudádeme á enterrar.*
- 8 *e outro ond'a coba me fán.*
- 12 *hastr'a mesma eternidá.*
- Apócope obrigada.

39. Cava ligeiro, cava,

Hexassílabos e decassílabos de rima assoante nos pares.

- 7 *E por lousa daráslle o negro olvido,*

40. Quando penso que te foste,

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

- 1 *Cando penso que te fuches,*
- 2 *Ô pe d'os meus cabezales*
- 7 *y eres a estrela que brila,*
- 8 *y eres o vento que zoa.*
- 9 *Si cantan, és ti que cantas,*

- 10 *si choran, és ti que choras,*
13 Há sinalefa obrigada em *tu és*.

41. A ventura é traidora

Heptassílabos com quatro eneassílabos, a rimar assoadamente nos pares.

- 1 *Tembra á qu'unha imensa dicha*
4 *trân desventuras supremas.*
8 *cando n'os hay n'a concencia!*
15 *val mais qu'a tua vida corra*

No original, *tua vida* é trissilábico. Junto de *val*, redução dialetal de *vale*, aqui impõe mudar a ordem guardando sentido, medida, ritmo e cor vocálica.

42. Leva-me àquela fonte cristalina

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

- 4 *sede d'amor e llama de deseyos.*
10 *qu'antr'os dous puxo o tempo.*

43. O paço da...

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

- 8 *de cortinax ô ventanil servindo.*
Ventanil é castelhanismo ocasional de matiz depreciativo.

44. No céu, azul claríssimo;

Hexassílabos com rima assoante nos pares.

- 12 *rebosa n'ó meu peito.*

45. A justiça pela mão

Parecem hendecassílabos com uma rima assoante em todos. Na verdade são pares de pentassílabos escritos numa linha, como nota o verso 21, dodecassílabo se se lê sem a licença da primeira edição, que não se pode dizer que fosse de Rosalia. Todos os versos têm cesura clara trás o tom na 5ª sílaba. O último verso, hendecassílabo regular com o anômalo *leises*, soa de todo regular ao substituí-lo.

1 *Aquês que têm fama d'honrados n'a vila*

5 *Nin pedra deixaron, em dond'eu vivira*

Põe-se o imperfeito *vivia* em vez do *vivira*, mais-que-perfeito anômalo.

12 *y-en tanto os raposos de sangre maldita,*

16 *–Bon Dios, axudaime, berrey, berrey inda...*

18 *estonces cal loba doente ou ferida,*

20 *passeninho*, sinónimo galego de *devagarinho*

21 *y-a lua escondiese, y á fera dormia*

22 *cos seus compañeiros en cama mullida.*

Molinha é aqui diminutivo de *mole*.

24 *d'un golpe, ¡d'un soyo! deixemos sin vida.*

27 *Y-estonces... estonces, cumpreuse a xusticia,*

28 *eu, n'eles; y as leises, n'a man qu'os ferira.*

46. Deus pôs um véu em riba

Hexassílabos com rima assoante nos pares.

1 *Dios puxo um velo enriva*

3 *velo qu'oculta abismos*

7 *homilde e de rodillas*

9 *s'este velo caise*

11 *tembro...*

47. *Tás-tis! tá-s-tis!* na silenciosa noite

Decassílabos e hexassílabos de rima assoante nos pares.

3 *mentras a frecha aguda,*

4 *marcand'um y outro instante antr'as tiniebras.*

9 *só n'anchura sin limites d'o ceo*

10 *com inquietú relumbra algunha estrela,*

12 *chamusca = faísca. Metátese de *chamarusca, afim a chamusca.*

13 *Y-a péndola no-mais xorda batendo*

24 *brêtema = névoa.*

25 *¡Que triste é a noite, y-o relox qué triste,*

48. Amigos velhos

Eneassílabos de tom na 4^a sílaba e alguns tetrassílabos, com rima nos pares. Rosalia sentiu aqueles como dous tetrassílabos, segundo os versos 12 e 18. Mas o arranjo gráfico de Rosalia, talvez fundado na rima, deve prevalecer.

9 *pero qu'é cheo d'outras lembranzas,*

10 *per'ond'o esprito parez que escoita*

13 *con misteriosa serenidad.*

14 *Incertainas sombras rayos tembrozos,*

16 *pousan, vaguean, foxen y agrándanse*

18 *Y o Santo Apóstol sempre sentado*

21 *con ollos fixos, canto ali está.*

26 *un-has tras outras xeneracioes*

28 e 29 *sin medo â*

sem medo à não é regime da língua, mas pode aceitar-se esporadicamente.

31 *pelerinax.*

34 *y as pedras quedan... e cand'eu morra*

37 *cand'eu non sea, t'inda serás!*

49. Maio longo... maio longo,

Duas quadras de heptassílabos com rima assoante diferente nos pares.

3 *para algús telas de morte,*

4 *para outros telas de bodas.*

Estas grafias geraram o equívoco das telas, panos. Veja-se Carvalho Calero, *Telas e teas*, em *Estudos Rosalianos*, Vigo, Galaxia, 1979, p. 157.

7 *veu contigo a miña dicha,*

O antigo *veo*, bissílabo, deu *veio* na língua padrão. Nas falas galegas modernas fez-se monossilábico. Apesar da condição desta edição, não ousamos alterar o texto do verso.

50. Lua descolorida

Hexassílabos e decassílabos em duas sextilhas e uma estrofe de nove versos, cada uma com uma rima assoante diferente nos pares.

5 *Ô espaço que recorres*

Ò por ao para permitir a sinalefa.

11 *Vay contallo ô teu dono*

51. Que placidamente brilham

Seis quadras de três heptassílabos e um tetrassílabo, com rima assoante uniforme.

13 *...natureza hermosa*

18 *d'aire, de luz, de calor...*

21 *¡E ben!... xa qu'aqui n'atopo*

22 *aire, luz, terra, nin sol,*

52. Estrangeira na sua pátria

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos versos pares.

- 12 *collendo hacia o infinito,*
16 *d'habela n'algun tempo conocido.*
18 *deudos eran os mais y outros amigos,*
22 *fono os mortos aqueles prosiguingo,*
27 *entorno d'a estranxeira n'a sua pátria*

53. Padrão!... Padrão!...

Como nos *Cantares Galegos*, o poema parece surgir de um texto folclórico. Tem três partes, de heptassílabos e alguns tetrassílabos, de rima assoante nos pares.

- 3 *¡Adios! ¡Adios!*
4 *Aquelas risas sin fin,*
5 *aquel brincar sin dolor,*
13 e 14 Com ocasião destas *cordas da harpa e os sons / da guitarra melancólica*, destaca Isabel Rei ser oportuno notar que a autora era frequente intérprete dos dous instrumentos, nos que era competente, além de outros, circunstância em geral pouco conhecida.
16 *Todo é silencio mudo*
17 *soidá, delor*
18 *ond'outro tempo a dicha*
19 *sola reinou...*
24 *n'hay duda qu'é encantador,*

Forçoso foi mudar, mantendo sentido, contagem, ritmo, rima, e acrescentando uma aliteração.

- 25 *c'os seus olivos escuros*
28 *lindas, cal n'outras dou Dios;*
29 *c'os seus canónegos vellos*
32 *contentos e rebuldôs;*
Rebuldões é dialetal por "travesso".

36 *ô amañecer s'enterrou.*

37 *Moito te quixen un tempo,*

É inescusável pôr o arcaico e galego che de objeto indireto. Se noutro contexto cabe escusá-lo, no regime de querer “amar” no tratamento familiar não o é. Em português comum, além do acantoamento da segunda pessoa, subsiste o regime de pronome de objeto indireto: *querer-lhe* = *amar alguém*.

39 *c'os teus olivos escuros,*

48 *vé un de noite o resprandor*

49 *Moito te quixen e quérote,*

50 *eso ben o sabe Díos;*

54 *negra e sin frois.*

73 *d'estrañeza e de delor,*

74 *Nin un soyo!... nin un soyo!...*

54. Passai

Hexassílabos e decassílabos em três quadras, cada uma com rima assonante diversa nos versos pares.

9 *¡Pasá!... pasade hermosas,*

55. Por que, Deus piedoso,

Rosalia usava grafar pela rima. Suspeito uma mão alheia ter alterado a edição do poema; as quatro primeiras estrofes têm dous hendecassílabos (editados como dous pentassílabos) e um eneassílabo, de rima nos pares. A 5ª estrofe teria um hendecassílabo, um eneassílabo e três pentassílabos. Mas na dúvida deixamo-lo como está, salvo no final. Pela rima, em vez do hendecassílabo, dous pentassílabos.

3 *ir en busca d'a morte que tarda*

4 *cando a un esta vida*

5 *Ile cansa e Ile afrixe?*

8 *¿Cal rendido viaxeiro non quere*

- 9 *buscá-lo descanso*
 10 *qu'o corpo lle pide?*
 11 *¿Porque s'un non rexe*
 13 *porque din que t'amostras airado*
 19 *qu'a yalma cobiza*
 20 *qu'os ollos non miden.*

56. Sozinha!

Hexassílabos com rima assoante nos pares.

¡SOYA!

- 7 *Mais que fora ou viñera*
 11 *Como naide a esperaba,*
 15 *y ali ond'o corvo pousa,*
 16 *soya enterrad'está.*

57. Não há pior meiga que uma grã pena

Heptassílabos narrativos com rima assoante nos pares.

2 *Deixa ña nay qu'aqui estea,*

Deixa é gralha editorial por *deixá*, var. dialetal de *deixai*, cf. o resto do poema. Aí a filha fala à mãe com o tratamento de 2ª pessoa do plural.

- 6 *–Que onte â mañan n'a debesa*
 10 *iñanse muchand'as erbas,*
 12 *tornouma color d'a cera;*
 13 *que os ourizos d'os castaños*
 20 *que me mágoan as áreas,*
 22 *din cantand'en son de queixa:*
 23 *¡Vay á morrer Marianiña!...*

Em geral os editores entenderam apresentar o futuro perifrástico, corrigindo com paragoge em *morrere* ou assinalando-o como erro. A meu ver, é um presente durativo similar a *vai morrendo*, o que brinda um sen-

tido melhor. Marianinha ser mortal é truísmo, estar em agonia é dado significativo.

24 *¡Rezade todos por ela!*

26 *que a miña filla está enferma!*

A dura sinalefa em *está enferma* pode evitar-se mudando a ordem.

30 *nadie envidia che tivera.*

34 *mais que boys e vacas venda...*

35 *–Mi madriña, mi madriña,*

Quadra insistir no dito sobre o v. 47 de *Como chove miudinho* dos *Cantares Galegos*, em *Clássicos da Galiza*, Academia Galega da Língua Portuguesa-Edições da Galiza, 2009. *Mi má* e *mi madrinha* foram os vocativos usados por Rosalia ao falar-lhe à mãe, o que revela a língua que com ela usava, o castelhano da Galiza. Isso deita luz crua na fundura em que estava sumida ao decidir virar.

Mi má é um velho decalque do antigo *ma mãe* “minha mãe”, hoje virado no moderno *mamãe*, brasileiro e galego. Na luz disto, *mi madrinha*, castelhano com desinência portuguesa, é uma equivalência de *mamãezinha*. Assim cumpre traduzir nos versos 35, 53, 75 e 84.

Mamãe não tem documentos antigos: Moraes, 1813. É brasileiro e galego. Em Portugal é *mamã*, que, apesar de Machado, cuida vir do fr. *maman*, que no castelhano também levou a substituir, no séc. XVIII, o velho *máma* pelo atual *mamá*.

A primeira articulação infantil é *má*: chega abrir a boca e deixar ir o ar por ela e pelo nariz, vibrando as cordas vocais. Eis uma oclusiva labial sonora, oral e nasal, com a vogal máxima. O som vira signo ao associá-lo o infante à primeira pessoa que conhece, a mãe. Assim é em todas as partes, e assim foi no indo-europeu **māter* e no lat. *māter*, com um sufixo. Do latim veio *madre*, hoje acantado em aceções particulares. Aí de novo influiu a língua infantil (não de infantes, de falantes incipientes) ao reduzir *madre* a **ma’e*. Ditongado e nasalado, isto chega a *mãe* já antes do séc. XIII.

Sói dizer-se *maman*, *mamá* e *mamãe* virem da fala infantil por duplicação. Não é tão simples. No francês pode ser. O cast. *mamá* seria o

velho *mama* (lat. *mamma*) influído no séc. XVIII pela moda francesa. *Ma-mãe* será outro. Não é o lat. *mamma* (do que haveria ecos, não documentados; foi geral na România), e o ditongo não é francês. Ora, ser brasileiro e galego é indício de grande antiguidade. Vem do velho **ma mãe* “minha mãe”, com possessivo proclítico átono e reduzido: lat. *mea* > *mia* > *mha* > *ma*. **Ma mãe* foi *mamãe* ao desaparecerem os proclíticos átonos.

A análise de **ma mãe* foi consciente longo tempo, tanto que chegou a ser traduzido ao castelhano da Galiza como *mi má*. *Mi* é claro; *má* adequa *mãe* tirando o ditongo. Isto antes de *mãe* ser substituído no ocidente galego pelo dialetal *nai*, cruzamento com *nana* (Coromines). *Mi madrinha* testemunha outros cruzamentos. Se não fosse pelo precedente, crer-se-ia que aí só está o cast. *mi madre* com o carimbo de castelhano da Galiza na desinência. A realidade é mais complexa.

Se esta fosse edição crítica, deixaríamos *mi madrinha*. Mas é de clássicos da língua e os valores da língua e da palavra poética primam.

41 *si n'é n'un-ha mala boca*

42 *que me pragueou maldicenta...*

45 *–Non mo preguntés, mi madre,*

46 *vale mais que nunca o sepas.*

53 *Mi madriña, mi madriña,*

60 *tu madre, e ali responderas.*

Tua-mãe, pronunciado como uma palavra, pode ser bissílabo.

61 *–¡Ay, mi madre! era bonito*

67 *Olía á rosas de Mayo,*

75 *–Non soñei, mi má, non soño,*

Veja-se a nota final ao verso 35.

84 *mi madriña a vida inteira!*

86 Veja-se 26.

89 *Ben fan en cantarch'os páxaros,*

95 *n'hay alimento que tome,*

96 *n'hay augua que ll'apeteza.*

99 *acorar* é sinónimo de *ofegar*, derivado algo errático do comum

corar.

100 *y â vista das froes tembra.*
 106 *leva ofrenda tras ofrenda*
 109 *y âs ánimas lles pon luces*
 111 *Pero non sanda Mariana,*
 113 *Todos din qu'un-ha chuchona*
 114 *ven de noite a chuchar n'ela,*
 117 *–¿Conque morre a namorada?*
 121 *Bagulhas é diminutivo do dial. báguas “lágrimas”.*
 125 *Vamos a darlle esta nova,*
 134 *d'os corvos facer tal moestra.*
 139 *–¡Habráya! que Dios acolla*
 148 *picade, por Dios, espuela,*
 152 *que tiña o color d'a terra*
 163 *Mas s'è que'atopase morta,*
 165 *xa qu'a matase, hastr'a morte*
 169 *mais ela no veu 'a el*

58. Vamos bebendo

Hexassílabos e tetrassílabos alternados de rima asoante no pares.

1 *Pita é pinta ou galinha.*

3 *que han de poñer bos ovos,*

O velho infinitivo *pōer*, com epêntese de *l* anti-hiático, dura nalguns falares galegos. Opta-se a grafia antiga para respeitar o texto e o bissilabismo necessário para a medida.

7 *.Quartos é nome popular do dinheiro na Galiza, vindo de umas velhas moedas de cobre, equivale a cobres ou ao italiano soldi.*

12 *Neto é medida de capacidade para líquidos, de arredor de meio litro.*

13 *quu'antramentas non quitas*

14 *Zerelhos “farrapos” irá com zarelho, que hoje não nota vínculo semântico, mas que, como zarelhon, aparece com valor de “farrapo”*

numa cantiga de escárnio de Afonso Lopes de Baião (Lapa 57.12). Para Coromines de **lacericulu-*.

59. Um verdadeiro amor é grande e santo,

Decassílabos e hexassílabos com rima consoante *aababcbcddee*.

4 *Sei-ca*, ou *sei-que*, é advérbio de dúvida, rasto da velha distinção latina entre as subordinadas volitivas introduzidas por *ut*, e as de verbos *dicendi* (*quod* ou *quia*). Equivale a “parece-me que...” nas orações afirmativas, e a “acaso...?” nas interrogativas.

12 *canto mais com'un d'el, repuna logo.*

Repugnar é sinónimo bastante tangencial de *enjoar*.

60. Não cantes, não chores, não rias, não fales,

Hendecassílabos com rima assoante comum.

2 *nin entres, nin sallas sin m'o preguntare.*

A paragoge, irregular na língua moderna, salva-se com o infinitivo pessoal.

12 *¡Can pasa! n'um tempo meniña, diranche.*

Este verso final apresenta um problema de interpretação. Os diversos editores diferem em várias leituras bastante peregrinas, talvez pela rudeza interjetiva. A meu ver, o sentido é claro: “Cão (ser desprezível, sem a consideração que antes recebias), passa (deixa de amolar atraindo a minha atenção)”.

61. Adiante!

Quatro quintilhas de decassílabos e hexassílabos de rima consoante *ab-baa, aabba, aabab* e *aabba*.

Sob a tona de uma anedota de contrabando, assoma uma imagem arquetípica que robor a fundura poética de Rosalia, muitas vezes inconsciente e numa boa parte automática, muito além da sua grande

capacidade métrica e “musical”. Cada um dos elementos da cena são paragonáveis aos do sonho do Nietzsche, aos quinze anos, que C. G. Jung ementa no seu livro *Wotan* (1936). O contrabando apenas se é ocasião ou precipitante de uma vivência profunda experimentada pela autora. Silvo estridente, noite negra, caçador-contrabandista ameaçante, expectativa de ação iminente.

Ainda não deu forjado o instrumento de análise profunda que faça compreender o contexto do poema. Quando der, saberemos mais da poeta, não os indiscretos mexericos que às vezes se tentaram, e sim as datas e o estado do seu ânimo, quer dizer, o contexto.

A experiência arquetípica entretece-se numa pintura de tons a evocar o *Inferno* segundo Doré, com poucas pinceladas psicológicas a assomar na cena: *o abatido pensamento / entre os tristes remorsos e a esperança*. Ao cabo só fica o fascínio de uma obra-prima misteriosa, ainda não desvendada.

3 *qu'a tempestá azoutaba com'a escravos,*

5 *um asubio medoso.*

12 *como corre o abatido pensamento*

17 *misterioso e agachado un centinela,*

19 *y a arma n'a man y em vela*

20 *a través d'a ramaxen axexaba.*

Ensejar virou em *assejar* em galego, por troca de “prefixo”. Como o seu étimo **Insidiāri*, *ensejar* foi “espreitar, emboscar”, sentido que depois matizou. *Assejar* guarda o núcleo do plexo semântico.

62. Nem às escuras!...

Parecem dísticos de alexandrinos de rima assoante. Mas são pares de hexassílabos escritos numa linha; eis os proparoxítonos do cabo da primeira parte das linhas 11 e 15, e o oxítono da 18, este disfarçado pela parago-ge. Como escrevê-los? Como os pôs a autora a causa da rima.

2 *e nin o céu tem ollos, nin o pinar ten lingua.*

Optamos traduzir, bem que o resultado não seja feliz.

- 6 –É un-ha estrela que brila, n'as auguas bulidoras.
8 –É o vento que anda tolo, corrend' *antr' a follax*.
9 –*Escoita, sinto pasos, e asoma seica um bulto...*
10 –*¡S'e um vivo, matarémo! non fala s'é difunto.*
11 –*Mais aqui ond'este cómaro, hay um-há cova fonda,*
15 *A luz d'o dia asómbreme, pásname a das estrelas,*

63. Gigantescos olmos, mirtos

Heptassílabos de rima assoante nos pares. Um poema de Rosalia que documenta tradições míticas. Num fundo de bosque arquetípico, inicialmente grato, mora a sombria figura feminina da versão folclórica da germânica Hel, senhora do Além infernal. Além da espontânea emergência destas imagens arquetípicas, não deve descartar-se certa tradicionalidade, sobrescrita em palimpsesto.

- 3 *un-has com cogollos inda,*
6 *e que xuntos verdeguean*
8 *valos que naide atravesa;*
10 *fan o seu niño as culebras.*
15 *limoeiros e laranxos*
17 *y olido esparcen d'azare*
19 *Eternos bosque en donde*
21 *onde sô os paxaros cruzan*
28 *e d'esta hermosa tristeza*
31 *ali din que ten o niño*
34 *en cada ventana reixa,*
39 *ali á viron negra e fraca*
40 *com'un-ha gata famenta*
42 *d'a hermosa terra gallega.*
43 *Y estes mals que nos afrixen*
44 *din que todos veñen d'ela...*
46 *que os que têm culpa n'a levan!*

64. Cada cousa no seu tempo

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

- 3 *e por nadal os membros ateridos*
5 *des pois trembaches espantado, e fuches*
12 *sinál segura eternamente fonon.*
16 *qu'helou hastr'os teus osos.*

65. Cabo das flores a nena

Nove estrofes de sete versos compostas de cinco heptassílabos, um decassílabo e um hexassílabo.

- 8 *Cor de luar... que cor lindo!*
13 *qu'a que Dios quixo darche, linda rosa,*
20 *e o soyo bem que buscan sin medida*
24 *Qu'é em amores desdichada*
26 *e tamen din qu'o eres ti,*
O *ti* sujeito é dialetal e arcaico, o *ti* é obrigado pela rima.
29 *Em bon hora, o em mal hora*
32 *mala sorte a traballar.*

38 Este verso falta nas edições. A regularidade das estrofes pede reconstruir um lapso editorial certo, só com a medida, a rima e o sentido geral.

- 45 *que trai á sua mente tanta*
57 *Tan soyo t'agardan penas*
61 *que naide, tal é a forza d'o destino,*
62 *naide torce o seu sino.*

66. Pelouro que roda

Heptassílabos com rima nos pares.

- 1 *Dou encomezo pensando,*
- 2 *despois, gustoulle pensar,*
- 5 *E decote descendendo,*
- 6 *descendendo sin parar,*

67. A desgraça

Decassílabos de vários ritmos sem rima.

- 2 *morada ten? ¿arteira en donde habita?*
- 8 *Pero n'a ven, aunque a mirada tendan*
- 9 *arrededor, para evitaren, cautos*
- 10 *o seu bafo pestífero, n'atopan*
- 17 *¿De donde ven? ¿que quer? ¿Por qué a consintes,*
- 29 *todo á sua lama pegaxosa entrubia.*
- 35 *asi mesmo mordendose prenuncia!*
- 39 *¡E como non, s'o ben contr'el se volve!*
- 41 *s'a fonte onde beber, envenenada*
- 42 *de cot'está: s'o pan se volve asentes*

Assente, assentes é a forma popular galega do *absíntio* (de *absinthium*). *Assente* virá de um lat. **absinthī*, plural de *άψινθος*. Do singular viria o ant. *acintro*.

- 45 *s'el n'a onda amarga s'afogar quixera;*
- 55 *e toda forza sin loitar s'estrela,*
- 56 *ond'as tinebras d'a impiedá, estendidas,*
- 58 *¡Dios de bondá, c'o teu potente sopro,*
- 59 *de nós aparta ese fantasma horrible*

68. E bem! Quando cumprido

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos versos pares.

- 12 *d'os vosos corazos irán caendo*
15 *en donde os nosos mortos dormen xuntos*
21 *N'era aquello sin duda, desdichados,*

69. Sem ninho

Quadras de hexassílabos com rima assoante nos versos pares.

- 3 *ven un-ha pomba soya,*
4 *soya de rama en rama.*

70. Eu por vós, e vós por outro

Doze quintilhas de heptassílabos com rima quase sempre consoante *aba-bb*. As duas estrofes finais são quadras de rima assoante só nos pares.

- 3 *¡Ônd'irá tan a deshora,*
Aqui e no 5 é preciso ler *aonde* como bissílabo.
5 *¿Ônde irá con tal premura?*
6 *Vai enfouzando n'a lama*

Enfouçar, de Padrão, será metátese do freq. *ençoufar*, com paretimologia de *foçar* e *focinho*. *Ençoufar* virá de **çoufo*, vocalização tarda de **çolfo*, do lat. *sulphur*, cf. cast. ant. *açulfar* e italiano *zolfo*. Seria “*enxofrar*”. O lat. *-ul-* sói dar port. *-o-* ou *-u-*, (*enxofre*, *doce*, *ensosso*; *mungir*, *cume*). Logo cabe supor **çolfo* ter entrado em data moderna, quando o L velar ainda podia vocalizar.

- 14 *xardiñeiro, coido a rosa*
15 *de cuyo olido outro gosa.*

O dialetal *olido* “cheiro” em parte é do cast. *oler*, em parte arcaísmo, o que não chega para incluí-lo aqui.

- 18 *qu'atopálo non podria;*
27 *porta s'abre paseniño...*

Já se viu *passeninho* ser lídimo sinónimo local de *devagarinho*.

32 Aqui *olido* é inescusável pela rima.

37 *d'os corazós que prendàs,*

38 *perdóname si, perdona*

Ousa-se regularizar o tratamento, que é de 2ª do plural no conjunto do poema, aqui e no verso seguinte.

39 *si che sigo a donde vas,*

40 *¿Non vés qu'en perigro estás?*

Aqui se deveu profundar o remédio.

42 *¿Quen vos meteu tal deseyo?*

43 *¡Enlamugarse así a rosa...!*

(*Santa*) *companha* na língua medieval era “Exército Sagrado”, também *hoste*, *estadeia* (< *hoste- athea*) ou *estantiga* (< *hoste- antiqua*). É mito de origens pagãs; era a tropa do deus da guerra e da atmosfera, da 2ª função nas teses de Dumézil, o *Táranis* céltico (ou *Thórr-Donar* germânico). No cristianismo os galegos continuavam a vê-lo, com notas mais demoníacas que no paganismo. A diabólica turma guerreira de luzes no céu ainda subsistia no séc. XIX, já a deslizar-se de guerreiros demoníacos a tétricos mortos-demos.

A *companha*, *estadeia* ou *estantiga* foi diabólico bando aéreo, como notam os nomes, mas nos tempos *recentes* interpretou-se como procissão de defuntos. Essa interpretação popular cristã ocupava lugar similar ao da racionalização materialista posterior, mas a alucinação profunda vinha do campo inconsciente coletivo, que é independente dessa crítica. George Borrow (cap. 29 de *The Bible in Spain*) documenta nos anos 1836-1840. O guia descreve a *Estadea* a Borrow, e depois lha explica:

“Subiu uma névoa muito espessa. De pronto pegaram a brilhar por riba de nós entre a névoa muitas luzes; mil ao menos. Ouviu-se um tremendo chio, as mulheres caíram de bruços gritando: Estadea! Estadea! Eu também caía e gritava: Estadinha! Estadinha!”

A seguir o guia crê-se obrigado a explicar: “A *Estadêa* são as *almas dos mortos que andam por cima da névoa com luzes nas mãos.*” A separação é clara, e a certeza do facto alucinatório *coletivo* roborada

pelo *chio tremendo*, próprio de imagens arquetípicas aparentadas (Ver o *Wotan* de C. G. Jung). Além da racionalização, a visão da cavalgada do bando diabólico na forma pura dá-se no cap. 27, *in fine*:

“De crermos aos galegos, os demos das nuvens perseguirom os ingleses [do general John Moore, morto na batalha em 1809] na sua fuga e atacaram-nos com remoinhos e golpes de água quando pugnavam por remontar as reviradas e íngremes veredas de Foncevadão.”

50 *Lostreguear* “relampaguear, relampejar” deriva do gal. *lôstre-go* “lampo”.

51 *N'irés soya, pesi a vos,*
52 *n'irés mentras qu'eu alenté,*
53 *pois fora atentar á Dios.*
62 *¡Darvos a tan malos modos!...*
67 *Ben di aquel refran sabido:*

71. Valor!, que em-que és como maviosa cera,

Decassílabos e hexassílabos em três estrofes, duas quintilhas e uma sextilha, de rima *abaab*, *aabab* e *aababa*.

1 *–¡Valor! qu'anqu'eres como branda cera,*
2 *aquí em perigo estamos,*
3 *e n'outro lado a libertá che espera,*
6 *–Tan nobre eres, meu ben, com'esforzada,*
9 *Nha é aférese frequente de minha no galego do séc. XIX.*
12 *a seres nos meus brazos sorprendida*
13 *e a que xuntos, amándonos morramos?*
16 *¡E adios, paz e virtú, sempre querida!*

72. Doce sono

Pentassílabos com rima assoante nos pares.

- 11 *os anxeles mesmos,*
De novo aqui cumpre apelar para o latinismo *ângeo*.

73. Vejo espantada o abismo

Heptassílabos numa oitava lírica e três quadras, com rima assoante nos pares.

- 1 *–Espantada, o abismo vexo*
7 *e adond’ela quer que vaya*
10 De novo é preciso manter *ventanil* “janelinha” por causa da rima.
11 *daránm’as sombras alento...*
17 *¡Señor!... darésme castigo,*

74. Para a vida, para a morte

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

- 2 e 6 *e para sempre en jamás,*
En jamás (em jamais) é decerto escusado e nada se perde tirando rípios. Ora, **é certo que** existiu como a redução da enfática forma plena *ainda jamais* “ainda nunca”, através de *endejamais*.

- 7 *quero ser vosa, e que seades*
Eis o tratamento de 2ª plural, diferente do anterior e posterior, de 2ª singular. Na altura do séc. XIX, perto de esvair-se o de 2ª plural, era fácil hesitar. Não cremos trair Rosalia ao nivelar este verso só.

- 14 *Mais eu sinto qu’è verdà;*
19 *Xuntos hemos de vivir,*
24 *estén pra sempre jamás...*
28 *e xá nunca a el volverá.*

75. Na tumba do general inglês Sir John Moore

Decassílabos sáficos sem rima.

2 *d'os verdes pinos, d'as ferventes olas*
6 *viu a caer, baix'enemigo golpe*
11 *Gustar d'a froita que coidad'houbera!*
13 *que d'o héroe a testa varonil coroan*
16 *ou arboredos que bordás galanos,*
21 *voso dixo ¡adios! con amorosas ânsias*
23 *que d'a sua mente s'escapaba inxele,*

O dialetal *inxel* é eco moderno de *singelo*, alterado por fonética sintática.

24 *¡Con que pesar, con que dolor sin nome*
27 *d'a patria, soyo, a eternidás baixaba!*
28 *Y o gran sillón, a colgadura inmóvil*
30 *a cinza fría d'o fogar sin lume*
32 *d'o pe d'o morto un-ha sinal visibre,*
38 *dond'el n'as tardes a sentarse iña...*
40 *c'o seu calado afrixidor linguaxe,*
54 *doridos din, desd'as nativas prayas...*
55 *–¡Aló esta él, tras d'ese mar bravio*
57 *tomb'onde naide vay chorar, cobexa*
60 *qu'os mortos aman si lexanos dormen*
66 *a seca pedra d'o mausoleo frío,*

Rosalía pôs decerto um *mausólio* para manter o ritmo de decassílabo sáfico, sob a aparência gráfica do cast. *mausoleo*. O lídim *mausoleu* não dá o ritmo. O que fazer? É preciso um sinónimo, o que se repete no v. 75.

69 *lle coup'en sort'os teus mortales restos!...*
72 *Que n'hai poeta, ensoñador esprito*
77 *d'o mes de Mayo as sonrosadas luces*
82 *¡Que ti n'escoitas en jamas, ou Moore!*
83 *choros amargos, queixumbrosos rezos,*

87 *Sô doce alento d'o cogollo qu'abre*

88 *d'a frol que mucha o postrimeiro adiose,*

A compreensão tropeça no verbo *muchar* “murchar”, aqui transitivo.

89 *loucos rebuldos, infantiles risas,*

Rebuldo é deverbal de rebuldar “retouçar, brincar”, de um vulg.

**rebullitare*, vindo de *bullire*.

91 *sin med'a ti tras d'o sepulcro branco.*

97 *cal rux'aquel que t'arrolou n'a cuna,*

98 *mora onda ti, ven a bicar as pedras*

100 *y arredor teu deixa crecé-las rosas!...*

105 *cal linda Dios a quixo dar –ben sabe*

111 *fixo fincar lonxe d'os seus y a alleos*

112 *vir a pedir o derradeir'asilo.*

114 *y o voso hirman a visitar vayades,*

115 *poñé n'a tomba o cariñoso oído,*

120 *El vos dirá qu'arrededor d'o mundo*

76. Qual graciosa meneias

Hexassílabos com rima nos pares

1 *Cal graciosa brandeas*

Brandear não é “brandir”. Cumpre pôr sinônimo apto, aqui e no v. 5.

6 *xentís d'os ameneiros;*

8 *de cor amarillento*

22 *uberta de xilmendros*

Gilmendro, sinônimo dialetal de *pêssego*, é provavelmente um pré-romano *SILO-MINDRON “fruto da pevide”, com paretimologia de *Gil* e *Mendo*,

24 *maxestuoso e lento,*

28 *antr'o romeu y o espriego,*

Arçã é sinônimo transmontano de *rosmaninho*, e *esprego*, um de *alfazema*.

31 *Mas ô que ten mal sino,*

Signo é aquí sinónimo de sina, obrigado pela rima.

38 *Romar*, ocasional verbo denominativo, substitui *romax*, apócope de *romagem*.

43 *Qu'inda tés fé...! Terála,*

45 *terála n'as espiñas*

53 *nunca tua sorte terca*

57 *que só o sono d'a morte*

60 V. 38

77. Sem terra

Quatro estrofes de três heptassílabos e um pentassílabo, salvo na terceira, que, em vez do pentassílabo, tem tetrassílabo. A rima é assoante nos pares.

Qu'alá por cabo d'as Trompas

Carlos Durão recorda-me parte da nota que Guerra da Cal pôs ao editar o poema: “*As Trompas* é uma travessa de Santiago que conduz ao cemitério de São Domingos, e pela qual passavam os enterros. Rosalia percorria essa viela com frequência para visitar as tumbas de seus filhinhos Adriano e Valentina, lá enterrados.” Está em: Rosalia de Castro, *Antologia poética, Cancioneiro rosaliano*, E. Guerra da Cal, Guimarães Editores, Lisboa, Coleção Poesia e Verdade, 1985.

78. Para alguns negro

Hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

Para uns negro, / para outros, branco; / e para todos, traspoleirado.

A quadra parece folclórica. *Traspoleirado* é “extraviado, fora de lugar”.

1 –Se astuto s'é que sabes,
 9 Ò agonizar ll'aconsellaba a un fillo,
 10 herdeiro d'os seus mals e de seu nome.
 21 E fixolle el as honras,
 23 crego non houbo ô rededor, que â probe
 24 o enterro de limosna lle cantara.
 33 e s'ela tiña santidá e concencia,
 34 esprenca el tiña e sabidá d'abondo.
 37 ña nay, fareille ben a quen cho fixo...

79. Tristes recordos

Tercetos de heptassílabos com rima consoante nos ímpares e um dístico final.

5 con perdon d'el, pois n'é modo
 6 aquel de queima-l-a xente,
 7 e secar con tales brios
 8 a probe inxeliña pranta,
 13 ¡A donde vin a parar!
 19 Mentras que a terra, ¡bon Dios!...
 24 Jamas as facedes mal?
 26 mais fixecheos, Dios crememente,
 27 soyo para os castellanos.
 29 cada conexo ô seu tobo,
 30 cada yalma ô seu cariño.
 34 E namentras, contemplaba
 39 d'o puebro o color queimado.

45 Coragem aqui tem ainda o clássico valor de “ira”, antiquado em geral.

52 ¡Dios mio, que ansia cativa!
 55 Lembranzas d'a terra hermosa,
 63 Acorar cobrou nas falas galegas, entre outros, o valor de “ofegar” e “afligir”.

- 70 *De polvo e sudor cubertos*
 72 *Aqueis, irregularidade inevitável, tem antecedentes.*
 79 *Peguei os ollos e vin...*
 87 *ouveronme de levar.*

80. Meses do inverno frios

Um cume da lírica rosaliana, doce na melancolia, sobretudo na primeira estrofe, digna de perviver na língua. São quatro quadras de hexassílabos, cada uma com diferente rima consoante *abab*.

- 6 *imaxen d'a delor,*
 Rosalia perdoe a tradução. Trás longa hesitação, pomos *metáfora*.
 9 *Chegade, e trás d'outono*
 10 *que as follas fai caer,*
 15 *que alume o meu reposo,*
 16 *xa non o meu sufrir.*

A busca de um sinónimo de *sofrer* da 3ª conjugação levou-nos para *afligir*. Não há remédio perfeito.

81. Era no mês de Maio,

Hexassílabos e decassílabos com rima muito variada.

- 8 *e d'as tardes sorrintes e douradas.*
 9 *Cand'o mar está azul, o ceo sereno*
 16 *sorrí os mortais c'a alegre, esplendorosa*
 17 *sorrisa virxinal d'a primadera*
 20 *que asi a sorte o fixera,*
 22 *d'a sua propia tristura*

Sua soa numa sílaba, o que contraria a ortoépia que aqui é valor principal.

- 23 *tan soyo vê, d'a primadera hermosa,*
 29 *en que parés que os anxeles cantaban,*
 36 *â vista d'os nubeiros sabidores*

Os *nuveiros sabedores* são os demos do ar que governam tormentas, trovões e raios, a mais arcaica versão da *Companha*. Ecoam os guerreiros de Táranis na mitologia céltica, logo da 2ª função de Dumézil, com o acréscimo curioso de na Galiza terem sido *escolantes* ou *escoleres*, seres que perderam o siso à força de estudo, ganhando assim leveza, rasgo da 1ª função que parece vir da história bíblica do anjo caído.

44 *que dendes qu'é non sabe*
47 *dond'a crudeza dá delor acabe.*
50 *ô rededor d'o acongoxado esprito,*
51 *pra derramar en el santos consolos*
52 *que nos trás d'o infinito,*

Trazer teve e tem muitas variantes populares: *trás* ou *trais* “trazes” por caso. A presença de *trais* no resto do domínio aconselhou preferi-la aqui.

53 *¿en donde, en dond'estabas*
60 *¿Dond'estades, en donde?*
62 *soyo, en loita co'as ansias d'a agonía,*
63 *orfo vos chama, e nadie lle responde?*
69 *cal si tras de tan fonda sepultura*
72 *d'o liquido cristal hastra tocalo,*
78 *m'arrancache astr'os soños d'a esperanza,*
80 *vou a crebar o brazo poderoso,*
83 *¡E ti, mala pasion qu'en min te cebas*
84 *e foches o meu Dios y o meu castigo,*
87 *c'as suas crins espumosas,*
91 *que houbera n'o seu peito encomenzado.*
96 *d'un invisible ser a fala hermosa*
100 *d'a tua vida, cobarde centinela,*
102 *d'a eternidade descorrê-l-os velos!*
106 *antes que Dios ch'a pida.*
113 *a sofrer, y o teu crimen á pagare.*
120 *con impracable craridá leerías*
121 *a traizon alevosa, o olvido amargo*

122 sin velo qu'os crubir, nin finximento.”

82. Que tem?

Eneassílabos e pentassílabos com rima assoante nos pares.

1 *Sempre un jay! prañideiro, um-ha duda,*

3 *É un-has veces á estrela que brila,*

Como eneassílabo, por ortoépia põe-se às vezes.

6 *é que abrochan n'os campos as frois,*

Pela rima opta-se o arcaico e popular fróis “flores”.

7 e 8 *y é o vento que zoa,/ y é o frio, é a calor...*

Para guardar a medida dos pentassílabos chega tirar os artigos.

9 *E n'é o vento, n'é sol, nin é o frio,*

83. Tu, feiticeira e branca como as neves,

Decassílabos e hexassílabos de rima assoante nos pares, laboriosa pelas hesitações da língua nesse tempo e lugar.

1 *Tí, a feiticeira e branca com'as neves,*

8 *O mas que das edições é gralha tipográfica por mal que.*

11 *O tempo das Corinas decalca o de Maria-Castaña* com a grega Korinna, poeta muito menos conhecida que Safo. Ao substituir, Rosalia mostra a sua busca feminista de criadoras literárias. *O de Maria-Castaña* parece ter inçado desde a Galiza o estado espanhol (*Maricastaña*), mas o caso é ainda obscuro.

18 *qu'é salsa apetitosa d'as pasioes.*

O sal apetitoso é próximo no som e não altera gravemente o sentido original.

84. Ruínas

Hexassílabos e decassílabos, os mais heroicos e alguns sáficos.

- 3 *o pè d'o endebre muro,*
4 *Vella defensa e límite d'un puebro.*
16 *Antre polvo de altares o esqueleto.*
20 *a borralliña os ventos xá barreron;*
22 *e columnas, as pedras van caendo,*
26 *se desprenden d'a ponla onde naceron,*
A perda da rima do falar original é inevitável aqui.
32 *d'outro farto raudal, limpo e sereno!*
38 *dà un-ha campana sospirando resos;*
60 *baix'un de nubes pudoroso velo.*
62 *un momento despois; así os xa restos*
68 *d'as amarelas ponlas van caendo,*
76 *d'a mocedá é recordo pasaxeiro.*

A sinalefa das vogais tónicas, possível em castelhano, entre nós não é.

- 77 *Ti soyo non acabas*
78 *¡Ou esprito que ximes n'un encerro!*
81 Sinalefa irregular no encontro de *Quedará o...*
82 *d'a tua esencia inmortal anacos feito,*

De novo *tua* é monossilábico. Logo invertemos a ordem com o mesmo ritmo.

- 86 *voarás lixeira d'o manchado suelo,*
Ceno guarda a rima com certa sinonímia.
87 *qu'as tuas alas tocaron*

85. Chirrar dos carros da Ponte,

Heptassílabos vários.

- 3 *Cando vos oyo partídesme*
5 *Cebileiras qu'is e vindes*

- 9 *Qu'unque din que os mortos n'oyen,*
 11 *penso, que anqu'estén calados*

86. A bandolinata

Pentassílabos com rima assoante nos pares.

- 17 *Calmouse o meu dore*
 23 *namentras inmoble*
 26 *d'edades leixanas,*
'fastadas é aférese obrigada pela rima.
 35 *send'eu quizais reina,*
 36 *quizais send'escrava,*
 38 *d'o pazo â ventana...*
 46 *cales recordanzas*
 48 *d'as presentes ansias?*
 52 *naid'os espricara;*

87. Brancas virgens de cândidos rostos,

Eneassílabos anapésticos, tetrassílabos e pentassílabos. O 5 pode ser decassílabo ou a soma de tetrassílabo e pentassílabo. Os 3 e 4 também podem ser tetrassílabos ou um eneassílabo de ritmo diverso (1^a, 4^a, 6^a, 9^a). Esta análise só procura o ritmo profundo. O arranjo gráfico procura respeitar a edição tradicional e as considerações precedentes.

- 8 *n'a concencia ¿quen sabe á escondidas,*

88. Vaidade

Eneassílabos e heptassílabos com rima assoante nos pares.

- 4 *e hastr'ô morrer ter fachenda.*

Fachenda é “jactância, vaidade”. Do it. *faccenda* pelo cast., que primeiro foi adjetivo, “o que faz que faz muito”.

- 5 *¡Vanidá! ¡canto vals antr'os homes*

- 6 *qu'hastr'as portas d'a morte penetras!*
Hastra é cruza o dialetal e átono *atra* com o cast. *hasta*.
 7 *Mas des que cân n'o burato,*
 8 *todos iguales se quedan*
 9 *y o polvo, ô polvo se torna*

89. À pressa, Álvaro de Anido,

Oitavas de sete heptassílabos e outro verso curto, tetrassílabo ou pentassílabo.

- 11 *monta n'a locomotora,*
 12 *sube n'os grobos aéreos,*

Este *sube* não é castelhanismo, mas um arcaísmo. Como em Camões, as falas galegas mantêm o velho timbre fechado no imperativo singular.

- 13 *e c'o á centela recorre*

90. Dizedes que o matrimónio

Quatro quintilhas de heptassílabos de rima consoante *abaab* nas três primeiras e *aabba* na última.

1 Na Galiza duram as formas não contractas da conjugação, mas algo menos do que o diferencialista reflexo literário deixa supor.

- 2 *E santo e bueno, serayo,*
 12 *de quen tès tantos escritos*

O tratamento muda aqui de 2ª pl. para 2ª sg. Pelo que segue quadra nivelar.

- 13 *E alabas de varios modos,*
 14 *quixeron nn'aquezes lodos*
 18 *eres tentazon d'o inferno,*

91. Agora cabelos negros,

Além do tom pessimista, o poema tem aparência de folclórico. Heptassílabos.

4 *mañan chavellos querbados,*
Chavelhos nos falares galegos é “dente grande que sobressai”.

92. Permita Deus que te vejas

Heptassílabos de rima assoante nos pares.

2 *cal as cóbregas arrastro,*
O dialetal *cóbrega* virá de um adj. vulg. **colobřica* [*serpēns*].
5 *que pidas e non atopas*
6 *Acougo* é palavra restritamente galega para “sossego, repouso”.
7 *e qu’inda morto de fame,*
10 *mentras qu’eu me vou marchando,*
Marchar “ir-se embora” é castelhanismo arraigado que progrediu
muito.
11 *Pragas de malas mulleres,*
12 *Nunca lle cân os soldados.*

93. Tenho um mal que não tem cura,

Quadras de heptassílabos de rima consoante *abba*, que não sempre pôde manter-se nesta edição (por caso, entre os versos 5 e 8, 6 e 7,).

4 *levarám’â sepultura.*
5 *Curandeiros, ceruxanos,*
6 *...en medeciña,*
12 *pois para min n’â han de ter,*
13 *¿Qu’o dudás? duda non cabe*
16 *O castelhanismo xarabe “xarope” é difícil de escusar.*
18 *verdás que sabés de sobra?*
20 *vede de curarme, a migo.*

Edições posteriores inseriram o *amigo*, que muda o interlocutor (antes plural, *os médicos*) para singular. O que pôs a autora? O chiste verbal: *comigo e sem migo?*, ou o simples **a mim*, que não é rima consoante? É preferível o plural, apesar da rima consoante.

94. Sarna com gosto não pica

Heptassílabos com rima assoante nos pares

2 *El*, em vez do normativo *ele*, é bastante geral nos falares galegos.

5 *Non é sufrir chorar sangue,*

7 *d'él vivir lonxe, e olvidado...*

95. É verdade que um pode

Quadras de hexassílabos de rima assoante nos pares, e às vezes nos ímpares.

5 *Teus pais eran xitanos,*

6 *e ti oxe eres marques,*

7 *masque... que o fin y ó cabo,*

8 *un ven de donde ven.*

11 *que si non come os pitos*

Pito é a forma arcaica e galega de *pinto*.

14 *n'a feira d'Asuncion,*

Perde-se aquí a rima, mas mudar não parece possível.

18 *cal querendo decir:*

19 *–Rasquese a quen lle proia*

Rascar aqui vale “coçar”. Substitui-se o inexistente conjuntivo *proia* (se não fosse defetivo, seria **prua*) pelo indicativo *prui*.

96. Fazes versos... ai que versos!

Sextilha de heptassílabos com rima assoante nos pares. Epigrama dependente do léxico coloquial.

- 1 *Faz uns versos... ¡ay que versos!*
- 2 *Sopra-mocos* “bofetada, sopapo” decalca o cast. *soplamocos*.

97. Treme um neno no pórtico húmido...

Estrofes várias de eneassílabos e pentassílabos com rima nos pares.

- 1 *Tembra un neno n'húmido pórtico...*
- Edições posteriores põem ...*pórtico húmido*, com hiato mais plausível.
- 3 *ten o sello, o seu rosto de anxel,*
- Este verso pede hiato entre *de* e *anxel*. Parece bem pôr o diminutivo.
- 4 *ind'hermoso mais mucho, e sin brillo.*
 - 9 *pois parés que ll'os cortan cóitelos*
 - 10 *Aceirados fios* “gumes de aço”.
 - 19 *E mentras que el dorme,*
 - 22 *fariseyos, os grandes d'a terra,*
 - 27 *¡Señor! Dios d'o ceo!*
 - 29 *¿Por qué hay orfos n'a terra, Dios boeno?*
 - 30 *Mais n'en vano sellado está o libro*

Nesta edição deve tocar-se *vano* e o hiato trás *está*, para manter metro e ritmo.

98. Calai!

Três quadras e uma quintilha de pares de hexassílabos postos numa linha como se fossem alexandrinos. Prova-o a segunda linha, cujo primeiro hexassílabo acaba num proparoxítono. Mantém-se a disposição pelo ritmo que a autora quis.

- 4 *que sô con nos comparten seu prácido folgar.*

Rosalia ou o editor? Ela tinha sentido idiomático suficiente.

8 *que só ôs qu'aquí naceron, lles dan falas d'amor.*

11 *cores de brilo soave, de transparencia húmida,*

14 *que vos quentás á llama de vivos luniars,*

15 *e só vivir vos compre, baix'un ardente sol;*

16 *calá se n'entendedes encantos d'estos lares,*

99. Minha casinha, meu lar,

Narração em heptassílabos com rima nos pares.

Desconheço estudos sobre os versos glosados. Cuido que não são folclóricos. No início há um heptassílabo com dous tetrassílabos. Como numa peça musical, o fim diminui o metro, de heptassílabos para pentassílabos. *Meu lar, meu fogar* é também pentassílabo, que folclórico não pode ser pelo castelhanismo *fogar*. Pondo *lar* duas vezes vai-se o paralelo de *em todo o lugar*: / *meu lar, meu fogar*, de medida igual e rima consoante. Aceitar *fogar*? É castelhanismo, não paragonável perante o nosso *lar*, mas foi aceite no dicionário de Vieira.

O problema grave numa edição desta natureza é *val's* por *vales*. A forma correta não rima. Se se substitui pelo objetivo *val*, apócope de *vale*, temos rima mas sem a expressividade do vocativo que personifica o lar e o põe de interlocutor. Não sei de uma solução melhor, não sendo esta edição crítica.

3 *Descalciña de pé e perna,*

7 *y anque ganas tiña d'elas*

9 *Mesão* “pousada” é um galicismo do castelhano estendido ao falar galego.

15 *Frangulha* “migalha” tem parentes no Norte. De *frangere*.

18 *qu'era aquel moito aunar.*

O último verbo é o cast. *ayunar*.

23 *Bagulha* “lagriminha” regista-se desde o séc. XVIII. Diminutivo de *bágu*, de étimo discutido.

24 *que me for'a avergonzar.*

27 *Burato* “buraco”.

29 *Atopei fariña munda*.

A locução *farinha munda* “f. moída” é o último abrigo do participio irregular de *moer*. *Molita* > **móleda* > *mõida* > *mũida* > **mũda*.

32 *Puxenm’á Dios alabar*;

33 *quixen alcendé-l’o lume*,

36 *tampouco m’o quixo dar*

46 *e fieitos a Dios dar*.

47 *¡Meu San Anton milagroso*,

53 *um ichavo d’a fortuna...*

Ichavo é o mesmo que *chavo*, e os dous velhos castelhanismos arraigados.

60 *un-has coles fun catar*.

62 *qu’o bem sopen aforrar*,

65 *Fixen um caldo de groria*

66 *que me soupo, que la mar*,

La mar, expressão castelhana para “muitíssimo”, deve traduzir-se. Interessa destacar que no original o intransitivo *saber* guarda o valor latino “ter sabor” que em português comum só dura complementado com *bem* ou *mal*.

67 *fixen un bolo d’o pote*

72 *puxen a roupa a secar*,

74 *d’haber tanto me mollar*,

É incompreensível na primeira edição. Talvez se cruzaram duas construções sem decantar-se. Propomos o que menos altera.

75 *N’antramentras me secaba*

76 *puxenme logo a cantar*

77 *para que m’oiran*

100. Soberba

Quadras com rima nos pares. As oito primeiras são de eneassílabos com poucos tetrassílabos e pentassílabos. Os versos 6 e 26 são hendecassílabos; obscurecido o segundo pelo proparoxítono *lôstrego*, emenda dos editores por *lustro*. As três últimas quadras, do diálogo entre a mãe e o filho soberbo, são de heptassílabos com rima consoante *abab*.

1 *Cor de promo amontonans'as nubes*

4 *vem o huracan.*

5 *¡Que cargado está o ceo e que triste,*

6 Hendecassílabo.

8 *qu'hay tempestá.*

9 *Cabalgando n'as alas d'os anxeles,*

12 *Lostregar "lampejar"*

13 *Nove follas d'olivo queimemos*

14 *por que alexen de nos todo mal,*

21 *¡Santo, santo! din todos a un-ha*

25 *Mais os tronos afunden os ceos*

Não é preciso dizer que este *trono* é o corpo de *trono* "assento principal" na alma de *trom* e *trovão*, logo um decalque do castelhano *trueno*.

26 *e cega d'os lóstregos o brilo fatal*

A maior frequência galega de *lôstrego* perante *lustro*, os dous "relâmpago", terá determinado a emenda editorial deste por aquele. O génio de Rosalia não cairia na falsa medida.

28 *de tempestás.*

29 *El Señor est'airado... ¡incrinemonos!*

A prosódia pede hiato trás *está*. Cumpre pôr *está* por *é*.

30 *¡Ey! malvados d'a terra tembrai,*

A rima, que tolhe pôr *tremei*, pede sinónimo da 1ª conjugação.

32 *que contar há.* É igual *o que contará, o que poderá contar*, sem consciência da equação histórica.

33 *Nha é aférese de minha.*

35 Há hiato entre *pecado* e *ela*, pausa necessária que cabe grafar com vírgula.

36 *Virá un rayo a darlle morte?*

Virá um não admite sinalefa. Chega tirar *um*.

37 *–S'ela non fixo pecado,*

38 *mal cristiano, ti o fixeche,*

42 *paga, decí, o qu'eu pequei?*

43 *–Pagas ti, morrend'ela*

Hiato entre *morrendo* e *ela*? Falta uma sílaba, e custa crer que seja pela mão de Rosalia, de tamanho gênio técnico. A meu ver é grafia tipográfica. Vem-se supondo o hiato. Mas as primeiras edições trazem *morrend'ela*, com elisão que não sabemos de que mão é.

101. A pobrinha que está surda!...

Narração em heptassílabos, de grande interesse folclórico.

1 *“Alá enriba d'a montaña,*

2 *sai fume das chamineas...*

Fume é arcaísmo galego, coletivo conforme o étimo, o plural *fumī*.

Outro é *chaminea*, castelhanizado na desinência, que contudo deve ficar pela rima.

10 *De sei-ca,* vejam-se as notas 10, v. 19, e 59, v. 14.

13 *Compango* é “conduto, presigo”.

17 *Dempois, quentaráste a un lume*

19 *e cando xa estás ben quente*

22 O itálico da *costa do mar de ovelhas* nota o cariz folclórico da frase. Ignoro o exato sentido. As ovelhas reais são as espumas do mar montês tal qual a *carneirada*, os *carneiros* do mar, são as espumas reais. Passa-se da “beira-mar açoutada” à “encosta de pegureiros”. O mar de *carneiros* era no mito o princípio do mundo, âmbito do velho deus indo-europeu *Janus-Heimdallr*, o céltico *Esus-Ogmios*. Rosalia situa subliminalmente a historieta no tempo eterno do folclore, comutável com o primordial da mitologia.

25 *Mentras tanto o sol d'a tarde*

26 *tras d'os pinares se deita*

27 *y aluma con tristes rayos*

30 *Savã* é arcaísmo por “lençol”, com deslocamento do tom.

Também sava.

32 *que soaves brisas ourean.*

Ourear é “arejar”.

35 *color d'ouro, qu'o postreiro*

44 *polas llanuras etéreas.*

46 *tod'arrededor, apenas*

47 *s'acerta, o que ô mais conoça,*

Além do *conoça*, há erro dos tipógrafos no ô inecessário.

74 *y o zuruxano d'as bestas.*

77 *que si bem lle da ô pandeiro*

A crase é irregular em *dá ao*. É melhor mudar tirando.

84 *Anqu'algun mais vir quixera.*

86 *Mais de nove ulind'a festa,*

Usmar é arcaísmo por “farejar”.

91 *por arrobas, e se fan*

98 *Canela*, como em cast., quer dizer aqui “cousa fina, da melhor qualidade”.

102 *e sabroso como fresas.*

Fresas é castelhanismo por “morangos”. Autóctones são *morodos*, *amoro-dos*, *amorotes*, *morogos* e também *morangos*.

109 *qu'inda é muito mais sabrosa*

112 *trouxeron as panadeiras.*

120 *Asi às mozas com'às vellas;*

A sinalefa impossível pede pôr *tanto* às.

122 *pois falan em todas lengoas*

Se *línguas* é sinónimo gracioso ou urgente de *lérias*, é difícil sabê-lo decerto. Esta edição impõe recompor a língua, mantendo sentido, ritmo e rima.

135 *¡Ju-ju-ru-ju! Y aturuta*

136 *hastra enxordece-las pedras,*
141 *e din os probes, botando*
143 *¡Quen ch'hoxe andivera fora*
144 *c'a tripa toda valdeira!..."*

Baldeiro cobrou localmente o sentido de “vazio”, não de “vadio”.

151 a 170 Eis o melhor documento escrito da luta tradicional galega, que o tempo varreu no cabo do séc. XIX, e que aparentemente agora se quer ressuscitar.

152 *Dan encomenzo as peleas,*
159 *Fanlle os mozos cada magoa*
166 *–¡Si fixo trampa!... –él contesta*
171 *E mentres que n'esto están*
176 *respond'un-ha voz qu e tembra.*
178 *qu'está chovendo e lostrega?*

Lostregar é “lampejar”.

179 *–Vaya con Dios, xa ven tarde,*
192 *Vaya con Dios, qu'outra aldea*
194 *–Vaya con Dios, non sea terca,*
200 *Vosté qu'é tan limosneira*
205 *que tos... Dios me valla... brrr...*
221 *que non mente!... vaya, vaya,*
222 *adentro... / –Santas y buenas*
223 *noites teñan mis señores...*
226 *d'hoxe n'un ano aqui os vexa.*
245 *segun di, n'o mellor sitio*
247 *Um mando de lume = braçado de lenha.*
248 *pr'ond'ela está. / –¡Ey, miña vella!*
250 *aquí: ¡que comenceira!*

Comenenceiro, dialetal e moderno: “que se aproveita egoistamente quanto pode, sem muito dissimulo”.

254 *(sorrindo reprica ela*
260 *¡Poche! c'o xuncras d'a vella!*

Poche, *pucha* e *puxa* são interjeições de alegria e encômio irônicos, vindas do cast. *ah hi de puta!*, como já notava o P. Sarmiento. *Juncras* passa por eufemismo de Judas, mas na verdade ainda não tem etimologia certa, talvez adaptação do prov. ant. *jonglars* “jogral”, para Coromines.

271 *querense rir... ¡ay Dios mio!*

272 *Pero a fam'elle moy negra:*

275 *e ireino raspando á modo*

283 *porqu'onde queira qu'a atopo*

284 *gustame sempre a sabencia.*

287 *â salú d'as montañas–*

288 *Â salú d'as montañas–*

290 *Calhos* é o guisado de tripas em galego e castelhano. Creu-se de etimologia castelhana pela facilidade do étimo *callum* e o português comum hoje não dizer assim. Mas devera acautelar o castelhano alterar a constante semântica que faz que em toda a parte se nomeie o guisado com o nome das visceras do abdome. Na verdade, *calhos* não é castelhanismo em galego, ao invés *callos* em castelhano é galecismo fixado com a ajuda paretimológica do local *callo* “calo”. Para prová-lo chega saber se *coagululum* existiu na Galiza com valor de “abomaso, estômago coagular de ruminantes, coalheira”, a par de “substância coagulante”, que ao se espalhar fez a ruína daquele, próximo e logo ambíguo.

O cast. *cuajo* é tanto abomaso quanto coalho; os moçarábicos *quwályo* e *qályo* (Aben Buclárix) são a coalheira dos camelos. Longo fora notar que fr. *caillette* e it. *caglio* dizem o mesmo. Nos falares galegos, fora este caso, há rastros de *calho-coalho* “abomaso”? A locução *ter calho* é próxima da de “ter valor”, o que em muitas partes se diz *ter tripas*, *ter estômago*, com matizes. Similar é o cast. *tener redaños*. Bem que *ter calho* domine, também se diz *ter calheira* e *ter calheiro*, o que já faz uma equação. Na Galiza chama-se de *calhoa* a uma “mulher preguiçosa, que não faz nada”; antes seria “ventruda, barriguda” e depois “que não bole pelo peso da barriga”.

Do passo de Mateo Alemán, onde primeiro aparece *callos* em castelhano, Coromines deduz *callos* ser as partes duras dos intestinos (DCECe

H, I 773). Sinto o filial incómodo de entender o contrário: “revoltijos hechos de las tripas, com algo de los callos del vientre”.

295 *Pelejo* é castelhanismo arraigado para “coiro”.

297 *ll’arregañou, y ô outro día*

298 *xa estaba tan peneireira.*

102. João

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

1 *João, Jão*, tem popularmente, entre outros valores, também o de “*infeliz, sem espírito*”, sem muita carga depreciativa.

2 *Xan vay á compoñer cestos,*

É dúbio se neste verso e no seguinte há futuro popular perifrástico ou perífrase de ação imperfetiva, equivalente a *vai (re)compondo*. Certo que noutras vezes parece haver confusão em Rosalia. Optamos pelo mais direto.

3 *Xan vay a podá-las viñas,*

Aqui, pela distância, opta-se pela galega perífrase *ir em*, par de *estar em*.

10 *Xan, en fin, é un Xan compreto,*

14 Pedro é um dos nomes populares do raposo, que aqui tem valor estrutural.

15 *Pepa, Pepe*, hipocorísticos de *Josefa* e *José* no estado espanhol, vêm mediatamente do catalão *Pep*, de *Josep* [žuzep]. Foi tão prestigioso que passou ao it. *Giuseppe*, em vez dos esperados **Giosefo*, **Giosepo*, geminados ou não.

24 *Maçãzeiro* é castelhanismo no género masculino, mas inescusável na rima.

30 *chega cansado e famento*

Pela rima *e-o* pomos o velho *famiento*, étimo do português comum *faminto* e do galego *famento*.

31 *ela x’o espera antr’as mantas,*

45 *De vagoas s’enchen os ollos,*

46 *de Xan ô ver tales feitos,*

103. O encanto da pedra chã

Hexassílabos e decassílabos em estrofes diversas, em geral com rima consoante.

Conto de riqueza ímpar, mistura elementos populares tradicionais com memórias de pesadelos decerto sonhados. A visão da psique profunda tem avançado muito e hoje pode salvar as interpretações reducionistas antes tentadas ao estudar Rosalia. Quiçá pronto leremos análises deste material arquetípico que decerto superarão as obviedades que a autora decerto ultrapassava conscientemente.

4 *dormian os meus anxeles n'a cuna,*

O lat. *cuna* pode sair em texto poético, obrigado pela rima.

7 *soya sain em busca d'a fortuna*

O arcaico *soa*, bissílabo, é forçoso pela medida. Só com um rípio manteria ambíguo o género da voz a falar até o verso 14.

10 *mais d'o que solasmentes eu sabia:*

20 *d'as inquitús d'o amor, asi eu sentia*

23 *Por eso dand'ô olvido*

24 *as penas que m'ouberan consumido*

25 *dendes de que nacera,*

33 *Tal como a neve albeas,*

A rima com *moreas* robor a posição do tom. *Alveiras* não dá consonância, mas guarda medida, cor, ritmo e sentido.

36 *xa em raro, xá as moreas,*

A pronúncia reta pede evitar os *já* tónicos, que estragam a medida.

37 *cal pint'a branca nube o ceo sereno*

38 *briland'ó sol, pintaban o paisaxe*

43 *a anxeliño tocaba*

44 *en un lugar veciño,*

51 *despaciosos cantaban;*

52 *e aqui á fonte corria,*

53 *ala n'un-ha canteira resoaban,*

59 *“¡O fin sorte cansache!*

62 *dándome sô o d'as ansias e as peleas,*
 63 *cal a aqués que ben queres*
 64 *ora darasmo en gustos as mancheas.”*
 65 *Esto eu iba dicindo,*
 67 *mentras que camiñaba*
 77 *Codessa está por codessal ou codesseira.*
 79 *en ond'a amañecida o corbo pousa,*
 81 *coa sua pruma enrisada n'o sombreiro,*
 85 *c'un modo loumiñeiro*

Alouminhar, alouminheiro são variantes locais de *louvaminhar*, etc., todos do lat. *laudāre*, mas com incerteza na desinência. Mesmo se ignora ao certo se é primeiro o verbo ou o nome *louvaminha*. Aparece em Martim Moxa: *louvamñares* “cantigas de louvaminha”, no séc. XIII. Coromines cria virem da locução provençal *lauza amia* “louva a amiga, amada”, mas poderia vir do baixo-lat. galicano *laudemiare*.

87 *¡El é! dixen ó punto temerosa...*
 99 *pois antr'ansiosa y-adusta*
 100 *pois antr'ansiosa y-adusta*
 102 *cal palomiña vay tras d'a candeia.*
 105 *que s'abreu, como s'abre d'o granado*

A romãzeira galega é *milgrada* ou *milgranda*, aqui *milgrado* pela rima.

110 *E fun cal folla inxel c'a encalmada*
 112 *a arrastra n'as suas auguas cristaiñas*
 117 *ôs abismos d'a mare tormentosa.*
 É preciso traduzir esse *mare* paragógico e feminino.
 123 *ali os meus ollos viron, e prendados*
 130 *E n'a lumieira y antr'aberta porta*
 137 *–Aqui Dios, aqui as dichas d'o universo*
 139 *aqui o que á maxiñar nunca chegara,*
 Ao repôr o hiato em *aqui o*, é preciso trocar (i)maginar em *sonhar*.
 146 *ô par que m'alentaba á fantasia*
 154 *soyo pensey en abarcar n'un punto*

Pela rima é impossível pôr *ponto*. Destaca-se em itálico.

163 *dixen seguindo ô hermoso cabaleiro,*

164 *–Xa que vos atopey tan lisonxeiro*

167 *–Por onde vos querás, reina e señora,*

168 *contestou gasallos*

173 *pó-los mals que nos deixan e deixamos,*

Esse duro *mal's* pede conserto. O difícil é encontrá-lo.

174 *y os bês que nos sorrin dend'alborada*

180 *y hastra o líquido fresco e cristaiño*

195 *e inda enriba de min, feras volveno*

Volveno pede uma cirurgia cruel, só possível neste tipo de edição, não crítica que privilegia a língua. A rima com *veneno* exigiu uma verdadeira tradução, mesmo mudando o lugar do verbo principal. A alteração atinge à *maldecida* do verso 197. Eis os dous textos:

*Cain, cain ferida
e casi-que sin vida,
e inda enriba de min, feras volveno
c'o seu mortal veneno
un-ha y outra serpente maldecida.*

*Caí, caí ferida
e quase que sem vida,
e inda em riba de mim neste comenos
cos seus mortais venenos
uma e outra serpente revertiam.*

196 *c'o seu mortal veneno*

197 *un-ha y outra serpente maldecida.*

203 *que n'o confin lexano se trasvia*

204 *cal se trasvé nn'a tarde morimunda*

206 *veu contrubar á miña mente inxela.*

207 *Y ali enriba d'a lousa*

208 *em dond'a amañecida o corbo pousa,*

215 *“Coma ti, mal tesouro,*

Nas falas galegas *como tu* sói dizer-se *como a ti*, com o pronome de termo de comparação na forma oblíqua. *Quōmodo* só deu *como*, mas o analógico *coma* estendeu-se no galego oficial acastapado como forma única. Nascido por analogia do *ca* comparativo, que é que tem lídimio étimo latino: *quam*. *Coma* não tem; ao certo é *como a*. O falante sente-os analisáveis: *como a* e *que a*, que pedem pronome oblíquo. A pouca

frequência de *como a* – não geral na língua coloquial, e expandido pela normativa castelhanizante na forma *coma* –, a menor de *ca* e a ordem dos valores, requerem banir *coma* mesmo na transcrição de falas locais e usar sempre *como*. Para refletir o uso local melhor será escrever *como a*. Resta o caso de *ca*. De momento, pendo a deixar *ca*, antepondo o diacrônico ao sincrônico.

217 *e que a cubiza alaba,*

218 *son os encantos todos terreales,*

Pela rima e o metro é preciso pôr tudo em singular, mudando a ordem dos elementos, mas mantendo o sentido e o ritmo.

219 *a tan grandes pracers, tan grandes males.”*

Aqui com o empecilho desse *prazer's* bissílabo, impossível de manter.

104. Tanto e tanto nos odiamos,

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

6 *tamen marchar, e di o crego*

Marchar tomou em galego o sentido de “ir-se embora”, paralelo ao do cast. *marcharse*. Mas a vizinhança semântica não tolhe a comunicação.

11 *Que si ti estas ond’a Dios*

12 *eu penso d’ir xunt’o demo.”*

16 *Comesto* é arcaico participio irregular de *comer*.

19 *Mas din qu’o difunto y ela*

Diz-que tenta retomar o antigo sentido impessoal: *diz* [a voz popular] *que*.

21 *man á man, e codo á codo*

Côvado “cotovelo” é forma medieval e galega.

23 *–¡Conqu’estás aquí? lle dixo*

26 *xa que ti estás ond’o demo.–*

36 *ond’el este, meu San Pedro...*

42 *¡Como estades satisfeito!...*

47 *a muller vaya onda o home,*

48 *Al infierno, anda al infierno*

O verso castelhano nota uma equação, mais ou menos subliminal, entre São Pedro (= hierarquia eclesiástica), valores masculinos e cultura castelhana. Cumpre traduzir.

49 *con él, por sempr'en jamás!*

52 *Ceivo e ceive*, talvez de *caelebs*, é “solto”, e também “solteiro” como aqui. Ignorava o séc. XIX os Evangelhos sinópticos falar na sogra de S. Pedro? Não é crível; logo cumpre vê-lo como ironia, também presente no 62.

58 *Pois vé qu'eu tamen as quero.*

Regulariza-se de novo o tratamento, quase sempre de 2ª do plural.

62 *segun pedrican os cregos.*

Os cregos a negar a transcendência é nota de humor que acorda com o celibato de Pedro. Além da ironia, pode haver outra olhada mais profunda. Na visão dumeziliana, os cregos (clérigos) são arquetipicamente os letrados ou sábios da sociedade, seus guieiros, em cada época definidos por ela mesma. Na consciência ilustrada do séc. XIX pairava o materialismo; logo cá seria uma lídima *burla vera*: *Segundo pregam os clérigos hodiernos, os letrados da nova filosofia, os filósofos materialistas.*

64 *eu y o meu home, e por certo*

66 *pois son terca, si sòs terco.*

Terco, caduco na mor parte do domínio, existiu na língua antiga e é topónimo na Madeira. Vem do fundo céltico e sobrevive nos falares galegos.

68 *pois xurei non ir ô inferno*

73 *¡Me vayas! que xá estou d'eles*

A meu ver, Elvira Souto Presedo atinou ao supor a elipse de *não me vás...* e o sentido de recusa.

74 *hasta a punta d'os cabelos.–*

78 Gal. *boh!*, *bah!*, vêm do cast. *¡bah!*, interjeição de menosprezo, vinda de *vá*, 3ª pess. sg. do pres. conj. de *ir*, antiquada no castelhano e nos falares galegos sob o seu influxo, e substituída pelo bissílabo *vaya*

(e *vaia*). O menosprezo está em razão direta ao olvido da origem verbal. Menos evoluídas neste processo são as interjeições galegas *vaite*, *vaites*, *vaiche*, *vaiches* e a cast. *vaya*, onde inda transparece a origem e a ironia supera o menosprezo. No fundo o que há são locuções do tipo “vá por Deus”, para despedir um esmoleiro. A atual ortografia castelhana surge no Marquês de Ribas (inícios do XIX), cf. Coromines. A forma etimológica (ainda verbal, mas já interjetiva) vê-se no final do *mamotreto* III de *La Loçana Andaluza* (1524), de F. Delicado: “va, va, que en tal pararás”.

81 *Fora d'aquí... e¡pum! botouna*

82 *direitiño cara ô inferno.*

83 *Qu'o xurei! Xa o teño dito...*

86 *aqui estou, e aqui me quedo.*

89 *nin si foi porqu'a oise Dios*

90 *ou porque n'a quixo o deño.*

95 *encelando namorados,*

98 *¿Porque n'a levou San Pedro?*

101 *Poñélle a figa, mociñas,*

103 *qu'ond'ela esté, nin un home*

105. Em Cornes

Primeiro há seis oitavas de heptassílabos com rima assoante nos pares. A seção segunda é de dodecassílabos ou alexandrinos de treze sílabas, de igual rima em estrofes de quatro, cinco e dous versos. A terceira, de três sextilhas de hexassílabos, com a mesma rima.

8 *as rosas, tamén fan guizos.*

Dão pode substituir o contracto *fã* dialetal.

Etimologia de *guiço* (e *gancho*): Coromines viu *gancho* ser o célt. *GANSKIO- “ramo”. Donde o ant. gaélico *gésca*, próximo do galo-românico *GANSKARIA, que deu fr. *jachère* “barbeito”. A sorte do grupo *-nskio-* não difere da de *fascia* > *faixa*. Os dous têm metátese das consoantes: *-scio-* > *-csio-* > *-χsio-* > *-ișo-* ou *-ižo-*. O caso de *gancho* é próximo do de *Sanctius* > *Sancho*, de africada resultante surda: *GANSKIO- > **gancsio* > *ganço*.

Guiço “acha; ponta de ramo; restos de lenha”, galego e nortenho, foi a meu ver adjetivo de *GANSKIO- no céltico hespérico. *Guiço* não é geral, mas Leite de Vasconcelos topou-o no Norte. Regista-se desde o XVIII, no P. Sarmiento, que define “cadabulho; tição”. No XIX, Reguera diz ser “fragmento de lenha”, e regista a var. *guinço* (*guinzo*). Rodríguez e Pintos destacam o de “chamiço”. Diz aquele ser igual a *ganço*, var. de *gancho* banida da fala comum por homofonia com *ganço* “ganho”, mas viva nos falares galegos. Têm *guinço* Reguera, Otero e C. Garcia, todos bons conhecedores do galego oriental.

Gui-, sílaba rara em românico, amiúda em palavras do germânico (*Guilherme, guisa*) e do céltico (*Guísamo* < *GONÍSAMON “a Batalhíssima, a batalha mais grande”). É o tema verbal *GONI- “abater, ferir; combater”, do indo-europeu **gʷhen-/ *gʷhon-* “abater; combater”. Em céltico é verbal e nominal: gaél. *guin* “abatimento, ferida” (< *GONI) é substantivo e o nome verbal de *gonim* “eu firo, abato”.

O tema explica *guiço-guinço*. A variante nasalada nota um étimo *GONITIO-, participio pretérito passivo do tema verbal, logo “abatido”. Apondo o suposto modificado, eis o sintagma *GANSKIO- GONITIO- “ramo abatido”, que ilumina o conjunto das aceções recolhidas nos léxicos e di-

cionários, em síntese “ramo pequeno, peça de madeira, sempre separados da árvore donde nasceram”.

Ao cair a palavra no rio românico (enquanto duravam falas célticas montanhesas), nos três últimos séculos do 1º milênio dá-se a queda dos N intervocálicos. O ditongo a surgir trás a queda, alterado por metafonia, foi absorvido. O curso seria assim:

*GONITIO- > séc. VI [**gūniitsu*] > séc. VIII [**gʷiitsu*]
> séc. X **guiinço* [*gʷitsu*] ou **guiço* [*giitsu*]
> *guinço* [*gʷsu*] ou *guiço* [*gisu*]

13 *Rio abaixo está o moíño,*
24 *dirá que as dores fan lama!*
38 *Ile preguntei cariñosa,*
39 *y ela contesta sorrindo,*
40 *têm monossilábico.*
47 *reposo, co as ansias feras*
48 *que abaten o inxel esprito!*
51 *..en ti ó postreiro rayo*
55 *baixo é só adjectivo.*

O *baixo* preposicional que às vezes aparece não é outro que um decalque da moderna preposição castelhana *bajo*. Temos *sob* e as locuções *embaixo de*, *debaixo de*. Aqui há aférese duma destas.

58 *¡Tal de Memnon s'oián ô amañecer n'a estatua,*
60 *Ódiote campo fresco,*

É difícil evitar a forma *verbal* castelhana (*yo*) *ódio*. Pôr o nome substantivo *ódio*, num giro equivalente, pode solucioná-lo. Repete-se no 66 e no 77.

67 *que o sol poniente alumá,*

Cuido ser melhor pôr o castelhanismo *alumbrar*, já recebido, antes que o *alumar* frequente em Rosalia, que é decalque sem tradição.

73 *rio, cal n'outro hermoso*
77 *é porque así vos ódio!*

106. São Lourenço

Dez sextilhas, as nove primeiras de um eneassílabo e cinco hexassílabos, a última de três eneassílabos e três hexassílabos, de rima assoante nos pares.

2 *iban á abrochá-l-as rosas,*

3 *dixen –¡Em onde, Dios mio,*

O mesmo texto reproduz-se no verso 39.

8 *amostrando as sus raices,*

10 *que xa de musgo se visten,*

12 *tan soyo de cousas tristes.*

13 *O alciprés que direito s'asoma*

21 *soyo, cal s'inda n'ó Gólgota*

24 O presente uso de *lhe* por *lhes* é frequentíssimo.

34 *antr'o buxo, as dixitales,*

O paragógico *lugare* do 36 salvará o *dixitales* singularizado.

48 *coidaba os desamparados!*

Quer põe-se *cuidava dos desamparados!*, com o regime desta acentuação, quer se substitui o verbo por um sinônimo de cor próxima. Parece melhor isto.

107. Para a Havana!

Cinco movimentos da sinfonia da emigração endêmica, no ponto de crítico agravo. O primeiro, da miséria expultriz: pentassílabos em quatro quadras e rima assoante. O segundo põe a olhada na alma dos expelidos: hexassílabos e decassílabos, também em quatro quadras da mesma rima assoante. O terceiro fala plasticamente na partida e antecipa a dura sina: os mesmos metros, em cinco quadras e uma sextilha, com a mesma rima assoante. O quarto descreve o ânimo esforçado, numa métrica similar. O quinto e último resume essa hemorragia do ponto de vista da Terra, das mulheres e filhos, em heptassílabos.

22 *séntase caviloso e pensativo,*

24 *co'á vista levantada hacia ó infinito.*

29 *¡Van á deixá-l-a patria!...*

Não é construção de futuro perifrástico castelhanizada: *Vão deixar a pátria!*, mas a perífrase equivalente a *Vão deixando a pátria!?*

32 *¡ay! ¡y adiant'está o abismo!...*

37 *Chilan as gaviotas*

Hexassílabo com hiato em *gaviotas*.

38 *¡Alá lonxe!... ¡moy lonxe!*

51 *ide á ver que foy d'eles...*

57 *Aquel que non veu nunca mais que a própria*

62 *o que medrano os robres!*

Medrano é dialetal pelo pretérito perfeito *medraram*. Melhor mudar o tempo e não a música, o ritmo e a cor do verso.

63 *Mañan é o dia grande já mar amigos!*

Além da medida, cumpre restaurar o género de *mar*.

64 *Acochar é “abrigar”.*

74 *e campos de soledad,*

75 *Têm* é bissílabo, cf. a pronúncia dominante em todo o domínio linguístico.

76 Às avessas, aqui *têm* deve pronunciar-se monossilabicamente.

108. Olvidemos os mortos!

Intento da ruptura com os laços profundos do inconsciente (o bosque). Passado oprobioso e super-eu lutam contra a esperança de vida feliz. Ao cabo as sombras espreitam e afinal vencem, e não haverá o que sente como profanação. Eneassílabos e heptassílabos de rima assoante nos pares em estrofes várias.

2 *E ante estes mudos testigos*

O cast. *testigo* está na rima. Troca-se por *testes*, sinónimo de *testemunhas*, e também *mudos* por *tranquilos*, que passa a rimar.

8 *que a recordanza é un martirio.*

11 *Erva trevinha* será simplesmente *erva de trevo*.

12 *alfombra ô arredor sombriso*.

Rosalia pôs provavelmente *redor* e outra mão mudou para *arredor*. Ela, com o seu agudo sentido métrico, nuncar construiria o heptassílabo assim.

13 *Rebuldar*, só galego, é “retouçar, trebelhar”, de **rebullitare*.

17 *Sin amar cal é negra esta vida*

19 *deixa que o sorbo postreiro*

21 *Din que dorme o privado n'o leito*

26 *o zoar ronco d'os pinos!*

28 *sereos dend'o monte arisco*.

29 *E pares que trasvexo antr'a brétema*

30 *n'as vaguedás d'o infinito*

31 *o perfil trist'e emborrado*

32 *d'os meus ensoños perdidos*.

33 *E que adustas m'axexan as sombras*

Assejar e mais *axejar* vêm de *ensejar* por troca de “prefixo”, mas mudaram de leve o sentido para o de “espreitar”.

36 *e d'os meus delores vivos*.

37 *¡Mais n'importa! Da antiga devesa*

40 *Dime... o que tantas oiron*.

43 *dormentes, din qu'o amor n'eles*

55 *o hastio lento penetra*

109. Terra a nossa!

Oito movimentos, a oscilar entre a beleza da terra e a miséria que expelle dela, em decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos versos pares.

1 *Baixo á prácida sombra d'os castaños*

Não existe a preposição **baixo*, que surge aqui por decalque do castelhano. *Castanhos* não é o geral *castanheiro* nem o gal. *castinheiro*, mas obrigado pela medida.

3 *baixo aquelas frondosas carballeiras*
 4 *que fan doce o vivir,*
 5 *cabe á figueira d'a paterna casa*
 8 *falas se din ali,*
 9 *risas que s'oyen n'as serans tranquilas*
 19 *un-as paredes tristes e desnudas*
 21 e 22 . *e d'as que naide despoxarte pode: / ¿Naide ?... a miseria, si.*
 30 *y as portas fan xemir.*

É preciso manter a local forma contracta da 3ª pessoa do presente de fazer.

Pela rima também é preciso buscar um verbo sinónimo da 3ª conjugação.

35 *¡Non, non! que o inverno xa pasou y hermosa*
 37 *¡Xa os árbores abrochan n'a horta sua!*
 41 *xa á terra pode traballarse, a fame*
 43 *¡Ay ! o qu'en ti naceu, Galicia hermosa,*
 44 *Quere com paragoge.*
 46 *que a tua sombra me das!*
 60 *y hastra ó meu leito van,*
 63 *Lámpara hermosa, eternamente hermosa.*
 65 *Esos varios sendeiros d'as montañas*
 66 *òs fondos vales cân...*
 67 *Aló enriva o sun sun d'os pinos bravos,*
 70 *salvaxen soledá,*
 77 *por antr'as follas, n'as sus alas trâen*
 78 *romores da ciudad,*
 89 *pequeno paraíso, est'é un remedo*
 98 *que hastr'os corazós van,*
 99 *esta terra, n'hay duda... Díó-l-a fixo*
 100 *pra ser amada e amar.*

O metro muda de hexassílabo para heptassílabo.

104 *non curan os seus mals!*
 109 *que aló está ó corpo n'as rexiós alleas*

111 *que só viven, só alentan c'as lembranzas*
 121 *¡Que hermosa te dou Dios, terra querida,*
 127 *n'esa coroa que á tua testa ciñe*
 136 *tan só pra t'alabar.*

110. Teci soa a minha teia,

Heptassílabos com rima assoante nos versos pares.

2 *sembrei soya o meu nabal,*

Só, soa ou soia? Cumpre saber desde o início o género da voz a falar. Logo vai a forma original, dialetal e arcaica.

6 *asi morra coa carrax* (por *carragem* “sanha, coragem”)

7 *el non há de virm'a erguer,*

8 *el xá non me pousará.*

16 *sinto negras soĩdás.*

18 *ninguen sabe en onde vay...*

22 *vem e dime en ond'está.*

Antes temos posto *adonde*, dialetal e arcaico, talvez dicionarizado em português por um critério de generosidade.

111. Os mananciais ensecam,

Três quadras de hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

1 *Os manantiales sécanse,*

2 *ôs robres caenll'as folhas,*

Pela medida, *caem* deve ler-se como monossílabo.

3 *pero á tua yalma é plena primadera,*

7 *n'apagará á tua sede o que outros beben*

Em boa prosódia há doze sílabas. Rosalia tinha grande sentido métrico, mas contava com a técnica aprendida do castelhano. Na sua língua era intuitiva. Cumpre refazer a ordem, sem excluir o *che* local.

8 *n'as auguas maldecidas.*

11 *ven hastr'á miña tomba paseniño,*
Passeninho “devagarinho”

112. Dor alheia nao é minha dor

Três quadras de decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

3 *mais o peor de todos é o traidore*
7 *entregados á un dor que se non mata*

113. Como vendem a carne no mercado,

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos versos pares.

2 O galego *jurafás*, expressivo, lábil, registava-se até há pouco desde o séc. XX: *xurafaz* “blasfemo” em Leiras Pulpeiro (1906); “desalmado, cruel” em Carré (1928), mui repetido; “inumano, falto de consciência” acrescenta Eládio R. González. F. Grande (1972) traz “pequeno mau, travesso” e junta *jurafá*, definido “homem atravessado que frui fazendo mal”. F. Valverde (1926) testemunha *xurafás* “desalmado, irascível, provocador, que se jacta de valente”. Sem etimologias, associava-se a *Caifás* e *Judas*. Mas agora Carlos Durão aduz uma antiga e indireta documentação, da que eu nada sabia: Gil Vicente já fala no *Vale de Jurafás*, clara alusão ao Vale de Josafat, cenário do Juízo Final para o profeta Joel. Esse (*Vale de Jurafás*) é decerto um cruzamento entre Josafat e a palavra vulgar que nos ocupa, tão próxima nos sons.

É forma latina aplicada aos blasfemos que ousavam jurar falso, e depois a mentirosos em geral. A segunda parte não é *falsus*, é o lat. *fās* “o que é lícito (no direito divino)”, “a Palavra Divina pronunciada”. Recua a concepções do paganismo. *Jūro fās* “juro que digo o que é justo e pio”, usado e repetido por (*is qui*) *jūrāt fās* “aquele que jura que diz o que é justo”, com o seu protesto enfático, veio por ironia dar a imagem do mendaz blasfemo.

5 *–Matoute á penas, sin piedá, e deixoute,*

10 ¡Odiate!... ¿e n'ó odiarás?

É preciso mudar a sintaxe para manter sentido, ritmo, medida e cor.

11 –*Anque m'odie, e me pise, e me maldiza,*

13 –*¡Mal haya a tua constancia, probe tola,*

Mália é hoje só galego. Interjeição “mal haja!”, conjunção “apesar de”.

15 *Mas anque ti o perdone, Dios qu'é xusto*

19 –*Fiádevos em Dios e non corrades*

Confiai deve pronunciar-se em três sílabas.

21 (*Un-ha vella que pasa*) –*Aquel que as fixo*

29 *Pero dichos'aquel que inda morrendo*

114. Foi a Páscoa enxuta,

Duas quadras de pentassílabos com rima assoante nos versos pares.

3 *a Galicia á fame*

8 *têm aqui é monossílabo.*

115. Não cuidarei das roseiras

Heptassílabos com rima nos pares.

1 *Non coidarey xá os rosales*

É preciso mudar o regime de *cuidarei* e traduzir o cast. *rosales*.

2 *que teño seus, nin os pombos,*

Do cerzido anterior vem estoutro.

116. Eu levo uma pena

Pentassílabos com rima assoante nos pares.

11 *vos soyas sabedes*

15 *â sombra d'un pino*

26 *bon Dios que n'a rexo.*

29 *Cômaro = cômore*

30 *têm* aqui é monossilábico.

33 *un sigro tras d'outro*

117. Meus pensamentos, qual voais tolos!...

Quadras de eneassílabos e tetrassílabos com rima assoante nos pares. Os tetrassílabos da edição original são incertos na contagem, flutuantes para pentassílabos. Aqui foi cómodo fazê-los pentassílabos.

2 *¿A donde vâs?*

Adonde, talvez castelhanismo, está arraigado e é útil às vezes, sobretudo para substituir o frequente e incómodo *en donde*. Mais grave é o cast. *vais*, que está trás o contracto *vâs*. *Ides* ou *vades* não servem pela rima. Opta-se paralelizar: *voais*. Não será *vâs* uma gralha tipográfica por *voás/voais*?

4 *naid'ó sabrá.*

11 *¿Por qu'ís decote ¡ay! s'a donde ides*

13 *Cal palomiña buscás á llama*

Quadra recordar que aqui *palomiña* ou *pombinha* é inseto atraído da luz.

118. Viver para ver

Pentassílabos de rima consoante complexa.

1 *Marchache-te un día*

Marchar-se é castelhanismo arraigado nos falares galegos por “ir-se embora”.

2 *ti, aquel qu'eu queria,*9 *paloma sin feles,*

16 *delor nos ofrece*

23 *te levo, antre tanto*

25 *¡ti espera! pois xuro*

31 *¡Que bem que compriche,*

32 *palabra que diche!*

A complexa rima pede qualquer substituição plausível.

119. Nao é de morte

Eneassílabos de tom na 4ª com rima assoante nos pares.

–¡Xa estás de volta Rosa d'Anido?

A sinérese impossível em *Já estás* exige tirar o prescindível.

3 *Y as meigas todas contigo, Rosa,*

4 *aló n'a vila seica andiveron,*

Andiveron, anômalo, está na rima. Cumpre substituí-lo por palavra que rime, e logo mudar todo o que daí pende, nos versos 3 e 4: *Sei-ca as meigas têm feito tudo contigo, Rosa, lá na vila*, em vez de *Alô na vila sei-ca andaram as meigas todas contigo, Rosa*. Ficam o sentido, o metro com o ritmo acentual e a rima.

5 *que de difunto tès á colore*

9 *mais... colorosa, me verás logo*

14 *cando tan soyo sey pensar n'eso?*

A rima determina de novo mudanças, dentro do espírito da autora: *quando tão só já eu nisso penso?*

15 *cando tan soyo sey pensar n'eso?*

19 *n'o mes d'agosto dendes que á lua*

22 *de tí apartada, d'a terra lexos...*

Lexos é castelhanismo cru. Pela rima pomos o *arredo* arcaico e dialetal.

23 *Pero e tí, dime, ¡não t'acordaches*

24 *e non t'acordas de todo aquilo?*

27 *Y ademais, Rosa, direicho todo,*

28 *pra que non volvas a pensar n'esto*

33 *Dime meniña s'um home pode*

34 *cargar com tantos recordos d'estos,*

Relembros não é habitual, mas ocasionalmente pode ser nome de verbal de *relembra*r, aqui necessário.

37 *Quíxente un día, quíxente Rosa,*

No galego comum *che* serve a distinguir *querer* “buscar” de *querer* “amar”. Na língua comum também existe diferença de regimes, mas

a redução da 2ª pessoa do sg. na conjugação, diminuiu radicalmente a distinção, só presente em *querer-lhe* perante *querê-la/querê-lo*. Esse uso popular é hesitante em Rosalia pelas interferências da educação formal em castelhano.

38 *mais di un-ha copra, que ô amor y o vento*

39 *des que fixeron o seu facido,*

Este *fazido* é forma analógica não vista alhures. Pomos *sua feitura*.

40 *vanse rapaza como viñeron.*

Difícil manter a rima.

41 *¡E que lle vamos á facer, Rosa,*

42 *s'aquestas cousas non têm remedio!*

Procura-se evitar o arcaísmo *aquestas*, de dúvida persistência no séc. XIX, e a par a pronúncia monossilábica de *têm*.

120. Quero-me ire!, quero-me ire!

Três quadras de heptassílabos com rima assoante nos pares.

2 *Para donde no-no sey.*

4 *¡Para dond'ey de coller?*

5 *“Não sossego a causa de uma inquietude”*

6 *que non me deixa vivir,*

10 *din alguns que a morrer van;*

121. O meu perfume mais puro

Oitava de heptassílabos com rima assoante nos pares.

1 *O meu olido mais puro*

4 *s'é que d'o mar fora onda*

As ondas pelo hiato.

7 *si Dios... mais bem sey que ti*

122. Médico, dói-lhe a cabeça...

Duas quadras de heptassílabos com rima assoante nos pares.

5 –*Para infirmidás d'as almas*

É preciso *da alma*, que conta duas sílabas.

8 *quizas n'o céu sandará.*

Sandar é forma das Rias Baixas, vinda de um **sanitare*.

123. Em-que me deis vinho do Ribeiro de Ávia,

Três quadras e um dístico de hendecassílabos, todos com a mesma rima assoante. As estrofes são apenas perceptíveis no ritmo semântico, marcado na palavra *falta*.

1 –*Anque me des viño d'o Riveiro d'Avia,*

2 *todo-l-os almibres, e toda-l-as viandas,*

3 *d'as que os reises comen e no mundo haxa,*

Nas falas galegas corre o plural anómalo *reises*, formado a partir do singular *reis*, por sua vez vindo do nominativo *rex*.

5 *Anque me trayades com'um santo en palmas,*

Aqui e nos vv. 6, 7 e 11 veem-se as arcaicas formas não contractas da 2ª pess. verbal, vivas numa parte dos falares galegos, mas não gerais, como patenteiam os *dês* dos vv. 1 e 9, que não são de 2ª singular – como entenderam em geral os editores, iludidos pela escola castelhana – mas de 2ª plural, contração de *deis*. O confluir fónico dos *deis-dês* de 2ª plural com os *dês* de singular, mais o arcaísmo do tratamento de 2ª plural, junto da vigência no castelhano do de 2ª singular, foram as causas.

13 *d'a esperanza hermosa cortaronm'as alas*

14 *e n'hay alegría si n'hay esperanza.*

124. Desde aqui vejo um caminho

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

7 R. Carvalho Calero aclarou este *anda ao feito* nos seus *Estudos Rosalianos*, Galáxia, Vigo, 1979, p. 160. *Andar ao feito* é *jogar o jogo das escondidas*, de tantos nomes. É de Lugo e outros lugares, mas não geral na Galiza. *Tulé* abunda na Corunha.

8 *Mais alá = acolá.*

21 *xa en San Andrés te deteñas,*

23 *xa, en fin, te perdas... ¿quén sabe*

24 *en donde? ¡qué mais me dá!*

25 *que oxalá en ti me perdera*

É preciso fazer sinalefa em *em ti oxalá*.

29 *y eu quedo encravada en onde*

33 *de min mesma, naide, naide,*

34 *naide me libertará.*

125. No claustro

Heptassílabos de rima assoante nos pares.

8 *y ali se quedou soíña,*

10 *cabe un-ha arcada sombrisa...*

18 *e con amarga sorriso*

O acastelhanado *sorriso*, trocado pelo pret. imperf. *sorría* na rima, gera mais mudanças.

22 *Bagulha* é diminutivo de *bágu* “lágrima”, as duas velhas palavras de origem controversa.

26 *eu soya vou de fuxida.*

32 *testigos d’a pena miña;*

35 *Sonaron pasos n’as bóvedas,*

Soaram é bissilábico aqui.

41 *ríase d’as ânsias negras*

42 *e d’a orfandá d’a meniña.*

126. Como lhe dói a alma,

Hexassílabos com rima assoante nos pares.

- 4 *non para c'a delor.*
10 *sandar d'o corazón.*
13 *que o polvo torne ô polvo,*
14 *y o esprito, ô ceu, bon Dios.*

127. Ao sol fui quentar-me,

Pentassílabos com rima assoante nos pares.

8 *Irto* ou *hirto*? Veja-se a opinião de Coromines, no DCECeH, sub *erguir*. A meu ver, a ser certa, devera mudar-se a grafia.

14 *ingelinho* é aférese de *singelinho*, gerada por sândi. Regista-se desde o XIX.

Estravis define: 1) De pouco peso; leve, ligeiro. 2) De pouco corpo; delgado, fino. 3) Vestido com pouca roupa. 4) Singelo, ingénuo.

128. Sempre pela morte esperas,

Uma oitava de heptassílabos de rima assoante nos pares, seguida duma quadra de três hexassílabos e um decassílabo de rima similar.

- 4 *poden matar d'un-ha vez?*
5 *nunca que son coma o ético,*
Héctico por *mal héctico*, quer dizer, substantivado.
8 *xa non têm que comer n'el.*

Os monossilábicos *têm* e *nel* aqui aconselham tirar o segundo, sem perda da rima, e recuperar a pronúncia bissílaba de *têm*.

129. Que lhe digo?

Hexassílabos e decassílabos com rima consoante complexa.

- 2 *â tua muller Antona, ¿qué lle digo?*

Hífen anómalo para notar o *tua* monossilábico: *tua-mulher* soa trissílabo.

4 a *petar comigo* “chamando-me” (“maçando”). *Petar* “bater, nomeadamente na porta” é geral nas falas galegas. A meu ver a etimologia é interessante a todo o domínio, onde o vulg. **palettare* tem dado muitos derivados. Algo mirrada no português comum, a família abrange *peta*, *petar*, *petegar*, *peto* e *petiscar*. Na Galiza é viçosa. Porei a ideia cronologicamente, como se fosse provada.

Para Ernout-Meillet, o indo-europeu **pagslā* “o que se mete, afunda” deu o lat. *pāla* “enxada de ferro; engaste de anel; pá para joeirar trigo” e “omoplata”. Tem vasto eco românico: *pá* “instrumento”, o castelhanismo *pala* “peta”, e... *peta!*, que a meu ver nada tem com o gr. *πίπτα* “pez”. Caminho mais singelo há no Ernout-Meillet; aí se lê *paleta* estar nas glosas latinas, que logo deve ler-se *pāletta*. É, com efeito, existia no vulgar.

A *pāla* tinha vários feitios, para meter e afundar, e duas ideias, “pico” e “plano de gume cortante”, as duas claras nas ferramentas a entrar na terra pungindo ou talhando. De “pico pungente” e “plano cortante” saem duas vias semânticas que se misturam. A seguir vejamos o desenvolvimento nos falares galegos.

Na língua, o *pāletta* das glosas daria *peta*. Existe com valor latino? É e muito: *peta* é “enxada, picareta para lavar, cavar e remover a terra”. É “capricho” (“o que pica, prui”) e “parte chã do eixadão”. Há *petar* “chamar batendo na porta” (“picando”), “caprichar-se, antolhar-se algo” (picar = pruir), “romper os torrões grossos que o arado faz”. Eis *petada* “active ou declive curto; encosta bem pensa” (*pala* em aragonês e catalão), “pão molete” (**pālētāta* > *petada* como **pālāta* > *pada*), “grande pão de milho, broa que pesa até um ferrado, opado no centro e chato arredor” (cf. cast. *paletada* “o que o padeiro mete de vez no forno”), “doce de pão de ovo a servir com o chocolate”, “o que cabe colher de vez com a *peta*”, “arbusto que dura vivo mais de dous anos”. Além disso, *petada* faz parte de locuções nas que significa “golpe (de *peta*)”: *não dar petada* “não fazer cousa de proveito”. A série de *peta* segue: *petadeiro*, *petador*, *petadura*, *peta-pouco*, *petola*.

De *peta* “pico” vem *peto*, que por sua vez gerou larga progénie. Nada é pré-romano aqui. *Peto* “cabo do podão pela parte oposta” é *peta* na língua comum, como “pico” que é. *Peto* “pica-pau, pico” gerou *peteiro* “bico de ave; a ponta bota de ferramenta cortante”. *Peteiro* “bico” deu *peteirar* “bicar (as aves); pe-tiscar a comida”. De *peto* vem decerto *petiscar* e o deverbais *petisco*. *Peto* com outro sufixo diminutivo deu *petelo* “pinças grandes de pau usadas na *petela* ou debulha das castanhas”. De *petelo* virá o brasileiro *peteleco* “golpe da pon-ta do dedo médio, em geral nas orelhas”. De *peto* e sufixo aumentativo, *petão* “ponta surgente de uma pedra no mar”. *Peto* foi “pedra alta, penedo pontiagu-do”, como no composto *petouto* “grande penedo, proeminência” (< **pālettu- altu-*). A deriva de *peto* foi longuíssima: os pagãos viam os *lares viales* nos penedos à beira dos caminhos. Batizados estes *petos*, foram *petos das almas*, virados altares rústicos nas encruzilhadas com alcanzias para esmolos destinadas a preces pelas almas do purgatório. Esquecido este sentido de *peto*, aí a imaginação popular destacou o que lhe atraía. Doravante o *peto* foi alcanzia ou cepo. Contribuiu o parente *petar* “chamar à porta batendo nela”, pela portinha e pelo ruído das moedas. Pronto *peto* passou a ser qualquer tipo de alcanzia, mesmo o bolso em que se leva o dinheiro.

Pāleṭta inclui o sufixo românico *-itto-* ou *-lṭto-*, de origem complexa. O timbre da tónica de *peta* é aberto pela crase do encontro vocálico em **paeta* > *peeta*. Robora-o Aníbal Otero: “*peta* tem E aberto”. *Peto* fecharia por metáfora. Na maranha de derivados, a paretimologia induziria algures a nivelção para o timbre fechado, menos comprometido, cf. a etimologia *πίπτα*. Não estão todas as palavras da família aqui; muitas faltaram à multitudinária apresentação.

5 O cast. *testigo* não pode escusar-se a causa da rima consoante.

6 *Adoito* “acostumado, afeito” é o medieval *doito* que sobrevive na Galiza. Do lat. *ductus*, participio de *dūcere* “conduzir”, segundo Coromines.

9 *e mellor que alá broa, é aqui bizcoito*.

23 *s'é que Antona está ala, teño aquí a Rosa*.

26 *pero em verdad che digo*
 28 *e xa qu'esto asi o sea,*
 32 *–A nosa é a que nos quer e nós queremos*
 35 *Cóbrega “cobra” será eco de um vulg. *colobrica, adjetivo do*
*vulg. *colobra, clássico colubra. A palavra latina designava as serpentes*
peçonhentas; assim é verossímil o matiz de modificador permanecer no
eco românico.

37 *e co'á sua vida paga.*
 39 *con que lle paga, dime, á tua concencia?*
 40 *¿Que cura d'o seu dor á fonda llaga?*
 41 *–Deixate de concencias e delores*
 42 *Aqui têm é regularmente bissílabo.*

130. Tenho um ninho de tolos pensamentos,

Decassílabos e hexassílabos de rima assoante nos pares, e outras erráticas.

4 *y ó lume esta alcendido*
 6 *Curruncho “recanto”*
 7 *mentras que quence ó caldo, estonces digolles*
 10 *tan contentos d'estar soyos connigo,*
 11 *c'a sua nay, sua dona,*
Sua-nai com hífen para notar o bissilabismo.
 15 *d'el que por irse alá... soya deixoume*
 14 *e sempre d'él Dios mio!*
 20 *d'o meu peito sairon!*
 23 *non foran á pensar que marmuraba*
 24 *d'os feitos qu'él me fixo.*
 27 *que ti és meu home eu tua muller e debo*
 32 *que só din o qu'eu quero e lles premito.*
 35 *estalar de dor, tal com'estalan*
Estalar é clara gralha por estalara no decassílabo.
 39 *Vêm aqui é monossilábico.*

40 *e donde ti dormiche fan ó niño,*
43 *os ollos coma brasas alcendidos*
49 *e despidoos de paso*
53 *¡Volve, volve onda mim, porque anque diga*

O pronome oblíquo trás *onde* é galego dialetal, aqui obrigado pela medida.

56 *seica m'axudan á morrer, Dios mio!*

131. Basta uma morte

Heptassílabos com rima assoante nos pares.

4 *está enfermo* tem aqui aférese irregular da segunda palavra: *está'nfermo*.

132. As torres do oeste

18 sextilhas e uma quadra de pentassílabos com rima assoante nos pares.

9 *A Virxe sabrayo,*
23 *e soya-l-as veigas*
29 *Mais muchas estonces*
44 *poñendome medo,*
46 *se m'apareceron,*

Perde-se a rima, mas não encontro remédio.

55 *Soidás me consomen,*
63 *m'afrixeu o esprito,*
69 *a marea viva*
70 *“batia nas torres”*

72 *Sava e savã* “lençol” vêm do lat. *sabāna*, plural de *sabānum*.

Subsistem em galego com ajuda do castelhano.

80 *malas tentadoras*
86 *tan soyas e mudas*
94 Neste e no 96 a paragoge é precisa para a rima.
101 *que ô inferno encamiñan*

133. Por quê?

Quadras de hexassílabos e decassílabos de rima assoante nos pares.

1 *¡Escoita! os algoasiles*

As edições posteriores pluralizam o imperativo, o que muda a cena e faz do verso um heptassílabo, contra o perfil claro do poema.

5 *têm bissilábico.*

6 *têm aqui é monossilábico.*

7 *por portas “mendigando”*

9 *¡Mala morte vos mate*

10 *antes de que aqui entredes*

14 *porque hay un Dios que premia e que castiga,*

18 *qu’este é un valle de lágrimas!...*

134. De solidão morria

Quadras de hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

1 *De sóidas morriase,*

12 *en vez de dárll’alento a iñan matando.*

Metro irregular na ortoépia pura. Cumprir tirar *alento* e pôr bissílabo oxítono.

13 *Algun-ha vez chegaban hastra ela,*

15 *uns agrestes olidos*

16 *de leixanas ribeiras e pinares.*

21 *¡E iñase á presa e sin remedio!... Iñase*

31 *Mellor que aca antre rosas*

135. Pois consola-te, Rosa,

Hexassílabos e decassílabos de complexa rima quase sempre consoante.

16 *y olor, color, sabor, qu’eu ben sabia*

26 *y eu busca que te busca n'a sua cara,*
 Parece melhor substituir *na* do que fazer monossilábico *sua*.
 29 *e n'o poiden topar de ningun modo.*
 30 *Y ela era a mesma, tan lanzal e hermosa,*
 35 *e d'o pasado en vano perseguia*
 49 *por que ô basta c'ó sere.*
 51 *s'és fea, coma ti, n'habrá mullere*
 56 *tès a esencia y a gracia bendecida*
 58 *donde sô, o amante cego e visionario*

Pela medida e o ritmo foi preciso suscitar o arcaico *u*, que na Galiza sobrevive seguido do artigo determinado na velha forma não intervocálica (*u-lo pão?* < *ubi illum panem*) ou do pronome de objeto direto ou acusativo *o*, *a*, *os*, *as*, na forma segunda (*u-la?* < *ubi illa?*).

66 *des que a gasa se rompe, e a nube pasa*

136. Coa pena ao lombo

Decassílabos e hexassílabos com rima assoante nos pares.

Ao lombo = nas costas
 2 *Encaixe é castelhanismo por "lavor de renda".*
 6 *Com'alento d'os anxeles!*
 O alomorfo *anjes* pela rima.
 24 *n'as brêtemas leixanas*
 26 *que o sol pinta de grana,*
 31 *millor que aca antre rosas*
 32 *¡Ay! ¡quero ir á morrer á dond'el vaya!*

137. Tão só

Duas quadras de hexassílabos e decassílabos com rima nos pares.

3 *Mais ti tan soyo te recordas d'ela,*
 8 *y eu tan soyo n'a morte o ey d'atopar.*



v.4

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

VOLUME 2 QUEIXUMES DOS PINOS
E OUTROS POEMAS

VOLUME 3 CANTOS LUSÓFONOS



